

A Metamorfose do Património Industrial como Gerador de Oportunidades.

Proposta de Reconversão da Fábrica de Moagem de Bragança.

(Versão final após defesa)

Andreia Filipa Rufino Alves

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura

(2º ciclo de estudos ou mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Orlando Pedro Herculano Seixas de Azevedo

Junho de 2024

Folha em branco

Declaração de Integridade

Eu, Andreia Filipa Rufino Alves, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 37844 do Mestrado Integrado em Arquitetura da Faculdade, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Andreia Filipa Rufino Alves

Universidade da Beira Interior, Covilhã 11 /06 /2024

Dedicatória

À minha admirável, Piedade...

Folha em branco

Agradecimentos

Numa trajetória que se prolongou pelo tecer do tempo, vi-me imensa num processo longo e desafiador.

Neste caminho erguido por curvas arquitetônicas, encontrei apoio e inspiração nos pilares estruturais da minha existência, da qual agradeço ao meu pai pela sabedoria, e apoio incondicional, os alicerces a prova de tudo, sustentaram-me quando os ventos da incerteza se faziam sentir. À minha mãe, uma mulher forte, carregada de amor, que me moldou como ser humano, ensinou-me a lutar.

A Sofia por todo o carinho.

Aos meus Avós que me proporcionam raízes profundas que ligam o passado com o presente, que me inculcaram os valores da partilha, das memórias doces dos verões, obrigado por tudo, vocês são CASA.

Ao João, companheiro de risos, que compartilhou comigo o peso dos dias difíceis e celebrou cada conquista, o teu apoio e amor foram fundamentais neste caminho.

As pessoas incríveis que me estenderam a mão neste percurso, sem vocês não seria possível, estou profundamente grata... Obrigado, amigos, vocês são família!

E por fim, mas não menos importante, ao meu orientador Prof. Doutor Orlando Pedro Herculano Seixas de Azevedo, é um guia sábio neste labirinto acadêmico, as suas palavras foram um farol, obrigado pela forma bonita de ensinar arquitetura.

Folha em branco

Resumo

Cada vez mais, no contexto do património industrial, surge como pertinente continuar a dar vida às estruturas que fazem parte da história dos lugares, são o ponto de partida para uma evolução com força ígnea em realidades concretas e futuros inspirados.

Vivemos numa constante metamorfose onde as artes têm um papel fulcral. A presente dissertação pretende estabelecer, explorar, numa prática discursiva interdisciplinar, num caleidoscópio de influências, a relação, entre o cinema e a arquitetura.

Refletindo sobre o património industrial e a morfologia estrutural, urbana de Bragança, a vigente dissertação, sendo de carácter teórico-prática, apresenta como caso prático de projeto arquitetónico para a reabilitação de uma megaestrutura no contexto histórico da cidade, que em tempos deu lugar a uma fábrica de moagem e armazenamento de cereal, denominada fábrica Mariano & C^a, L^a.

O referido edifício começou a funcionar em 1925, mais tarde com a construção de uma nova unidade fabril em Macedo de Cavaleiros, pertencente ao distrito de Bragança, o edifício original passou a funcionar apenas como escritório, mantendo-se assim até a década de 90, do século XX. Desde então a edificação está devoluta. A valorização deste espaço, consideramos nós, poderá ser um passo importante para o desenvolvimento cultural, social e económico da cidade, resgatando assim a sua vitalidade, vindo a constituir uma evocativa memória industrial da cidade.

Propõem-se um novo programa, dando um novo destino à construção, fazendo emergir uma escola de cinema e um cinema, de forma a criar um dispositivo de mirada sobre a polis, apostando num florescimento social e proporcionando novamente a arte cinematográfica à região.

A arquitetura, neste cenário, dita o papel de narradora da história, a estrutura física de um passado industrial, assume-se como uma plataforma de criação de novas narrativas. A megaestrutura que testemunhou a produção de cereais em massa, dará palco a criação do conhecimento cinematográfico, neste sentido a arquitetura e o cinema dialogam harmoniosamente, convergem numa linguagem visual, e poética.

Palavras-chave

Bragança;Reabilitação;Cinema;Indústria;Polis.

Folha em branco

Abstract

Increasingly, in the context of industrial heritage, it is becoming pertinent to continue to bring to life structures that are part of the history of places and are the starting point for a fiery evolution into concrete realities and inspired futures.

We live in a constant metamorphosis in which the arts play a central role. This dissertation aims to establish and explore, in an interdisciplinary discursive practice, in a kaleidoscope of influences, the relationship between cinema and architecture.

Reflecting on Bragança industrial heritage and structural morphology, this dissertation, being of a theoretical-practical nature, presents as a practical case an architectural project for the rehabilitation of a megastructure in the historical context of the city, which once housed a grain milling and storage factory, called the Mariano & C^a, L^a factory.

This building began operating in 1925. Later, with the construction of a new factory in Macedo de Cavaleiros, in the district of Bragança, the original building became an office, and remained so until the 1990s. Since then, the building has been vacant. We believe that making the most of this space could be an important step towards the cultural, social and economic development of the city, thus restoring its vitality and becoming an evocative industrial memory of the city.

A new program is proposed, to give the building a new destination, creating a film school and a cinema, creating a device for looking at the polis, betting on a social flourishing and bringing cinematographic art back to the region.

Architecture, in this scenario, dictates the role of storyteller, the physical structure of an industrial past, is assumed as a platform for creating new narratives.

The megastructure that witnessed the mass production of cereals will give way to the creation of cinematographic knowledge, and in this sense architecture and cinema dialogue harmoniously, converging in a visual and poetic language.

Keywords

Bragança; Rehabilitation; Cinema; Industry; Polis.

Folha em branco

Índice

Dedicatória	iv
Agradecimentos.....	vi
Resumo.....	viii
Capítulo 1.....	1
1.1. Introdução.....	1
1.2. Questão e objetivos	1
1.3. Relevância da investigação	1
1.4. Metodologia e Estrutura.....	2
1.5. Estado de arte	3
Capítulo 2	4
2. Contexto: Geomorfologia e climatologia do território.....	4
2.1. Arte Rupestre: Cine Arte nas Eras Primordiais.....	6
2.2. A evolução urbana.....	7
2.3. A Casa, a Rua, a Praça	14
2.4. Era Renascentista.....	17
2.5. Bragança como capital de Trás-os-Montes	20
2.9. A era Oitocentista: Do declínio ao progressismo da urbe.....	21
2.6. A cidade moderna ou arquitetura internacional.....	25
2.7. A presença do pensamento de Alfredo Viana de lima: A vinculação de Bragança com a arquitetura corbusiana	31
2.8. O Presente e o futuro.....	33
Capítulo 3	36
3.1. O Polis na cidade de Bragança.....	36
Capítulo 4	39
4.1. O cinema em Bragança	39
4.2. Cinema e Arquitetura: Correlação	43
4.3. A arquitetura enquanto personagem	44
4.4. Linguagens análogas entre as duas artes	48
4.5. Análise do filme “Coco” (A Vida é uma Festa): Animação numa perspetiva arquitetónica	49
4.5.1. Narrativa Arquitetónica.....	51
Capítulo 5	58
5.1. Moagem Mariano num resgate pela cenografia:	58
Circunstância Urbana	58
5.2. O tecido industrial em Bragança	60

5.2.3 Arqueologia Industrial de Bragança	61
5.3. Casos de estudo	69
5.4. Estudos que asseguram a configuração do projeto.	86
5.5. Proposta de intervenção.....	96
6. Considerações Finais	115
Bibliografia	118
Apêndices.....	122
.....	124
Desenhos técnicos (Proposta).....	126

Folha em branco

Lista de Figuras

Figura 1- Localização do distrito de Bragança (Majborodin, s.d.).....	4
Figura 2- Rede rodoviária nacional e regional (Lia Montanha).....	4
Figura 3 Imagem aérea da cidade de Bragança (Fernando Pimparel).....	5
Figura 4 Imagem aérea da Avenida João Da Cruz (Fernando Pimparel).....	5
Figura 5 Imagem aérea do Castelo (Fernando Pimparel).....	5
Figura 6 Imagem do Castelo de Bragança (Fernando Pimparel).....	5
Figura 7 Imagem dos Caretos (Fernando Pimparel).....	5
Figura 8 Imagem da Catedral de Bragança (autora).....	5
Figura 9 Imagem de pormenor, banco do polis (autora).....	5
Figura 10 Imagem de pormenor, cadeado de uma rotunda em Bragança (autora).....	5
Figura 11 Imagem de pormenor, quadro de Graça Morais (autora).....	5
Figura 12 – Topografia, indicação do crescimento da cidade (Autora).....	7
Figura 13 Plano do Castelo de Bragança (Arquivo Municipal).....	9
Figura 14 Plano da Fortaleza de Bragança, desenhado por Duarte D’Armas (Arquivo Municipal).....	9
Figura 15 Planta cerca medieval (Daniela Rebelo).....	10
Figura 16 Imagem do Castelo De Bragança (autora).....	10
Figura 17 Imagens do convento de são Francisco (https://www.flickr.com/photos/biblarte/24480206280).....	11
Figura 18 Representação de Duarte D’Armas – vista a poente. (Altamirano, 2014).....	12
Figura 19 Representação de Duarte D’Armas – vista a nascente. (Altamirano, 2014).....	12
Figura 20 - Sistema Urbano e malha conceptual.....	14
Figura 21 Colagem. O rumo além das muralhas, vivencias e sentimentos, rua Costa Grande em Bragança. (autora).....	15
Figura 22 A primeira civilização surgiu junto ao rio Fervença, água e alimento eram a prioridade. (autora)......	16
Figura 23 Século XII, a povoação foi crescendo intramuros, no cume mais alto da região (autora)......	16
Figura 24 Século XIV, a cidade ultrapassou a barreira física defensiva, e começa a estabelecer-se sobre o arrabalde para este, formando as primeiras ruas.....	16
Figura 25 Século XVI, é interessante perceber que a cidade tomou rumo em direção este, e assim se mantém até aos dias de hoje (autora)......	16
Figura 26 A azul representou-se a hipótese do traçado da Muralha Manuelina, a vermelho a hipótese do traçado da Muralha Setecentista. (autora).....	17
Figura 27 Marcação e delimitação do percurso entre as três praças (autora).....	19

Figura 28 Colagem. Entre vivências e liberdade de circulação, a Rua Alexandre Herculano como palco de convivências sociais. (autora).	21
Figura 29 Colagem. Trilhos do tempo, o transcendente encontro dos caminhos de ferro na cidade. A ideia foi criar uma atmosfera entre o passado e o presente. O fumo, representa os sonhos e a esperança de um futuro melhor (autora).....	24
Figura 30- Planta da cidade de Bragança, 1945, levantamento feito para o antepiano de urbanização de Januário Godinho.	26
Figura 31-Plano de Urbanização em 1946, onde percebemos as comunicações, expansões e zonamento, a primeira fase de crescimento, a sua tendência natural de expansão e as ligações de comunicação principais da cidade.....	26
Figura 32- Projeto de urbanização em planta, 1946, realizada por Januário Godinho. .	27
Figura 33- Planta da Praça Professor Cavaleiro Ferreira em 1950.....	30
Figura 34- Fotografia aérea da Praça Professor Cavaleiro Ferreira em 2023	30
Figura 35 Planta de planeamento de urbanização de Bragança da autoria de Viana De Lima. (Pinto T. A., 2017)	31
Figura 36 37 38 Fotos do Hospital em 1957 (Arménio Teixeira).....	32
Figura 39 40 41 Fotos do Hospital em 2023 (autora).....	32
Figura 42-Planta de Zonamento do PDM da cidade de Bragança atualmente. (Câmara Municipal de Bragança disponível em https://www.cm-braganca.pt/servicos-einformacoes/reabilitacao-urbana/plano-de-urbanizacao.)	35
Figura 43 Resultados do Inquérito. (Nascimento, 2008, p. 133)	37
Figura 44 Resultados do Inquérito. (Nascimento, 2008, p. 136)	37
Figura 45 Resultados do Inquérito. (Nascimento, 2008, p. 136)	37
Figura 46 Reflexos urbanos, polis em movimento numa simbiose entre o homem e a natureza, colagem da vivência. (autora)	38
Figura 47 Memórias em forma de bilhetes, colagem dos espetáculos realizados em Bragança. (autora).....	39
Figura 48 Colagem do cinema da Torralta, uma representação gráfica do edifício, entre a inauguração e o desfecho trágico, tendo como tela de fundo o desabafo das pessoas. .	41
Figura 49- Raízes culturais, Planta de equipamentos culturais (autora)	42
Figura 50 A Torre de Babel, College de Buster Keaton. (Botelho, 1999).....	44
Figura 51 Esboços de Pul Leni para o seu filme “Das Wachsfikurenkabinet, 1924. (Botelho, 1999).....	44
Figura 52 Esboço de Cesar Klein para Genuine – Die Tragodie Eines Seltsamen Hauses de Robert Wiene, 1920. (Botelho, 1999)	44
Figura 53 Esboços de Pul Leni para o seu filme “Das Wachsfikurenkabinet, 1924. (Botelho, 1999).....	44

Figura 54 Esboço do Arquiteto Hugh Ferriss para o centro de negócios da “Metrópole de Amanhã”, 1928. (Botelho, 1999).....	44
Figura 55 Esboço de Walter Reimann para Algol de Hans Werekmeistr, 1920. (Botelho, 1999)	44
Figura 56- “A Repetição como Espaço Fractal”, Imagem do filme (A Origem).	45
Figura 57- “O Contraste nos Cenários”. Imagem do filme (A Origem).	45
Figura 58- “O Desdobramento da Cidade”, Imagem do filme (A Origem).	46
Figura 59 Imagem do filme “Metrópolis” (Frame 18.42 minutos).....	47
Figura 60 Imagem do filme “Metrópolis” (Frame 4.16 minutos).....	47
Figura 61 Imagem do filme “O Encouraç Potemkin” (Frame 54.09 minutos).....	49
Figura 62 Imagem do filme “O Encouraç Potemkin” (Frame 55.27 minutos).....	49
Figura 63 - Igreja de San Juan Parangaricutiro (https://unusualplaces.org/san-juan-parangaricutiro-the-church-buried-in-lava/)	51
Figura 64 - Igreja que remata a praça no filme	51
Figura 65- San Andrés Míxquic Cemitério	52
Figura 66- Cemitério no filme Coco	52
Figura 67- Estátua de São Jorge Negrete (https://en.travelbymexico.com/guanajuato/places-to-visit/?nom=eguanguitarista).....	52
Figura 68- Imagem do Filme Coco (19:19:41)	52
Figura 69- “O mausoléu onde repousam as cinzas do maior comediante do cinema” Cantinflas.....	53
Figura 70-Interior da “Tumba” de Ernesto De La Cruz. Filme Coco (21:09).....	53
Figura 71 A ponte como um dos personagens principais do filme (24:28).....	53
Figura 72 A ponte surrealista como elo de ligação do mundo dos vivos para o mundo dos mortos (25:00).....	54
Figura 73 Conceito criativo da cidade dos mortos, sustentada pelo legado arquitetónico até aos dias de hoje. (25:35)	56
Figura 74 A receção é claramente inspirada na Art Nouveau e Art Déco (26:07).....	56
Figura 75 Detalhe da guarda das escadas (32:00).....	56
Figura 76 Estação de boas-vindas no mundo dos mortos, a representar a arte Nouveau (27:55).....	57
Figura 77- Imagem do Filme Coco (1:14:41).....	57
Figura 78- Panteão de Roma (B, 2014)	57
Figura 79- Bragança 2023 (Google Earth)	58
Figura 80 Fotografia da sala de Turbinas da antiga central.....	70
Figura 81 Delimitação do centro de Londres/	70
Figura 82 Conexões visuais	71

Figura 83 Envolvente física.....	71
Figura 84 Acesos	72
Figura 85 Espaço.....	72
Figura 86 Função - Dia	72
Figura 87 Função- Noite	72
Figura 88 Percurso.....	72
Figura 89 Acesos ao interior	72
Figura 90 Corresponde ao plano dos arquitetos paisagistas	73
Figura 91 Imagem da maquete do projeto	73
Figura 92 Vista exterior do edifício (Cardenete Pradillo, Irene)	74
Figura 93 Diagrama de simetria do edifício em corte (Cardenete Pradillo, Irene)	75
Figura 94 A estratégia de Aikido.....	76
Figura 95 As quatro entradas.....	76
Figura 96 Um corpo luminoso sobe o edifício	76
Figura 97 Sistema distributivo	76
Figura 98 Diagrama da simetria	76
Figura 99 Detalhe da Fachada, imagem do Arquivo de la Villa, Madrid (Jemene, 2017)	79
Figura 100 Estábulo, exposição e venda de ovinos. Imagem: Archivo de la Villa – Madrid. (Jemene, 2017).....	79
Figura 101 Demarcação dos espaços de criação e exposição (Jaque, 2024).....	80
Figura 102 Foto de pormenor da intervenção numa das naves (Jaque, 2024).	81
Figura 103 Fotografia do pavilhão com os mudulos (Jaque, 2024).	81
Figura 104 Corte longitudinal (Jaque, 2024).....	81
Figura 105 Fotografia e Corte que passa pela zona de conferências (Jaque, 2024).	82
Figura 106 Fachada principal da cineteca. (autor Fernando Guerra FG+SG).	82
Figura 107 Planta do primeiro piso (Churtichaga & Quadra-Salcedo, 2013).	84
Figura 108 Planta do segundo piso (Churtichaga & Quadra-Salcedo, 2013).	84
Figura 109 Corte longitudinal do edifício (Churtichaga & Quadra-Salcedo, 2013).....	84
Figura 110 Acesso vertical, segundo andar do arquivo de filmes. (autor Fernando Guerra FG+SG).	84
Figura 111 Pormenor do entrelaçado das mangueiras. (autor Fernando Guerra FG+SG).	84
Figura 112 Sala de exposições de obras de arte. (autor Fernando Guerra FG+SG).....	84
Figura 113 Imagem do interior do cinema, onde as mangueira são pintada de negro (autor Fernando Guerra FG+SG)	85

Figura 114 Imagem do interior do cinema iluminado (autor Fernando Guerra FG+SG)	85
Figura 115 Interior da sala de cineateca (autor Fernando Guerra FG+SG)	85
Figura 116 Espaço de convívio/bar (autor Fernando Guerra FG+SG)	85
Figura 117 Espaço totalmente flexível para varias atividades. (autor Fernando Guerra FG+SG)	85
Figura 118 Imagem aérea com identificação da área de intervenção (Google Earth)	86
Figura 119 Imagem da Moagem Mariano durante a construção da avenida João da Cruz (retirada)	87
Figura 120 Imagem da Moagem Mariano atualmente (Foto de Lia Montanha)	87
Figura 121 Envolvente física	88
Figura 122 Intramuros	88
Figura 123 Acessos diretos ao edifício	88
Figura 124 Conexões visuais	88
Figura 125 Vias principais	89
Figura 126 Fotografia do alinhamento face a avenida João da cruz e do muro em granito que delimita o terreno	90
Figura 127 Fotografia no interior do terreno, do bloco ao qual se destinava o armazenamento de farinhas.	90
Figura 128 Fotografia do recuo do edifício face a avenida João da cruz.	90
Figura 129 Fotografia do bloco destinado aos escritórios.	90
Figura 130 Fotografia do bloco junto ao tribunal.	91
Figura 131 Fotografia da rampa de entrada para o terreno.	91
Figura 132 Fotografia do bloco de escritórios e a rua que vem do shopping de Bragança.	91
Figura 133 Fotografia da fachada interior do bloco de escritórios	91
Figura 134 Fotografia das escadas do bloco de escritórios	92
Figura 135 Fotografia da entrada à cota mais alta do terreno	92
Figura 136 e 137 Fotografia do edifício sobe a Avenida Sá Carneiro	92
Figura 138 Fotografia relação com o terreno, o muro, as escadas e o túnel	93
Figura 139 Fotografia fachada do bloco destinado ao armazenamento, junto ao tribunal, direcionado para a Avenida Sá Carneiro	93
Figura 140 Fotografia de pormenor dos vários “layers” de construção	93
Figura 141 Fotografia de pormenor de um vão	93
Figura 142 Fotografia dos blocos com a fachada voltada para a Avenida Sá Carneiro, a norte	93
Figura 143 Planta da Moagem em 1954 (Câmara Municipal)	94

Figura 144 Desenho, espaços culturais (autora)	95
Figura 145 Foto aérea sobre a Avenida João da Cruz. (Fernando Pimparel, edição autora).	96
Figura 146 Indicação dos três pontos de vistas, nas três torres (autora).....	97
Figura 147 Corte, relação do edifício em estudo, com as torres, e a envolvente, Castelo, Sé, e Estação Ferroviária (autora).....	97
Figura 148 Fotos da maquete de estudo voltométrico do edifício (autora)	98
Figura 149 Estudo do posicionamento dos elementos verticais (autora)	98
Figura 150 Foto da maquete com os três elementos verticais (autora)	98
Figura 151 Foto do muro com a arte (https://earth.google.com)	99
Figura 152 A queima do Careto (Foto: Filipe Morato Gomes).....	102
Figura 153 Caretos (Foto: Fernando Pimparel)	102
Figura 154 Volumes preservados junto a Avenida João Da Cruz (autora)	103
Figura 155 Volumes preservado junto a Avenida Sá Carneiro (autora).....	103
Figura 156 Volumes descartados (autora)	103
Figura 157 Esquema volumétrico do corpo que se agarra ao edifício descrito anteriormente (autora)	104
Figura 158 Planta de cobertura	105
Figura 159 Colagem, ambiente, praça gerada pelo recuo do edifício (autora)	106
Figura 160 Desenho, perspetiva (autora).....	106
Figura 161 Desenho, “promenade”, atmosfera interior (autora)	107
Figura 162 Colagem, ambiente, estúdio de gravação (autora).....	107
Figura 163 Desenho, atmosferas, corredor entre pisos, luz (autora).....	108
Figura 164 Desenho, espaço de reflexão (autora)	109
Figura 165 Colagem, ambiente estúdio de fotografia (autora)	109
Figura 166 Desenho, sala de ensaio e armazenamento (autora)	110
Figura 167 Desenho, vistas da vivência do interior para o exterior, bloco do bar (autora)	111
Figura 168 Desenho, piso intermédio da torre direcionada para a Catedral (autora)...	111
Figura 169 Desenho, cinema exterior, relação do corpo projetado com as escadas (autora)	112
Figura 170 Desenho, vivência interior da sala de cinema (autora).....	112
Figura 171 Jogo de luz/ sombra desejada, atmosfera	113
Figura 172 Herzog & Meuron Caixa Forum Madrid (Foto de Duccio Malagamba).....	113
Figura 173 Desenho abstrato da ideia (autora)	117
Figura 174 – Maquete Bloco da receção, junto a Avenida João da Cruz	124
Figura 175 - Perfurações de Luz	125

Folha em branco

Lista de Acrónimos

GRP	Gabinete de Relações Públicas
UBI	Universidade da Beira Interior
DGEMN	Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
	Direcção Geral dos Serviços de Urbanização
DGSU	Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna
CIAM	

Folha em branco

Capítulo 1

1.1. Introdução

1.2. Questão e objetivos

A presente dissertação é de carácter teórico-prática, tem como caso de estudo o património industrial na estrutura urbana de Bragança, capital distrito, situada na região norte e sub-região de terras de Trás-os-Montes. Mergulhamos nas estranhas da cidade para perceber a sua estrutura e qual rumo deveremos tomar na intervenção, percebemos que o pulsar da evolução do tempo é uma melodia constante, uma cidade em transformações dinâmicas.

O caso de estudo, a fábrica de moagem Mariano & C^a,L^a, que em tempos representava a produção e o progresso, será transformada em algo que transcende as antigas engrenagens. Uma escola dedicada às artes cinematográficas e um cinema para usufruto público, entrelaçando a magia do cinema com o pulsar cultural da cidade, não será apenas um elemento de conexão urbana, mas também um despertar social.

Localizada na vanguarda da Avenida João da Cruz, foi um elemento estruturante em relação ao seu entorno, que marcou um novo centro cívico da cidade. Encaramos o desafio de dar vida a indústria adormecida, tecendo um novo capítulo na história de Bragança, com isto dar a oportunidade de fazer mais pela cidade, ou seja, atingir novos patamares para além dos configurados do programa.

1.3. Relevância da investigação

Numa breve análise da cidade de Bragança, conseguimos perceber o valor estruturante das Mega formas do programa industrial na expansão e fixação do desenho urbano da cidade. No nosso diagnóstico verifica-se que existe uma supressão da apresentação da arte cinematográfica, que consideramos um prejuízo, pelo que tomamos como desafiante readquirir esta dimensão cultural e artística que outrora esteve presente na oferta urbana da cidade.

O edifício em questão revela uma ocupação imponente na cidade, através da sua escala e condição disciplinada do seu desenho, tendo verificado haver uma grande escassez de informação em arquivo e sendo uma estrutura devoluta, julgamos estes últimos serem fatores que em muito contribuem para o estado de suspensão em que se encontra. É relevante frisar, que os hoje eixos principais da cidade, Avenida João da Cruz e Avenida Sá Carneiro, definem os limites desta intervenção, que surgiram posteriormente, são em si condicionados e impulsionados pela presença do edifício de indústria, o que nos surge como argumento e uma oportunidade de valorização morfológica do facto arquitetónico.

1.4. Metodologia e Estrutura

Na dissertação, será abordada uma metodologia suportada em estudo de casos, e recolha de informação de diversos elementos, para sustentar a componente teórica, recorreremos a livros, revistas, artigos, fontes gráficas e levantamentos arquitetónicos.

O trabalho está organizado em cinco capítulos, o primeiro corresponde a introdução, o segundo corresponde ao estudo da evolução urbana de Bragança, perceber a sua génese e a identidade do território, acompanhado por colagens que rematam o texto, como uma síntese gráfica. Aborda-se o contributo do arquiteto Januário Godinho e posteriormente o arquiteto Alfredo Viana de Lima.

No capítulo III, debate-se sobre o programa Polis e a participação na cidade, é uma peça chave, para entender a afirmação e renovação da mesma.

O capítulo IV dialoga com a cinematografia, expondo toda a narrativa histórica do cinema em Bragança. Verifica-se o diálogo entre o cinema e a arquitetura e a linha visual que as une.

Seguidamente, expomos numa linha cronológica a malha industrial da cidade e os casos de estudo, que contribuíram para o pensamento projetado.

Finalmente no capítulo VI, a parte prática, relaciona-se com toda a informação recolhida e analisada anteriormente, numa componente empírica, dando origem a respostas tangíveis a problemas identificados na pesquisa, é o momento de convergência entre a fundamentação teórica e o exercício da arquitetura.

1.5. Estado de arte

A ideia de revitalização das cidades é explorada em território trasmontano através da abordagem do programa polis, segundo Rui Tavares, um historiador português que discute a sociedade e a evolução das cidades portuguesas, refere Bragança como uma cidade de oportunidades e problemáticas, tal como o Geógrafo e investigador, José António Bandeirinha, que examina os espaços urbanos regionais numa profunda compreensão das dificuldades, ao qual as cidades portuguesas lidam na atualidade, o programa Polis cogitou resolver o vazio da cidade, como constatamos, através dos inquéritos de Edgar Nascimento.

A dissertação incide, e responde à problemática supressão da arte cinematográfica, explora a ideia de que o cinema desempenha um papel fulcral na revitalização urbana, e pode transformar a envolvente.

Richard Florida, define que o cinema sendo uma indústria criativa, pode desempenhar um papel fundamental na revitalização das cidades, pensamento este, presente em “The Rise of The Creative Class” da sua autoria, tal como Jane Jacobs conhecida pelo seu notório trabalho em urbanismo, escreveu o livro “The Death and Life of Great American Cities” onde o cinema é parte integrante da vida social.

O arquiteto Mallet-Stevens através da observação, diz-nos: “É inegável que o cinema tem uma influência marcante na arquitetura moderna; por sua vez, a arquitetura moderna traz o seu lado artístico para o cinema”, o cinema influencia a arquitetura, o urbanismo e a sociedade.

A metamorfose do património industrial como gerador de oportunidades, aposta numa revitalização da cidade, através da arte cinematográfica, dando continuidade e vivência ao edifício industrial, e potencializa a proposta do programa polis, e na ideia de afirmar Bragança culturalmente.

Capítulo 2

2. Contexto: Geomorfologia e climatologia do território.

“Brigância”, “Julióbria” ou “Benquerença”, assim foi batizada em dissemelhantes eras, aquela que hoje apelidamos cidade de Bragança. (Ana Maria Afonso, fevereiro de 2019)

“[...] não só existe como é dos mais belos que se possam imaginar. Começa logo porque fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos. [...] Vê-se primeiro um mar de pedras. [...] Tudo parado e mudo. [...] De repente, rasga a espessura do silêncio uma voz de fraqueza desembainhada:

-Para cá do Marão, mandam os que cá estão!...
[...] Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso.”
Miguel Torga e Graça Morais.



Figura 1- Localização do distrito de Bragança (Majborodin, s.d.)

Figura 2- Rede rodoviária nacional e regional (Lia Montanha)



Figura 3 Imagem aérea da cidade de Bragança (Fernando Pimparel)

Figura 4 Imagem aérea da Avenida João Da Cruz (Fernando Pimparel)

Figura 5 Imagem aérea do Castelo (Fernando Pimparel)



Figura 6 Imagem do Castelo de Bragança (Fernando Pimparel)

Figura 7 Imagem dos Caretos (Fernando Pimparel)

Figura 8 Imagem da Catedral de Bragança (autora)

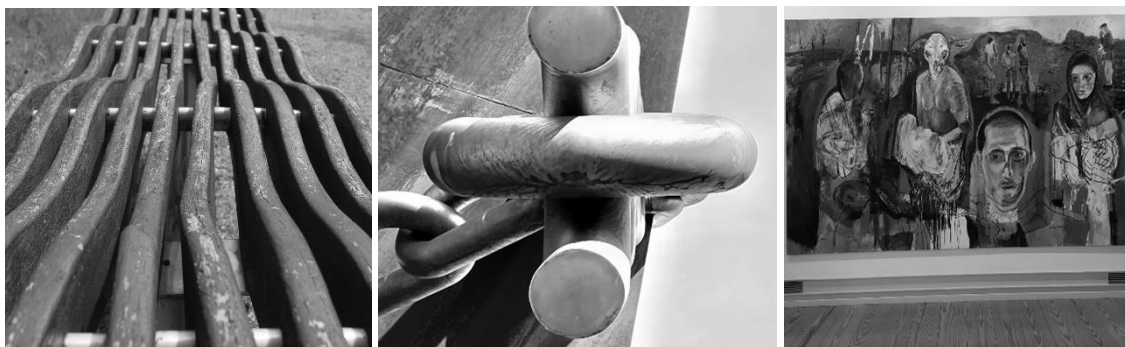


Figura 9 Imagem de pormenor, banco do polis (autora)

Figura 10 Imagem de pormenor, cadeado de uma rotunda em Bragança (autora)

Figura 11 Imagem de pormenor, quadro de Graça Morais (autora)

A capital distrito carrega vários estratos de história, situada no Nordeste Trasmontano, a sensivelmente 700 metro de altitude, subjugada pelo seu isolamento geográfico. No tempo em que não havia registos escritos e, portanto, sem limites administrativos ou étnicos conhecidos, os limites físicos foram considerados, através dos seus cursos de água (a rede hidrográfica) configurou-se o território de Bragança. (Rebelo D. d., 2008).

2.1. Arte Rupestre: Cine Arte nas Eras Primordiais

Datada de um clima propício para o desenvolvimento da vida humana, foi-nos deixada a herança da “omnipresença da arte rupestre na paisagem”. Esta arte refere-se as ilustrações, pinturas e gravuras, das mais diversas formas, sejam elas naturalistas, esquemáticas ou abstratas, foram executadas em suportes duráveis, nas rochas de granito e de xistos profusos, que se escondem por toda a região desde a pré-história até aos dias que ocorrem. (Anfonso, 2019)

Na região de Bragança existe maioritariamente gravuras também apelidadas, insculturas. Francisco Manuel Alves determinou uma relação com estas gravuras que despertavam o imaginário Popular, que acabou por fantasiar inúmeras lendas. (Alves, 1938).

Estas narrativas possuem sentido antropológico e etnológico como é o caso da Pedra Medideira ou Fraga da Porca, em Montesinho, Mas não só de gravuras nos presentearam, ao longo do Rio Sabor foram encontrados variados artefactos, como é caso da “a gruta de Dine (Vinhais), ou o abrigo designado Buraco da Pala (Mirandela – Serra de Passos ou Santa Comba), onde foram recolhidos numerosos artefactos líticos, cerâmicas, sementes e fragmentos carbonizados de madeira. No mesmo horizonte cronológico, inserem-se antas e mamoaos (...)”muitos desses objetos encontram-se expostos no museu Abade de Baçal. (Afonso A. M., 2002, p. 30).

Este gesto de marcar com grafismos um lugar sugere a necessidade remota de expressão do ser humano por meio de imagens, podendo contar histórias e vivências. As narrativas apelavam a criatividade e a sensibilidade estética, eram o reflexo da cultura e da sociedade, atualmente esta linguagem visual acrescenta valor à linguagem escrita. Comparativamente eram o Cinema da altura.

Segundo, Dulcineia Pinto, foi na Proto-história que surgiram os primeiros povoados nesta região, nas zonas de planície ou vale os aldeamentos distribuíam-se na extensão dos cursos dos rios e ribeiras, evidenciando uma disposição linear, mas dispersa, que é o caso do rio Sabor, um elemento norteador na organização dos mesmos e onde as comunidades regiam estes territórios como entendiam, o rio, é parte integrante da sua identidade. A origem destas comunidades fez com que houvesse a necessidade de

produzir alimentos, domesticar animais, e onde surgiu as várias formas de culto e espiritualidade. (Pinto, Sanches, & Nunes, 2007).

2.2. A evolução urbana

Compreender a história das cidades, as raízes e os fundamentos que impulsionaram o seu desenvolvimento ou estagnação, é fundamental, como ponto de partida para qualquer ação urbanística.

“Analisar equivale a reescrever. Só com um trabalho paciente de redescrição da cidade poderemos chegar a conhecer a sua íntima substância. Observar, imaginar e projetar talvez seja o único caminho transitável para nos aproximarmos de uma interpretação da cidade que, ao mesmo tempo, pressuponha uma ideia de transformação e de projeto. Esta mistura de rigor e de invenção poderá lançar alguma luz sobre a, sempre discutida, relação análise/projeto.”(Costa, 2013, p. 10)

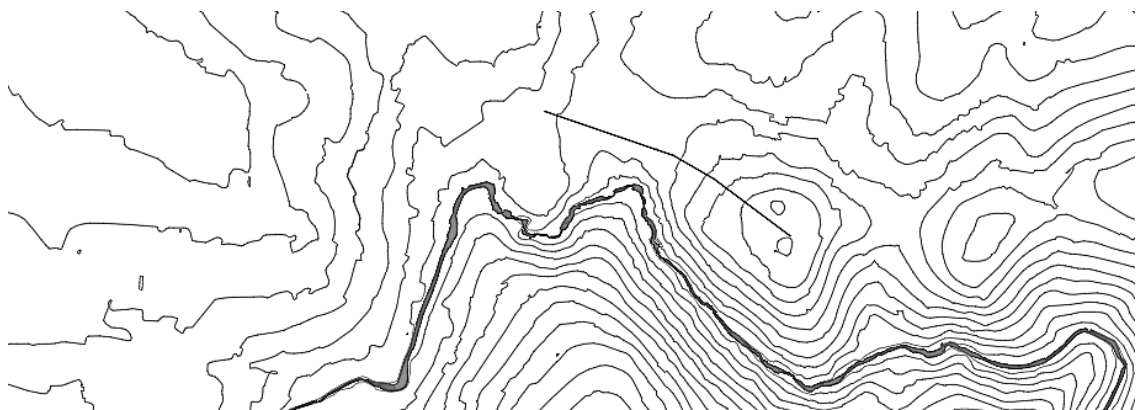


Figura 12 – Topografia, indicação do crescimento da cidade (Autora)

Através da progressão da humanidade surge a era romana, na cidade de Bragança, o estudo é baseado, sobretudo, através da arqueologia, nas fontes epigráficas e numismáticas. (Afonso A. M., 2019)

Nomeadamente com as novas propostas de desenvolvimento em contexto urbano na capital distrito com o intuito de renovação e a requalificação do casco antigo da cidade no quadro dos programas PROCOM e POLIS, realizaram-se escavações arqueológicas que possibilitarão a documentação e constatação da ocupação na época Romana em diferentes partes do centro urbano na cidade, até então inaudita.

A ocupação proto-história teve nos povoados fortificados o seu poder de destaque, sendo que a sua implantação, as dimensões e a sua estrutura defensiva, conferem um poder comunitário no que diz respeito ao campo visual para territórios opostos.

“Os povoados da Terra Fria bragançana têm, no geral, dimensões reduzidas, sobretudo se comparadas com as do assentamento da terra quente”. Ou seja, a sua estrutura defensiva enclausura-se, numa linha única de muralha, caracterizada por castros, estas fortificações eram implantadas em locais estratégicos e sobre corredores naturais de circulação. (Afonso A. M., 2019, p. 148)

Com vista para um melhor posicionamento estratégico, os pequenos núcleos fortificados e dispersos foram desvalidos, deixando para trás as cotas mais baixas dos vales, privilegiando os planaltos, o que originou a estabilidade e a permanência das comunidades que protagonizaram a reconversão económico-social com a introdução do pagamento em moeda, sincronicamente com a “intensa exploração dos imensos recursos mineiros (ouro, prata, estanho, chumbo), (...) [e também o] aumento da produtividade agrícola, incluindo novas espécies como a vinha e a oliveira.” (Domingues, 2006).

Mas foi no século XII, que este território entendeu a importância de povoamento, após o recobro até ao Douro pelos Condes Portucalenses, D. Afonso Henriques e os seus sucessores, que até então batalhavam contra a invasão árabe. A cidade começou a desenvolver-se dentro da muralha, erguida a mando de D. Sancho I (1154-1211), atribuindo-lhe a Carta de Foral em 1187, que fortaleceu a organização da vida local e a compreensão da identidade da cidade. (Domingues, 2006).

“[...] Não se vê por que maneira este solo é capaz de dar pão e vinho. Mas dá. Nas margens de um rio de ouro, crucificado entre o calor do céu que de cima o bebe e a sede do leito que de baixo o seca, erguem-se os muros do milagre. [...]”

Miguel Torga

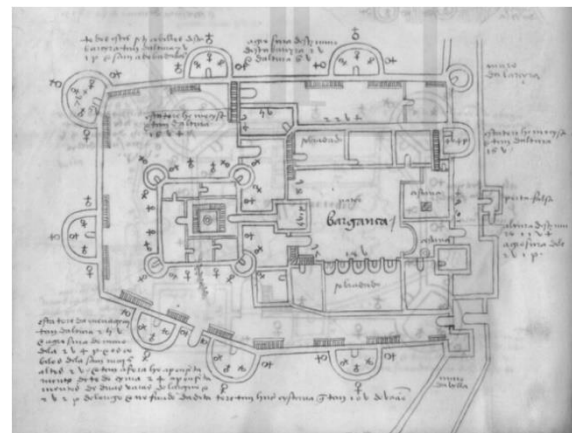
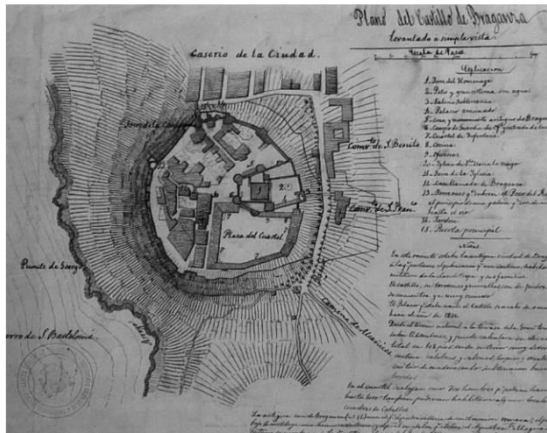


Figura 13 Plano do Castelo de Bragança (Arquivo Municipal).

Figura 14 Plano da Fortaleza de Bragança, desenhado por Duarte D'Armas (Arquivo Municipal).

A muralha foi a primeira mega estrutura de afirmação da cidade medieval, num traçado radiométrico localiza-se numa colina, a Villa (Cidadela), conferiu melhor perspetiva estratégica de abrigo, pois dificultava o acesso devido às encostas de grande declive, que desciam monstruosamente até ao rio Fervença.

Intramuros, a Cidadela é fracionada por um veio principal que estabelece ligação ente Este e Oeste por via de duas entradas principais, Porta do Sol e Porta da Vila, é através desse eixo que podemos observar a primeira organização da malha urbana, a divisão destes dois núcleos é clara, de um lado o Castelo, Torre de Menagem (poder militar), por outro os edifícios de uso público, a Domus Municipalis e a Igreja de Santa Maria (poder religioso). (Afonso A. M., 2019)

O núcleo habitacional é organizado num traçado de espinha de peixe, onde observamos a rua principal, entrando pela Porta do sol, ramificando-se em ruas mais estreitas de difícil acesso, constatamos que algumas das habitações, acabam até mesmo por aproveitar a muralha como estrutura, o que acarreta maior estabilidade e poupança de material. (Afonso A. M., 2019)

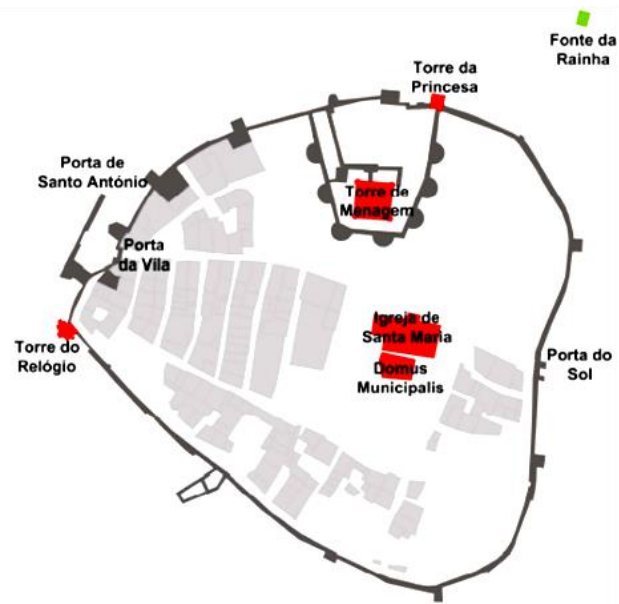


Figura 15 Planta cerca medieval (Daniela Rebelo)

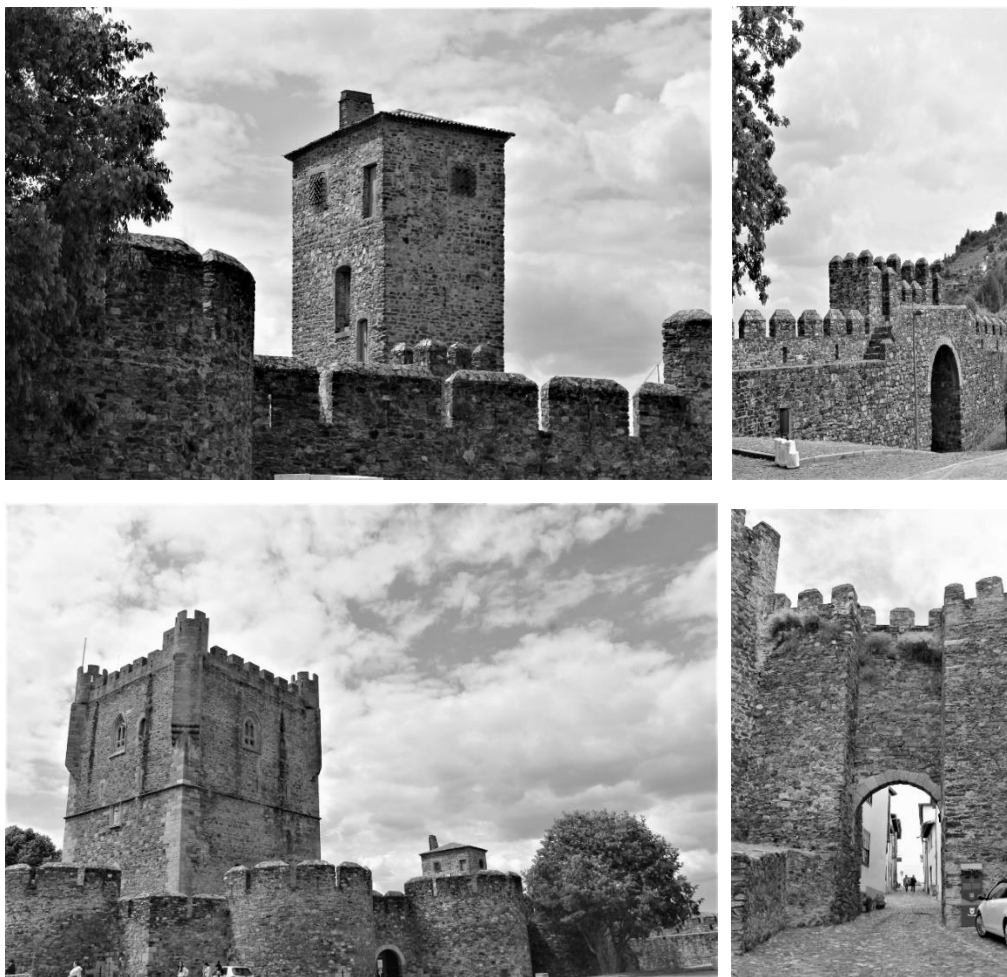


Figura 16 Imagem do Castelo De Bragança (autora)

Face a este desenvolvimento, Bragança deixou de se enclausurar sob a envolvente, estávamos perante um novo quadro de ordenamento territorial que estabeleceu uma ligação, naturalmente topográfica, por toda a zona norte que atualmente conhecemos, que unificava Braga, Chaves e Astorga (Espanha), que até hoje se faz prevalecer, onde Bragança é praticamente o ponto médio viário entre as cidades. (Afonso A. M., 2019)

E é nesse exato momento que a imponente muralha, símbolo de agasalho comunitário e sinónimo de prosperidade, passa a ser uma obstrução à expansão demográfica e urbanística, a cidade foi-se desenvolvendo, extramuros, ao longo do arrabalde, deixando para trás a muralha medieval.

No século XIII o Convento de São Francisco foi a primeira construção fora do perímetro da muralha, a norte, e numa cota significativamente inferior, é um ponto de referência na malha urbana, com um elemento limítrofe, e ponto de referência de desenvolvimento, nos séculos XIV e XV.



Figura 17 Imagens do convento de são Francisco (<https://www.flickr.com/photos/biblarde/24480206280>)

Figuras 18 e 19 Imagens do convento de são Francisco (autora)

O novo desenho Urbano refletiu uma maior abertura na ampliação das fronteiras construtivas, onde o edificado habitacional assume uma forte presença extramuros como podemos constatar nas representações de Duarte de Armas. (ver figuras 18 e 19)

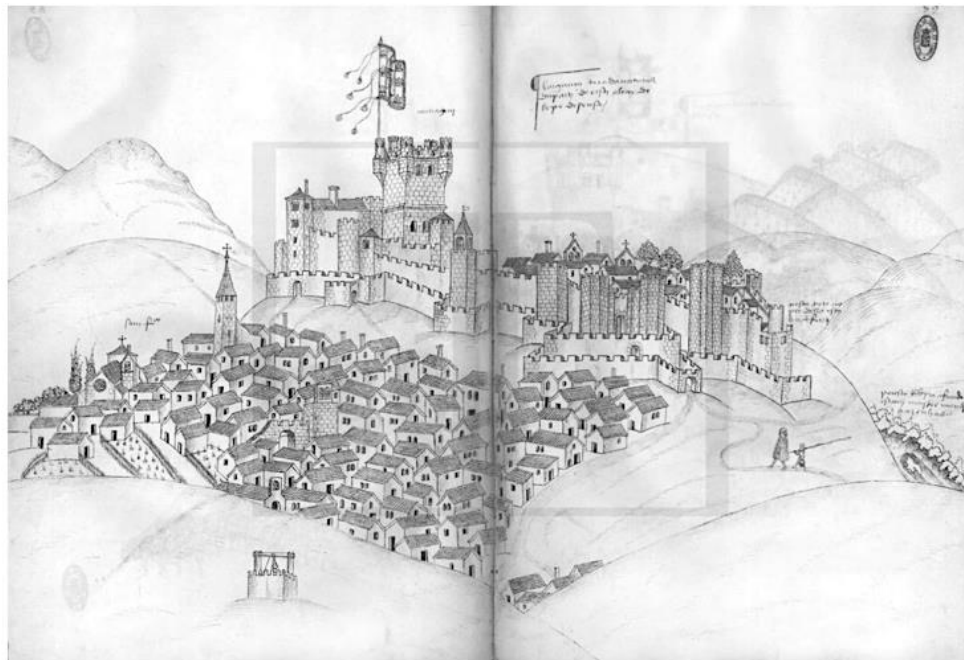


Figura 18 Representação de Duarte D'Armas – vista a poente. (Altamirano, 2014)

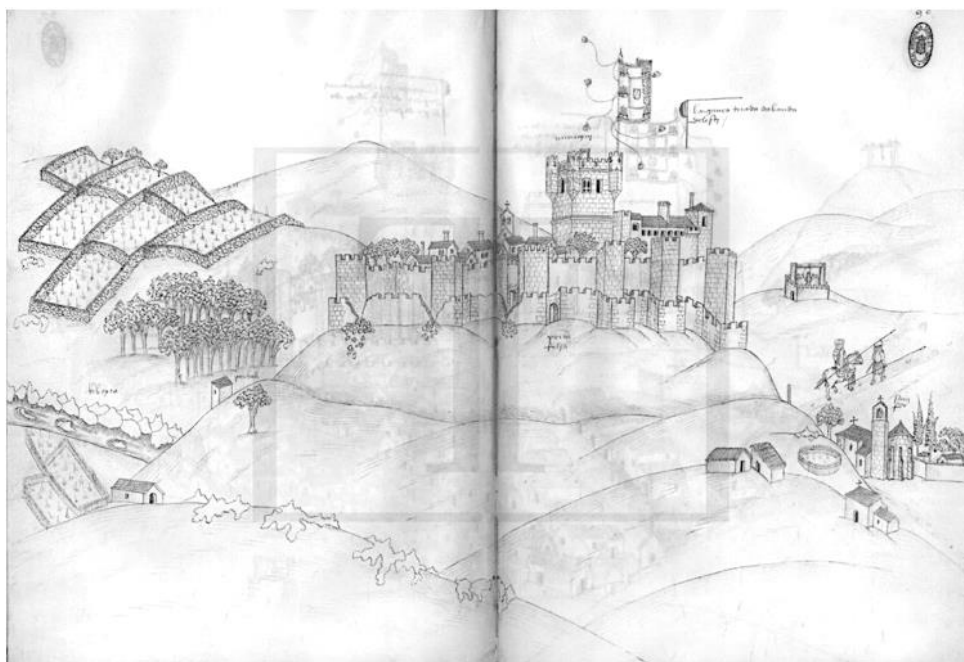


Figura 19 Representação de Duarte D'Armas – vista a nascente. (Altamirano, 2014)

É notória a discrepância do edificado nestas representações, através de uma breve análise sobre os desenhos de levantamento de Duarte de Armas, observamos que na

primeira imagem, vista a poente, existe uma presença compacta construída, um arrabalde sob a muralha, que persegue as linhas naturais até ao rio Fervença, numa tentativa de aproximação entre o habitar e o cultivar, os novos arruamentos eram direcionados primordialmente até a porta principal da Cidadela.

Em contrapartida, na segunda imagem temos claramente um vazio, a muralha ganha uma presença de delimitação da cidade. Assim, pode-se afirmar que o desenvolvimento da vida humana extramuros, toma uma orientação preponderante para o lado poente, rumo a capital.

2.3. A Casa, a Rua, a Praça

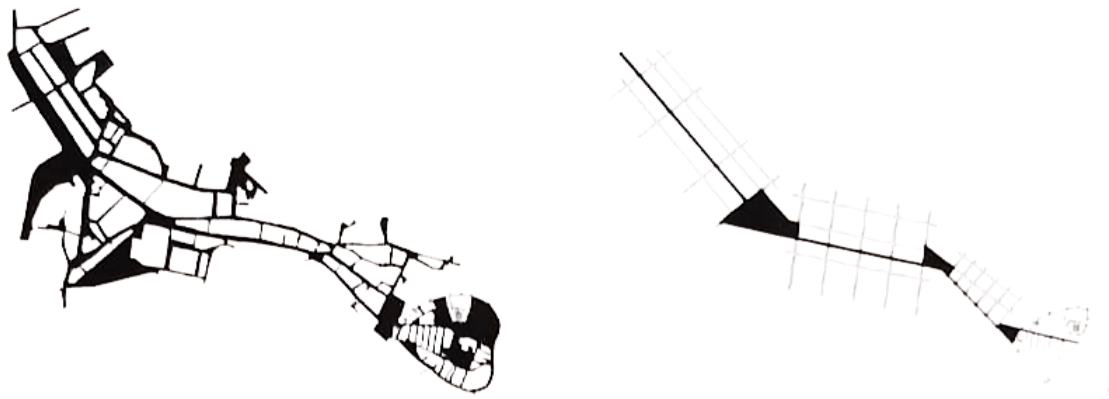


Figura 20 - Sistema Urbano e malha conceptual

As ruas e as praças tinham como objetivo garantir a circulação, cozendo o espaço das cercas defensivas, deveriam responder às necessidades do quotidiano e as feiras que até então eram o único momento de trocas comerciais, mas que também permitissem as movimentações militares e as festas, como as corridas de touros, atividade recorrente à época.

“Exigia-se ainda que pudessem prolongar o interior das igrejas em certas festas assinaladas pelo calendário litúrgico (...)” de forma a direcionar as “pessoas para manifestações exteriores de religiosidade.” (Afonso A. M., 2019, p. 493).

As ruas passam a ser um elemento organizador e impulsionador no crescimento. O aceso viário do casco obsoleto é composto por encadeamentos de ruas perpendiculares e paralelas à topografia, tendo ligação à cidadela. “A rua é o elemento dinâmico que permite orientar e caracterizar o crescimento da cidade. A rua da Costa Grande surge como um elemento fundamental na ligação da Praça de São Vicente à Cidadela, refletindo a ligação entre o poder civil e o poder militar.” (Afonso A. M., 2019, p. 493)

As vias, que impulsionaram o crescimento do município, proporcionaram a união dos núcleos religiosos, administrativos e económicos, dando origem às praças de maior destaque da cidade, na primeira ligação, tem-se a Praça de São-Vicente, atravessando a praça de São João até a Cidadela, num percurso alternativo passar-se-ia pela rua da Alfândega, com ligação à praça da São Vicente e São João percorrendo a rua do Convento de São francisco cessando na Porta do Sol. Assim, validando o adágio popular “todos os caminhos levam a Roma”, Bragança tinha esta ideia bastante presente, onde todas as ruas levam a Cidadela.



Figura 21 Colagem. O rumo além das muralhas, vivências e sentimentos, rua Costa Grande em Bragança. (autora)

Os dois veios principais de circulação, confluem no largo, que dá voz a Igreja de São Vicente, é interessante perceber o papel da Igreja no crescimento urbano, uma vez que todas as praças tomam o nome das mesmas, e esta não é exceção, virá a ser um elemento importante pela sua localização centralizada, mas neste momento a igreja era a demarcação da cidade medieval.

Neste sentido, e com um manifesto de um crescimento abrupto no século XV as trocas comerciais, ou seja, as feiras, eram realizadas fora do perímetro fortificado, tendo lugar na praça de São João, “o arrabalde, em resultado de novas dinâmicas económicas e sociais, tinha afirmado a sua supremacia relativamente à Vila” (Jacob, 1997, p. 27)

A cidade, visualmente orgânica e espontânea, na sua organização tem como elos de ligação as praças, que vão desenhando a matriz de crescimento ao longo do tempo.

Evolução da cidade graficamente:

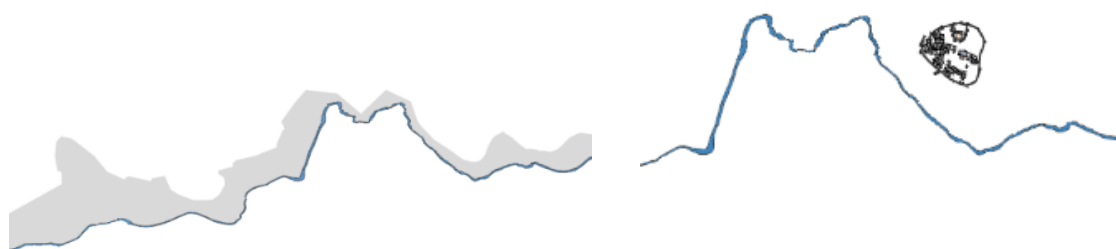


Figura 22 A primeira civilização surgiu junto ao rio Ferverça, água e alimento eram a prioridade. (autora).

Figura 23 Século XII, a povoação foi crescendo intramuros, no cume mais alto da região (autora).

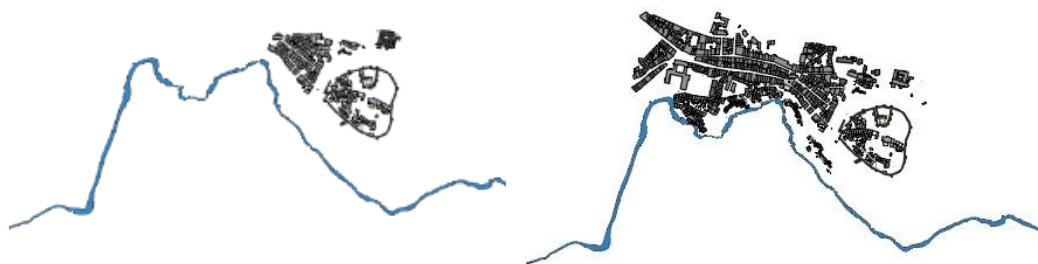


Figura 24 Século XIV, a cidade ultrapassou a barreira física defensiva, e começa a estabelecer-se sobre o arrabalde para este, formando as primeiras ruas.

Figura 25 Século XVI, é interessante perceber que a cidade tomou rumo em direção este, e assim se mantém até aos dias de hoje (autora).

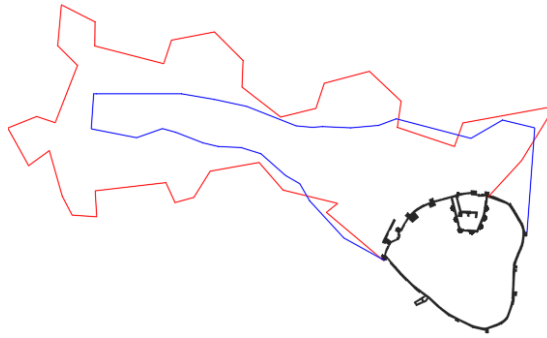


Figura 26 A azul representou-se a hipótese do traçado da Muralha Manuelina, a vermelho a hipótese do traçado da Muralha Setecentista. (autora).

2.4. Era Renascentista

No estudo das cidades renascentistas é necessário referir o grupo étnico judaico, conhecido como impulsionador do crescimento económico e populacional. Bragança tal como foi referido anteriormente, faz estremadura com Espanha, que ganhou vantagem e oportunidade, aquando dos Reis católicos espanhóis, expulsaram aqueles que possuíam capital e grande mão de obra na cidade, “os judeus eram odiados pela sua inteligência e pelos processos condenáveis de adquirir fortuna” o que possibilitou o lançamento das atividades industriais, a sericultura, os ferrarias, e os curtumes. (Pires, 1984, p. 474)

Claro está, que estes acontecimentos levaram a uma necessidade lógica de expansão da muralha, que para além da defesa, tinham o objetivo de enaltecer o burgo, “crescido até meados de trezentos e teria adquirido monumentalidade.” (Câmara Municipal de Bragança, 2004).

Através da construção dos principais edifícios religiosos, “que manifestam o sentido de expressão para poente, delimitando progressivamente um novo perímetro.” (Casa-Nova, 2011, p. 37).

Assim, Bragança foi elevada a Cidade. A Igreja de São Vicente, que até então considerada como um ponto final do desenvolvimento da cidade medieval, passa a ser um ponto intermédio, um lugar central na vigente estruturação geométrica da cidade.

A praça de São Vicente era considerada um lugar de confluência, cercada pelos órgãos máximos do poder, “Paço Episcopal, o Corpo da Guarda Principal e a Cadeia Civil.” (Rebello, 2008, p.16.)

Bragança assume-se como uma cidade burguesa e mercantil, tendo espaços que apelam ao convívio e trocas, e é neste momento que as praças ganham importância na vida das pessoas, digamos que passou a ser o centro cívico. A sua geometria, de carácter irregular, podemos dizer que era o culminar das artérias da cidade, sempre ligadas a religião e impulsionadoras da expansão.

A expansão da cidade segue rumo ao rio Fervença, ocupando assim a parte mais baixa da cidade, deixando para trás a defensiva militar e priorizando o poder civil, mercantil e as ordens mendicantes. Surge em simultâneo a praça que à data de hoje apelidamos Praça da Sé, mas que em tempos tinha o nome de Praça do Colégio.

Fazendo um apanhado do crescimento deste “reino maravilhoso”, tal como descreveu Miguel Torga, na sua primeira formação temos a praça e freguesia de Santa Maria (dentro da Cidadela), que com a necessidade de expansão da população, foi-se fixando pelo arrabalde formando algumas ruas, que posteriormente foram destruídas com a construção da nova força defensiva medieval no séc. XVII, mantendo as duas ruas principais, a rua Direita e a rua de Trás, que conduzem até a praça de São Vicente.

A Rua Direita assume-se à data como a zona comercial, diferentemente da Rua de Trás, associada ao poder religioso, localizando-se entre o convento de Santa Clara e o convento de São Francisco. A Praça do Colégio (atual praça da Sé) estabelece um paralelismo com a praça de São Vicente. (Afonso A. M., 2019)

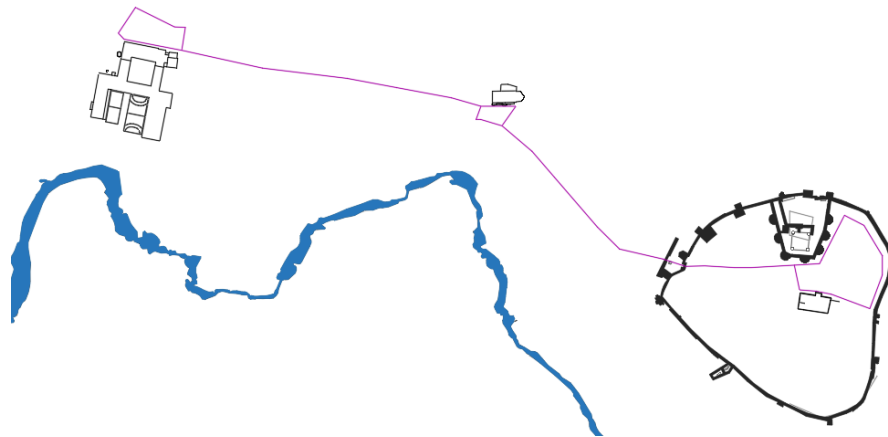


Figura 27 Marcação e delimitação do percurso entre as três praças (autora).

O desenrolar da cidade para sul, justifica-se devido à necessidade de trabalhos que exigiam a dependência da água, o motor de arranque para o desenvolvimento da industrialização, moinhos e azenhas. Mas como muitas outras cidades, os rios eram uma barreira, daí a importante construção da Ponte das Tiránias de forma a ligar as duas margens.

Esta aproximação ao rio Fervença, possibilitou a exploração maioritariamente da indústria da seda e o tratamento de peles, que no século XVII teria um impacto enorme no desenvolvimento económico da cidade.

Consequentemente, Bragança precisava de uma nova estrutura de proteção, dado que o domínio espanhol havia terminado, o erguimento do novo forte de São João de Deus a poente, foi imprescindível para colmatar as guerras da Restauração.

“A análise da configuração da cidade neste período evidencia a relação do desenho urbano com o traçado das suas fortificações e com a topografia do lugar”, a sua progressão linear liga as “principais vias de comunicação destacando-se, para sul, o conjunto até poente das Ferrarias na estrada para Chaves e para Mirandela; ou as novas ligações ao Forte de São João de Deus.” (Casa-Nova, 2011, p. 39)

Até então a cidade florescia a nível económico, graças a indústria da seda, o que resultou na construção de Bairros periféricos como o Bairro da Ponte, o Bairro das Moreirinhas e os Batocos, situados junto as margens do rio, no lugar de produção.

2.5. Bragança como capital de Trás-os-Montes

A cidade viria a ter um papel fundamental a nível religioso, sendo que até a data era Miranda que possuía a sede de bispado e viu a sua situação suscetível, após a ocupação castelhana. Nesta altura, em 1764, a Sé e o seminário foram transferidos para Bragança, afirmando-se como a capital de Trás-os-Montes, “cujos limites distritais passaram a coincidir com os limites do bispado”. (Rebelo D. d., 2008, p. 23)

A sua implantação, instigou grandes questionamentos, até mesmo pelas suas notáveis dimensões, que acabou por tomar o lugar do Colégio e a sua igreja, da qual teria sido dos Padres da Companhia de Jesus, que estavam vagos, pela coroa após a sua expulsão, assim sendo, a Praça do Colégio dá lugar a Praça da Sé, gerando uma nova centralidade na cidade, também marcada com uma forte presença vertical, o cruzeiro de furte serpenteado.

A Praça da Sé impõe-se como o espaço público preponderante da cidade, deixando para trás a Praça de São Vicente que com estes acontecimentos tentou reafirma-se através da construção do Corpo da Guarda Principal mantendo a sua linha de carácter civil e militar, expondo a dicotomia de usos, mas que, ao mesmo tempo são um todo.

Em consequência da evolução surge também um novo eixo comercial, a Rua Alexandre Herculano, prolongando a Rua Direita para poente, fazendo o remate da Praça da Sé, lugar de paragem obrigatória atualmente, não só para fazer compras, como relaxar e tomar “um bom café” ao final da tarde. (Rebelo D. d., 2008)



Figura 28 Colagem. Entre vivências e liberdade de circulação, a Rua Alexandre Herculano como palco de convivências sociais. (autora).

2.9. A era Oitocentista: Do declínio ao progressismo da urbe

Em 1297, a cidade de Bragança priorizou e valorizou a ligação com as povoações vizinhas, nomeadamente Miranda, Chaves, Vinhais, Mirandela e Vila Real o que resultou num crescimento no sentido sul e oeste.

Mais tarde, no domínio filipino, Bragança não tinha grande importância militar nem religiosa, e como tal voltou-se para a economia e crescimento a nível urbanístico, foi a partir desse momento, através dos moinhos, que a produção de farinha e da seda alcança uma maior notoriedade.

Esta projeção, reconhecimento e afirmação, não durou muito, no século XIX registaram-se sucessivas crises, começando com as invasões francesas e a guerra civil entre os liberais e absolutistas, que marcaram presença ao que chamamos, declínio económico da cidade, sobretudo no campo industrial resultando na escassez de trabalho, fome e peste. Uma cidade que outrora foi um símbolo de grande poder militar pela sua localização estratégica e pelo seu desenvolvimento.

Com o domínio liberalista, a maior preocupação e objetivo, era modernizar o estado e aproximar Portugal do resto da Europa, surgindo urbanismo e os Planos Gerais de Melhoramento por todo o país. Um dos passos foi a reforma no ensino, tornando-o obrigatório e gratuito, mas grande parte da população continuava analfabeta. (Pereira, Ferreira, & Serra, 1982)

O rio Fervença que até então integra o quotidiano das pessoas. Foi uma fonte de rendimento económico da cidade, associado a pesca, aos produtos hortícolas a produção de farinhas. Como referido anteriormente, a indústria perdeu completamente a sua força, da qual reviverá e marcará presença, mais tarde, com a intervenção ao abrigo do programa Polis.

Como consequência destas adversidades, a maior preocupação a nível sanitário foi a concretização de um cemitério em 1848, que veio ditar um novo limite a norte da cidade.

Nesse período surge a ligação ferroviária à cidade de Bragança, numa fase tardia, relativamente às cidades do litoral, a construção dessa linha, visava melhorar a conectividade e o transporte de mercadorias e passageiros na região nordeste de Portugal.

A construção do caminho de ferro envolveu a superação de desafios geográficos e topográficos, como a travessia de rios e a construção de túneis e pontes. Este tornou-se um importante meio de transporte para a população local, facilitando o acesso a outras regiões do país. Além disso, a linha contribuiu para o desenvolvimento económico da cidade, impulsionando setores como o comércio a indústria e o turismo.

Ao projetarem os caminhos de ferro que tencionavam a coesão territorial do país, teve como consequência a necessidade de atribuir um espaço para a implantação da estação ferroviária. (Silva, 2002).

Em Bragança as linhas ferroviárias rasgam-se em direção a Rua Conde Ferreira que “alarga o espaço urbano, dando continuidade e redimensionamento”. Implantadas a sudeste da cidade, transformando-se numa barreira física de expansão, no lado antagónico da linha. (Jacob, 1997, p. 50).

Influenciados pelos novos fluxos que o comboio proporcionou a cidade, advém também a necessidade de modernização e comparação com a Europa, a par das significativas alterações na paisagem urbana, assiste-se o despertar daquilo que chamamos consciência social e valorização do legado arquitetónico.

Não podemos deixar de referir que esta preocupação advém da propaganda de um regime político, que resultou em novos arruamentos, jardins, praças e avenidas. O problema é que o declínio económico ainda estava bastante presente e todas as consequências que ele acarreta.

Na verdade, a génese da fase moderna teve como rutura a cidade histórica para uma cidade industrial, e tudo isto deve-se, em grande parte, a demanda da migração do campo para a cidade. Não fomos uma cidade recetora, muito pelo contrário, mas sim emissora talvez em busca de algo que a cidade não podia proporcionar naquele momento.



Figura 29 Colagem. Trilhos do tempo, o transcendente encontro dos caminhos de ferro na cidade. A ideia foi criar uma atmosfera entre o passado e o presente. O fumo, representa os sonhos e a esperança de um futuro melhor (autora).

2.6. A cidade moderna ou arquitetura internacional

Esta etapa foi marcada primeiramente pela elevação do edifício proposto para os correios em 1945, a implantação foi estrategicamente fixada na rótula entre a Rua Almirante Reis, e a Avenida João da Cruz, que permanece até aos dias de hoje em funcionamento.

Como referimos anteriormente, a linha ferroviária foi uma barreira física na expansão, até a década de 30, onde implementaram um novo bairro destinado aos trabalhadores da estação, “Bairro da Estação”, e que marcou um novo limite de expansão urbana. (Jacob, 1997).

“(…) encerra a cidade histórica no passado da sua construção, imutável, perdendo-se deste modo a cidade historial, aquela que se afirma no futuro da historicidade e evolui socialmente.” (Miranda, 2015, p. 54).

No pós-Guerra Mundial, foram efetuadas mudanças no património em Portugal. Bragança não fugiu a regra, um dos exemplos são os bairros mais antigos, considerados extremamente densos, ruas estreitas sem qualquer tipo de vegetação, logo em seguida foi a vez da Domus Municipalis e do Castelo.

Durante os anos 30, a ideia de modernismo, herdeira de uma arquitetura internacional, deixou claramente de fazer parte das exigências propagandistas do regime político. A modernidade, nacionalidade e criatividade foram alvo de substituição pelo tradicionalismo e nacionalismo, no regime totalitarista.

Seguindo o sistema de reorganização por Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas e mediado pela DGSU, “Bragança recebeu um plano de Urbanização, da autoria de Januário Godinho (1910 – 1990)”, experienciávamos a primeira grande reflexão de Bragança como um todo, numa escala urbana. (Fernandes J. M., Bragança, a cidade dos meados do século XX Planos edificações , ideias modernizantes, 2012)

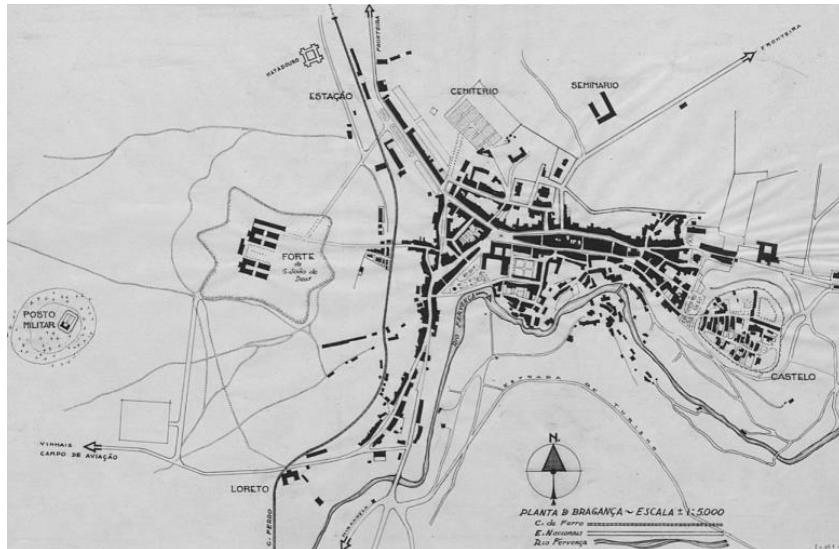


Figura 30- Planta da cidade de Bragança, 1945, levantamento feito para o antepiano de urbanização de Januário Godinho.

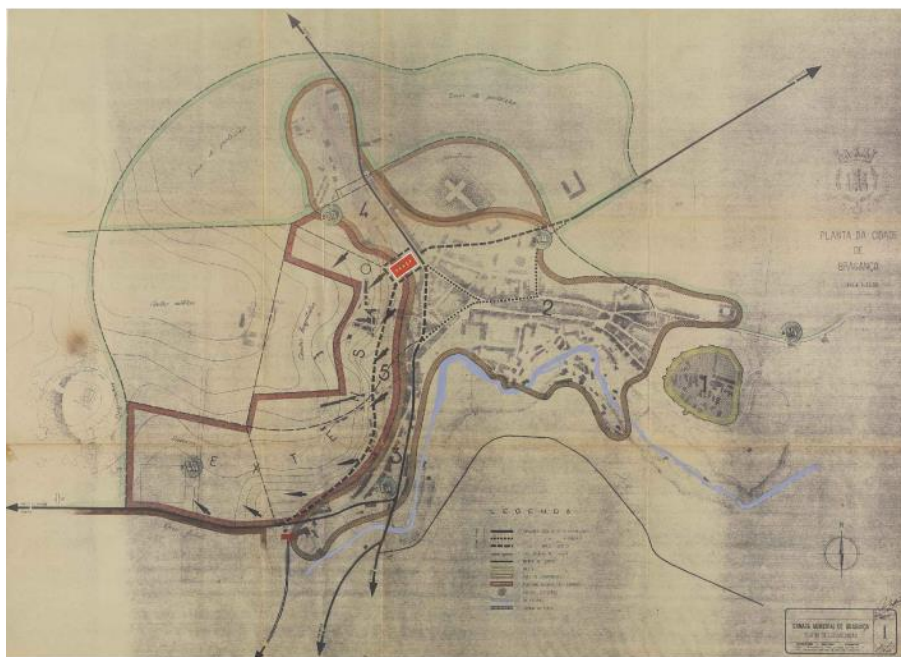


Figura 31-Plano de Urbanização em 1946, onde percebemos as comunicações, expansões e zonamento, a primeira fase de crescimento, a sua tendência natural de expansão e as ligações de comunicação principais da cidade.



Figura 32- Projeto de urbanização em planta, 1946, realizada por Januário Godinho.

Com a proposta geral, percebemos a intenção de uma estratégia de ação, onde prepara a cidade para a era do automóvel. Januário Godinho, arquiteto urbanista, retomou o desenvolvimento do núcleo urbano para sul, “a sua natural forma de expansão (...) abandona-se a expansão para norte que a estação de caminho de ferro inutilmente tentou forçar” (Fernandes J. M., Bragança, a cidade dos meados do século XX Planos edificações, ideias modernizantes, 2012, p. 120)

O desenho para a nova área da cidade, inclui a apresentação de um planeamento detalhado de zoneamento para toda a região. Esse zonamento é dividido em áreas de preservação e reserva.

Januário Godinho fundamentou-se num inquérito datado de 1945, fornecido pela Câmara Municipal de Bragança, onde explanava todo o legado da cidade, economia, demografia, habitação, transportes, indústria, comércio, clima e, por fim, solicitava a elaboração de uma lista de edifícios públicos existentes ou que deveriam ser construídos, para serem representados no plano. Esta pesquisa forneceu informações e dados estatísticos essenciais para compreender a cidade.

Iniciando o seu estudo, Januário Godinho divide a cidade em quatro áreas principais:

- A Cidadela;
- Fases de crescimento;
- Extensão para a tendência natural de expansão para poente;
- Zona de proteção, mais a norte da cidade.

É de destacar a criação de um parque verde próximo ao rio Fervença, cujo objetivo é conectar as duas margens por meio da construção de uma nova ponte. Além disso, estão previstas áreas de expansão habitacional, hospitalar e industrial.

Diversos equipamentos foram propostos, sendo que os principais são, o Hospital Distrital, a Escola Industrial e Comercial, o Tribunal, o Registo Civil e Predial, a Pousada de Turismo, os quartéis para a GNR, Bombeiros e o Estádio Municipal.

No programa, é possível compreender a abordagem de preparar a cidade para a era do automóvel, tal como foi referido anteriormente, por meio do planeamento das estruturas viárias.

Desenvolve-se, assim, um sistema de circulação que se divide em quatro tipos de vias: as estradas nacionais, as ruas de circulação, as ruas de distribuição e as estradas de turismo. A esses principais traçados, acrescenta-se um sistema de vias secundárias, que também desempenhará o papel de definir e estruturar o zonamento da cidade.

A linha de transporte ferroviário representava um obstáculo para a expansão da cidade na direção oeste, conforme também é evidenciado no inquérito anteriormente mencionado, como um problema a ser resolvido.

Januário Godinho decide mover a estação para uma das entradas a sudoeste da cidade, próxima ao Loreto, de modo a evitar que a ferrovia corte o centro urbano. Além disso, ele escolhe uma área próxima à estação proposta para abrigar uma zona fabril ou industrial. (Lopo, 1984)

As áreas residenciais são predominantemente localizadas na encosta sul do Forte de S. João de Deus e na encosta de São Bartolomeu, com orientação para norte. Essas áreas são subdivididas em diferentes categorias, incluindo habitação de baixa e de alta classe, para expansão futura. (Lopo, 1984)

Além disso, é proposta a construção contínua de espaços comerciais e residenciais para complementar os quarteirões, onde ocorreram demolições para a abertura de novas vias, bem como em pontos estratégicos de integração entre a cidade antiga e a nova expansão.

Ao longo do sistema, estão planeados cinco centros escolares para atender às necessidades educacionais da população local. Essas iniciativas visavam potencializar o desenvolvimento urbano da região, proporcionando um ambiente habitável e funcional para os residentes.

O plano em questão, parte do princípio de um zoneamento operativo, tendo o seu embasamento no sistema viário, não podemos concluir que seja exclusivamente influenciado pelos CIAM. Visto que, ao analisar o plano, é evidente que há uma articulação de diversas influências.

Um aspeto notável é a considerável área verde de proteção ao longo da zona norte, limitando a expansão da cidade. Essa característica pode nos levar a conjecturar, se tal abordagem é influenciada pelo conceito de Cidade Jardim, uma vez que Januário Godinho se baseou nessa ideia para a estruturação de outras cidades portuguesas.

As cidades jardim são um modelo de planeamento urbano que surgiu no final do século XIX e início do século XX, as cidades eram iniciadas para ter um tamanho limitado, permitindo que a população fosse atendida facilmente por instalações e serviços. Dando ênfase a inclusão de amplas áreas verdes, parques, jardins e espaços públicos arborizados, proporcionando um ambiente agradável e saudável aos moradores. (Howard, 1850-1928)

Com isto questiona-se, se este desenho projetado será uma ponte do programa Polis. Podemos identificar questões relacionadas ao urbanismo vinculadas ao regime vigente na época. Por exemplo, a definição do centro cívico, onde são desenvolvidos edifícios monumentais como tribunais, reforçando o poder e carácter autoritário daquele espaço, das quais são o culminar do cruzamento dos principais eixos de acesso à urbe, esta praça tem um formato retangular, apelidada Praça Professor Cavaleiro Ferreira. “De facto a Praça Professor Cavaleiro Ferreira, (...)” foi “a proposta mais marcante do Plano de Januário Godinho, organizou-se como ordenadora e simbólica da nova área urbana da cidade (...)” (Fernandes J. M., Bragança, a cidade dos meados do século XX, Planos, edificações, ideias modernizantes , 2011, p. 123) (Lopo, 1984)

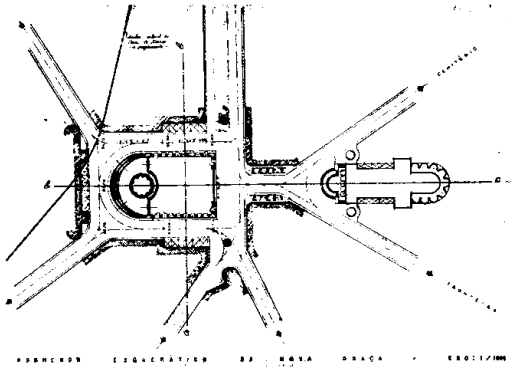


Figura 33- Planta da Praça Professor Cavaleiro Ferreira em 1950.

Figura 34- Fotografia aérea da Praça Professor Cavaleiro Ferreira em 2023

As áreas habitacionais são predominantemente localizadas a sul, desfrutando de melhores orientações solares e proteção contra os ventos do Norte. No entanto, é interessante notar que o tipo de habitação proposto também atende ao ideal do regime de casas de repouso.

Outra observação, é a localização da zona industrial justamente por baixo da zona habitacional, para a qual se voltam as habitações metabólicas. Essa disposição pode refletir uma estratégia de aproximação entre os locais de moradia e trabalho, considerando as necessidades socioeconómicas do período.

O plano em questão é resultado de um complexo entrelaçamento de influências, abrangendo desde princípios urbanísticos até elementos ideológicos relacionados ao regime, que moldaram a configuração urbana, o uso do solo e a autoridade espacial da cidade. (Sales, 1950)

2.7. A presença do pensamento de Alfredo Viana de Lima: A vinculação de Bragança com a arquitetura corbusiana

Na década de 60, surge uma figura inovadora no âmbito do Planeamento Urbano da cidade de Bragança: o Arquiteto Viana de Lima. Ele assumiu a posição de urbanista, substituindo o Arquiteto Januário Godinho.

Trazendo uma nova abordagem estética e funcional, orientada para a cidade, conduzindo a uma revisão completa do Plano de Urbanização, apresentou ideias inovadoras, claramente de influência “corbusiana”, considerando aspetos estéticos e funcionais que até então não haviam sido explorados abrangente mente.

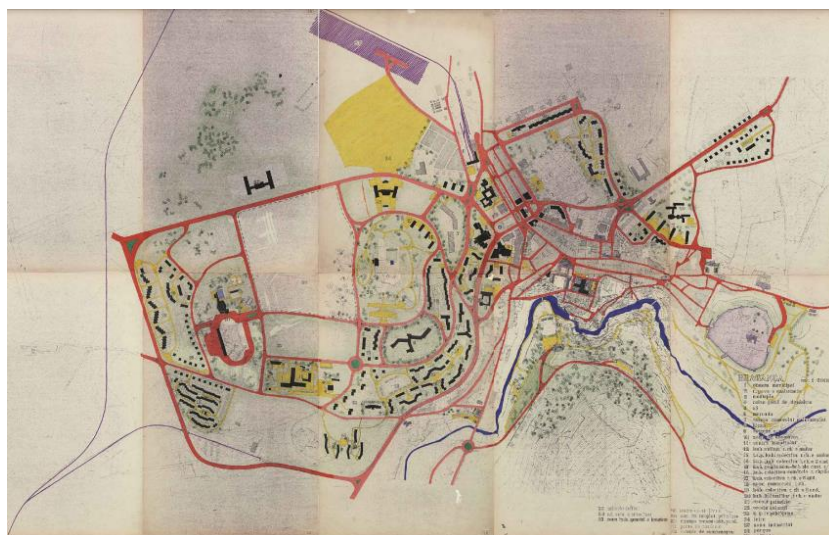


Figura 35 Planta de planeamento de urbanização de Bragança da autoria de Viana De Lima. (Pinto T. A., 2017)

O novo Plano Urbanístico de 1963 refletiu uma preocupação maior com a organização das vias nas áreas mais antigas da cidade, regressa a preocupação pela identidade cultural, especialmente na Praça da Sé, para a qual foi projetado um novo desenho de circulação. Essa época foi marcada por um aumento significativo da população, o que impulsionou a construção de várias obras importantes, com destaque para o Hospital Distrital. O hospital e os edifícios que formam o complexo, tornaram-se os elementos mais emblemáticos do plano urbanístico.

Paralelamente, inspirou outros projetos, como o Estádio Municipal, o Quartel da Guarda Nacional Republicana, o edifício funcional da “Torralta/ Montepio Geral de Bragança na

Avenida Dr. Francisco Sá Carneiro, um cineteatro, um hotel, um Café-restaurante” e vários bairros habitacionais, incluindo a Estacada, São João de Brito, e Mãe d'Água e Toural. (Machado, Alfredo Viana de Lima em Bragança, 2011, p. 126)



Figura 36 37 38 Fotos do Hospital em 1957 (Arménio Teixeira)



Figura 39 40 41 Fotos do Hospital em 2023 (autora)

O Hospital apresenta uma volumetria diferencial para a época, destacando-se através das articulações de planos, “o edifício consta de dois corpos em T, um mais alto, com seis pisos, desdobrado em dois sectores (...)” (Machado, Alfredo Viana de Lima em Bragança, 2011).

É de destacar os imponentes paralelepípedos verticais que sobressaem no edifício, revestidos de xisto, e que escondem a caixa de escadas. Esta presença vertical remata as extensas varandas em cada extremidade do edifício, que tiveram como referência o sanatório em Paimio, projetado por Alvar Alto em 1928.

Este tem uma presença forte na paisagem até aos dias de hoje, apesar de todas as alterações realizadas e adaptação das necessidades da sociedade atual, o edifício não perdeu força. (Machado, Alfredo Viana de Lima em Bragança, 2011)

As escolas primárias e o hospital foram a porta de entrada a Viana de Lima para os CIAM do pós-guerra. Teve um papel extremamente importante no que toca a educação da população na cidade de Bragança, através das escolas projetadas.

Foi após a revolução do 25 de abril que a expansão urbana ganhou maior destaque na cidade. No entanto, podemos compreender que foi com o Estado Novo que houve uma consciência e preocupação para combater a estagnação da cidade. Os projetos até então referidos suscitaram uma grande preocupação com o desenvolvimento de equipamentos culturais e escolares, sistemas viários e novas áreas urbanas, prepararam a cidade para uma nova dimensão urbana, o conceito de cidade contemporânea.

Assim, a cidade de Bragança passou por uma transformação significativa ao longo do tempo, o planeamento urbano evoluiu para atender às necessidades e aos desafios do crescimento populacional e as mudanças sociais. Os projetos empreendidos pretendiam moldar a paisagem urbana, criando espaços funcionais e garantindo o desenvolvimento da cidade como um todo. (Machado, Alfredo Viana de Lima em Bragança, 2011)

2.8. O Presente e o futuro.

“A cidade surgia no horizonte da estrada, como algo a que se chegava, anunciada por uma placa indicativa onde o nome da cidade se fazia acompanhar por um ícone monumental. A partir daí, a construção tornava-se mais densa e contínua, e o perfil da estrada alcatroada e com bermas, ia dando lugar ao traçado das ruas e das vias urbanas.” (Domingues, 2006).

O desenvolvimento contemporâneo teve um papel fundamental para o crescimento, da capital-distrito, assumindo-se como um polo administrativo e económico. A ânsia de modernidade que florescia na sociedade e na cultura, permiti-o que voltássemos ao centro histórico, era essencial a recuperação dos valores culturais e salubridade, o estado de degradação era notório, um símbolo de guerras e paz, as tipologias de habitação, eram um culminar de várias gerações e vivências que foram formando o espaço urbano. (Sousa F. , 2013)

Outro grande impulsionador para o desenvolvimento, foi a construção e investimento no ensino superior, nomeadamente o instituto politécnico de Bragança (IPB) e a Escola Superior de Línguas e Administração em 1984, sendo uma ancora de fixação de população, e onde cada vez mais ganha notoriedade no ensino em Portugal.

Detentora de grandes dimensões na cidade, o IPB, faz frente com a avenida principal, Sá Carneiro, o grande comércio da cidade e a avenida das cantarinhas, cria um eixo de ligação até a A4. (Rodrigues L. A., 1995)

Este impacto reflete-se atualmente, uma vez que a instituição tem várias parcerias e protocolos com países estrangeiros, trazendo uma multiculturalidade à cidade, onde muitos deles acabam por se fixar no território.

Neste sentido, a cidade teve uma maior importância e começou a ser vista numa dimensão metropolitana, foi necessário o alargamento de novas zonas residenciais junto ao ensino superior e por consequência uma nova estruturação viária, facilitando os percursos e acessos da mesma. (Domingues, 2006)

A nova visão de construir a cidade, procura apoios financeiros, que visa a reconversão do casco antigo, trazendo novos Programas de regeneração, que cogita executar os princípios do desenvolvimento sustentável e alargar os recursos culturais, investindo numa repaginação dos vazios urbanos que denunciam a fragmentação do tecido urbano.

No ano de 1995, arrancou o Plano Municipal da cidade de Bragança, que teve a sua aprovação tardia, sendo apenas revisto em 2010. Através do mesmo a cidade foi dividida por zonas setoriais: zona histórica, zonas de habitação consolidada, zona de habitação a reabilitar, zonas de expansão habitacional, zonas verdes e zonas industriais.

Foi também na década de 90 que a Linha do Tua foi encerrada, em 1992, “após 86 anos de história” onde mais tarde deu lugar a estação de camionagem. (André, Linha do Tua e Variante de Bragança, 2017)

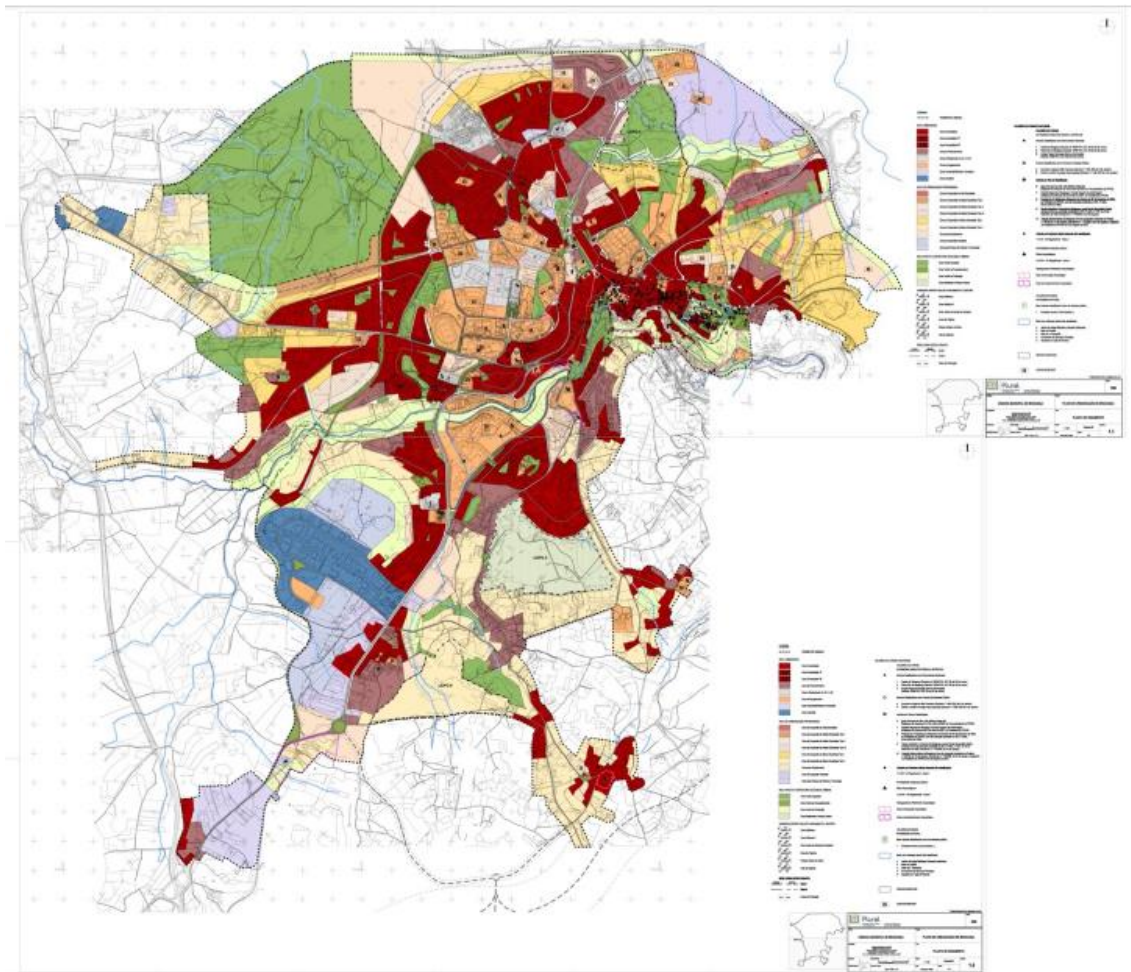


Figura 42-Planta de Zonamento do PDM da cidade de Bragança atualmente. (Câmara Municipal de Bragança disponível em <https://www.cm-braganca.pt/servicos-einformacoes/reabilitacao-urbana/plano-de-urbanizacao/>.)

Sendo que nos dias de hoje constituem o único meio-coletivo urbano, que faz ligação a vizinhança, e a restante parte do país, implantado praticamente no centro da cidade que foi alvo de uma requalificação, as linhas ferroviárias que outrora gerava fluxos de comunicação de pessoas vindas de fora, hoje é propício ao convívio e ligações interpessoais da população Bragançana.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
 Muda-se o ser, muda-se a confiança:
 Todo o mundo é composto de mudança,
 Tomando sempre novas qualidades.”
 Luís Vaz de Camões

Capítulo 3

3.1. O Polis na cidade de Bragança

O polis de Bragança tomou conta de aproximadamente uma área de 45 Hectares, onde levou a cabo a valorização e requalificação das margens do Rio Fervença, e a recuperação urbana da desqualificada zona histórica, sobretudo a nível das infraestruturas, esgotos, eletricidade, telecomunicações, etc. Foram feitos esforços a nível da requalificação da Praça Camões, numa tentativa de dar resposta à falta de estacionamento, problema transversal das cidades históricas, foi construído um estacionamento subterrâneo, no local onde, em tempos, eram feitas as trocas comerciais, hoje a praça é um pódio multifuncional, um espaço amplo.

Importa referir que, o maior objetivo era enaltecer o “património histórico, arqueológico, natural e edificado, com a criação de percursos ambientais, culturais e arquitetónicos.” O programa teve em conta os objetivos planificados do PDM, do PU e do Plano Estratégico, como forma de dar continuidade aos estudos e processos iniciados anteriormente, esta revalorização iniciou-se em 2000, estando no presente momento completamente consolidada. (Rebelo D. D., 2008, p. 71)

As margens do rio Fervença abrangem a “estrutura verde principal da cidade” o que impulsiona o usufruto do rio por parte do ser humano. Tomando sempre como prioridade as premissas do local, “tirando partido das linhas de força e preexistências”, toda a morfologia e vistas do terreno, seguem as ideologias ambientais e biofísicas que marcam presença no local. (Câmara Municipal de Bragança, 2004, p. 55)

O rio era uma barreira física, e como tal houve a necessidade de projetar pontos de fruição e união entre margens. Em questões de salubridade, fez-se a ligação de todos os esgotos para o coletor geral, visto que até então, os mesmo desaguavam diretamente no rio. (Câmara Municipal de Bragança, 2004, p. 66).

A reabilitação da antiga central elétrica da cidade foi uma das grandes intervenções do programa polis, dando lugar ao centro de ciência viva, junto ao rio, integrando-se nos novos percursos projetados. É importante ressaltar a revitalização da primeira zona industrial da cidade, ligada a indústria da seda, sendo homenageada, visto que durante muito tempo era a única força industrial da cidade.

Segundo o inquérito feito em 2008, “avaliação das populações às intervenções polis de Bragança, Chaves e Viana do Castelo”, de Edgar Nascimento, mestre em geografia. Compreende-se que a população manifestou grande satisfação relativamente a boa qualidade de vida da cidade e os seus espaços públicos, “foi destacado por 64% da população que o Polis de Bragança contribuiu para aumentar/melhorar a centralidade urbana, isto é, as obras levadas a cabo com a intervenção Polis segundo os inquiridos passaram a ser novos centros de atração para a população”. (Nascimento, 2008, p. 131)

A avaliação da aproximação da população ao rio foi bastante positiva, cerca de 84% considera a intervenção do programa polis importante. Outro aspeto é a questão da mobilidade, da qual a população avalia como “fortemente”, “em particular para a mobilidade pedonal ou não motorizada (bicicletas entre outros).” (Nascimento, 2008, p. 132)

Contribuição do Polis para a aproximação entre a população e o rio - Bragança



Figura 43 Resultados do Inquérito. (Nascimento, 2008, p. 133)

Aspectos em que o Programa Polis contribuiu para a competitividade - Bragança



Figura 44 Resultados do Inquérito. (Nascimento, 2008, p. 136)

Contribuição do Polis para a afirmação de Bragança no contexto regional



Figura 45 Resultados do Inquérito. (Nascimento, 2008, p. 136)

Ao analisar o inquérito, percebeu-se que o programa polis teve um grande contributo na competitividade entre as cidades portuguesas, apesar de “assumir progressivamente um papel de maior dinamismo numa esfera de proximidade interurbana e coesão inter-regional, ao mesmo tempo que procura reforçar a coesão suprarregional”, o programa como muitos outros, demonstrou-se insuficiente, Bragança precisa de fixar população e aumentar o turismo. (Nascimento, 2008, p. 136).



Figura 46 Reflexos urbanos, polis em movimento numa simbiose entre o homem e a natureza, colagem da vivência. (autora)

Capítulo 4

4.1. O cinema em Bragança

“A cidade ficou hoje sem cinema”, é isto que lê nas primeiras páginas de pesquisa na Internet, quando procuramos por “cinema em Bragança”, prontamente somos confrontados com a ausência cultural que se instalou. É imperativo arrancar as raízes e revitalizar a arte cinematográfica, potenciadora do desenvolvimento social comunitário e cultural, compreender como a população distanciou-se, significativamente, do cinema.

Segundo Armindo Fernandes, a cidade de “Bragança foi ao longo de décadas um Polo cultural interessante e vivo”, no século XVI os jesuítas detentores do saber e da cultura fundaram um colégio em 1562, nesse momento Bragança assume-se como “cidade estudantil por excelência e criou fortes tradições culturais no âmbito das artes do espetáculo.” E assim ergue-se o primeiro Cineteatro, na extremidade esquerda da praça Camões, de costas voltadas para o castelo, proporcionando aos cidadãos, “uma atividade constante nas diversas áreas do espetáculo”. (Fernandes A. , 2004, p. 132).



Figura 47 Memórias em forma de bilhetes, colagem dos espetáculos realizados em Bragança. (autora)

Anos mais tarde, um incêndio avassalou o edifício, e a cidade viu-se durante décadas “sem equipamentos culturais capazes de satisfazer cabalmente as necessidades e as exigências” do avanço social, uma vez que o ensino superior em Bragança ganhava espaço em Portugal, atraindo pessoas vindas da capital, com culturas e costumes que a cidade não conseguia oferecer.

Na década de 80, surge o segundo cineteatro, desta vez numa linguagem inovadora, que despertava a curiosidade do público, não só dos habitantes, como também dos visitantes. A criação de uma sala de cinema integrada num hotel, era completamente “fora da caixa” numa época onde estes dois mundos eram habitualmente separados.

Projetado pelo arquiteto Viana de Lima, referido anteriormente, a construção apresentava linhas austeras em semelhança com o hospital, considerada um marco na malha urbana da cidade, uma megaestrutura em betão que tanto fez por Bragança.

Segundo Álvaro Caldeira, conhecido como o “homem do cinema” trabalhou no edifício durante quase trinta anos, onde numa entrevista para a rádio Notícias disse: "A Torralta era uma sala mítica. Vinha gente de todo o lado, de Vinhais, de Macedo de Cavaleiros, de Vimioso. O domingo era um dia mítico de cinema em Bragança. As pessoas vinham ao cinema e muitas delas nem sabiam que filmes estavam em exibição e quando chegavam, é que sabiam o filme que iam ver. Era quase um vício ir ao cinema. A sala contava com Balcão e plateia com 600 lugares, nas estreias estava sempre lotada. Mas não só do cinema se fazia valer o espaço, Álvaro Caldeira acrescenta: "Por ali passaram todos os primeiros-ministros deste país, os presidentes da república, que foram lá fazer os seus comícios em campanha eleitoral, os presidentes de Câmara, os eleitos e os não eleitos, tudo. Era uma sala emblemática, não só do distrito, mas também do país". (Caldeira, 2016).

Lamentavelmente, em 2008 a sala viu-se obrigada a encerrar, continuando em funcionamento o hotel, o último filme a ser exibido foi “Mar adentro”, um relato sobre a eutanásia, onde curiosamente o título do filme, acabou por ser antagónico visto que anos mais tarde a sala se desfez com um trágico incêndio.

"Foi o 'Mar adentro', nem sei se foi coincidência, já tinha muito poucos espetadores. Para mim foi uma grande tristeza. As pessoas de Bragança abandonaram-me. Trocaram-me pelas pipocas do centro comercial", ultimou Álvaro Caldeira. Com o cinema ardeu o

imaginário, a magia, os sonhos de quem experienciou o mundo através daquele ecrã. (Caldeira, 2016).

Assim, em 2004 Bragança abre as portas ao cinema no shopping e ao Teatro Municipal, os edifícios estão dispostos lado a lado, rematando a avenida Sá Carneiro. O Teatro veio a concluir e/ou emoldurar a praça Professor Cavaleiro Ferreira, projetada pelo arquiteto Januário Godinho, criando um contraste de estilos arquitetónicos, que formam um todo. A sala de cinema, não teve tanta adesão como o esperado, encerrando portas anos mais tarde, até então a cidade deixou de vivenciar o mundo do cinema.

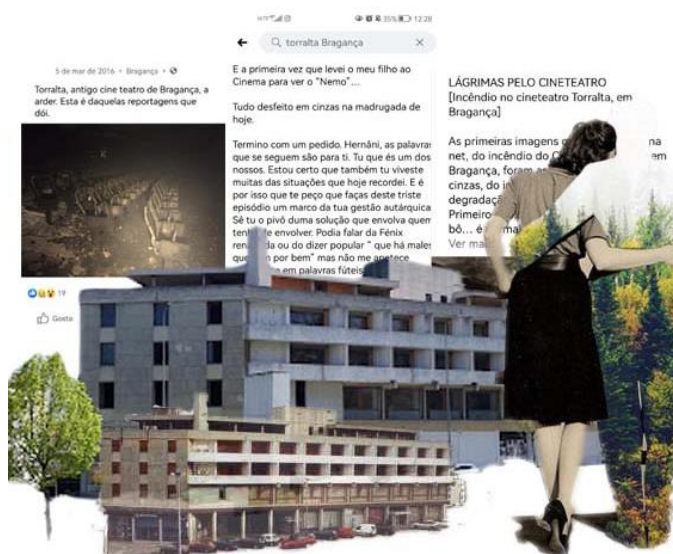


Figura 48 Colagem do cinema da Torraltta, uma representação gráfica do edifício, entre a inauguração e o desfecho trágico, tendo como tela de fundo o desabafo das pessoas.

Contudo, a cultura em geral, não foi esquecida, inserido no âmbito do programa polis existe uma vontade de afirmar Bragança culturalmente, é necessário destacar a implementação do Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, uma reabilitação do Arquiteto Souto Moura, o Museu Abade de Baçal, o Museu de Fotografia, o Conservatório de Música e a Biblioteca Municipal que ocupou o antigo Colégio de Jesuítas. (Fernandes A. , 2004)



■ -Espaços culturais ■ -Área de intervenção ■ -Percurso de ligação

Figura 49- Raízes culturais, Planta de equipamentos culturais (autora)

“(...) os princípios do cinema foram inventados no Renascimento. Brunelleschi, arquiteto, ao instaurar a perspectiva, descobriu a profundidade de campo. Caravaggio e Rembrandt, pouco depois, a iluminação. Ainda Rembrandt, o grão, e Rubens o travelling. (...) Mas é sem dúvida no século XX que as duas artes vão enriquecer reciprocamente as suas linguagens.” (Deleuze, 1986)

4.2. Cinema e Arquitetura: Correlação

A comunicação entre o cinema e a arquitetura é uma questão que se discute há mais de cem anos, dada a sua interdependência existencial recíproca. Tanto o cinema como a arquitetura “baseiam-se na criação ou manipulação de espaços.” No cinema, o espaço aparece como um contexto, de forma a narrar ou enfatizar uma história, ou sentimento. Enquanto na arquitetura o espaço é físico, concreto, palpável, um lugar “vivível”. (Rodrigues A. , 1999, p. 32).

O arquiteto Mallet-Stevens através da observação expressa: “É inegável que o cinema tem uma influência marcante na arquitetura moderna; por sua vez, a arquitetura moderna traz o seu lado artístico para o cinema” (Rodrigues A. , 1999, p. 32)

Segundo Sergei Eisenstein, conceituava que o cinema despertava para uma nova forma de fazer arquitetura, priorizando a conceção dos espaços, “liberta das condicionantes materiais e físicas do mundo real”, no fundo, ele refere que a construção deixa de ser o elemento principal, e prioriza as sensações espaciais, lugares de significado.

O cinema apodera-se da arquitetura nas mais variadas formas, através da construção de cenários, servindo-se dos espaços reais para transmitir todo o enredo ou “utilizando a arquitetura (...) como sujeito da própria história.” (Rodrigues A. , 1999, p. 33)

O que acaba por ser particularmente interessante, não só o facto de termos a oportunidade de ver espaços “irreais”, como por vezes através de um filme conseguimos ver pormenores que não nos atrairiam estando fisicamente no lugar.

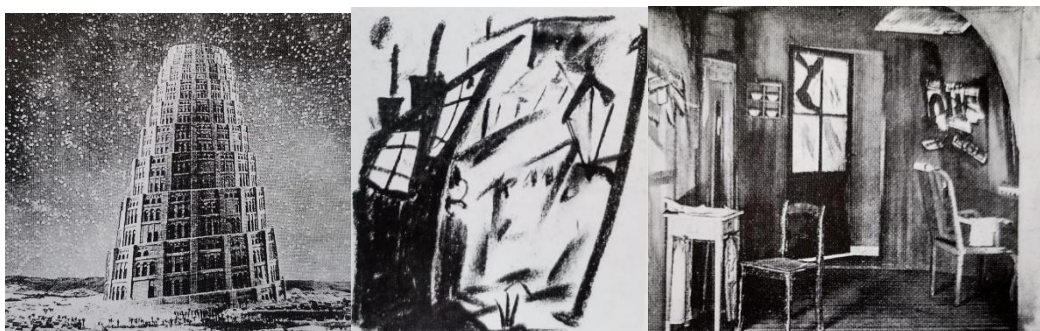


Figura 50 A Torre de Babel, Colagem de Buster Keaton. (Botelho, 1999)

Figura 51 Esboços de Pul Leni para o seu filme “Das Wachsfikurenkabinet, 1924. (Botelho, 1999)

Figura 52 Esboço de Cesar Klein para Genuine – Die Tragodie Eines Seltsamen Hauses de Robert Wiene, 1920. (Botelho, 1999)



Figura 53 Esboços de Pul Leni para o seu filme “Das Wachsfikurenkabinet, 1924. (Botelho, 1999)

Figura 54 Esboço do Arquiteto Hugh Ferriss para o centro de negócios da “Metrópole de Amanhã”, 1928. (Botelho, 1999)

Figura 55 Esboço de Walter Reimann para Algol de Hans Werekmeistr, 1920. (Botelho, 1999)

4.3. A arquitetura enquanto personagem

Walter Benjamin, defendia, que muitas vezes a arquitetura aparecia como “distração coletiva”, “Subliminarmente” a arquitetura acaba por ser um ator no filme. Com a evolução social e tecnológica, a arquitetura deixou de ser vista como um quadro ou uma pintura de contexto e rapidamente passou a ser protagonista. (Walter, 2013).

Exemplificando, no filme “Inception” (A Origem), lançado em 2010, podemos constatar que a arquitetura não é apenas um pano de fundo visual, mas uma parte integrante da narrativa e do estilo ótico do filme. A capacidade de manipular a arquitetura dentro dos sonhos adiciona uma dimensão única à experiência cinematográfica, o que permite

transformar os ambientes em ferramentas para explorar novos temas, como a percepção do real ou a natureza dos sonhos.



Figura 56- “A Repetição como Espaço Fractal”, Imagem do filme (A Origem).

Na imagem acima, retirada de uma cena do filme, foi projetado um espaço onírico, ou seja, que descreve o sonho, através da repetição de objetos e espelhos de forma a criar um espaço infinito, distorcendo visualmente a volumetria do espaço real.



Figura 57- “O Contraste nos Cenários”. Imagem do filme (A Origem).

Como podemos observar, Nolan (cineasta), criou todo um estilo visual, marcado por contrastes de luz e sombra, dando a arquitetura o papel principal. A simetria das escadas e o fumo branco em segundo plano criam uma atmosfera e uma narrativa mística, de “suspense”. (Altamirano, 2014).



Figura 58- “O Desdobramento da Cidade”, Imagem do filme (A Origem).

Na imagem percebemos a estranheza e o “sair da caixa”, Ariadne (personagem), através do sonho, manipula as leis físicas do espaço, curvando a cidade sob si, gerando uma realidade sem limites físicos. (Altamirano, 2014).

A ideia de observar a arquitetura como personagem, está presente em diferentes domínios culturais e artísticos, uma das grandes referências, Gaston Bachelard (1884-1962), foi um filósofo e poeta francês, numa das suas obras mais conhecidas “A Poética do Espaço”, (La Poétique de l'Espace), Bachelard explora a relação entre a imaginação, a experiência humana e os espaços que habitamos, mostra-nos a intimidade do lugar, ou seja, diferentes espaços têm uma qualidade íntima que afeta as emoções e a imaginação das pessoas. (Bachelard, 2008).

Desenvolveu a “topo análise”, a exploração fenomenológica dos espaços, defende que não nos devíamos concentrar apenas na utilidade prática, mas sim nas experiências emocionais e poéticas a eles associadas. A casa é um espaço poético, e faz a correlação da casa com um ninho, que influencia como nos sentimos e pensamos (Bachelard, 2008).

A dimensão temporal dos espaços está intrinsecamente ligada à memória, às experiências passadas incorporadas nos lugares, onde afeta consciente ou inconscientemente a nossa percepção presente. "Porque é que a gravação de velhos tempos se liga tão estreitamente à visão de certos espaços? A explicação é, sem dúvida, que o espaço foi completamente vivido, com toda a sua profundidade e extensão." A arquitetura do/no cinema é também uma reflexão de desenvolvimentos, ideias, novas abordagens e sobre tudo, serviu de palco para a arquitetura contemporânea. (Bachelard, 2008, p. 163).

O florescimento da contemporaneidade apareceu na república de Weimar, onde esta correlação fortalecesse, dando origem a uma visão expressionista, é nesse momento que os arquitetos e cineastas exploram a noção de “espaço com princípio fundamental da arquitetura” onde posteriormente passou a ser “um conceito básico do movimento moderno”. (Rodrigues A. , 1999, p. 33).

Essencialmente esta ideia nasce da vivência do espaço que uma câmara é capaz de captar. Através das vanguardas construtivistas, onde claramente foram influenciadas pela nova forma de fazer cinema, temos o exemplo da arquitetura expressionista alemã dos anos 30 explanada nos cenários do filme “Gabinete do Dr. Caligar”, ou mesmo a desumanização e industrialização da cidade, numa visão sombria do filme “Metropolis”, retratando a sociedade industrial “como uma tecnocracia desprovida de alma”, numa pobreza urbana e das classes oprimidas, “numa visão do mundo organizado hierarquicamente, segundo uma estratificação vertical social.” (Rodrigues A. , 1999, p. 35).

Do ponto de vista moderno, a Cidade no filme “Metropolis” é uma visão imaginativa de influências góticas e modernistas que fazem uma combinação de arranha-céus e catedrais imponentes com estruturas mecânicas. No filme existe uma divisão da cidade, a alta e a baixa, que acaba por ser fundamental para a narrativa, refletindo-se na arquitetura, enquanto a elite desfruta de uma paisagem limpa, urbanisticamente cuidada, os operários vivem um estado labiríntico de túneis e máquinas. O “design” do filme foi fundamental para a atmosfera distópica da narrativa. (Rodrigues A. , 1999).



Figura 59 Imagem do filme “Metróplois” (Frame 18.42 minutos)



Figura 60 Imagem do filme “Metróplois” (Frame 4.16 minutos)

“O reino desta arquitetura não está na esfera da
Necessidade e sim na atmosfera obscuramente
Mórbida, porém radiante, do desejo”.

Juan Antonio Ramírez
La Arquitectura En El Cine

4.4. Linguagens análogas entre as duas artes

Na discussão entre arquitetura e cinema temos a dimensão da linguagem, onde ambas partem do mesmo pressuposto, a linguagem visual. Existe a necessidade de estabelecer uma ponte entre a racionalidade e a imaginação poética.

Estamos numa era em que a racionalidade lógica deixou de ser a única forma de nos relacionarmos com o mundo, transcendendo assim as barreiras disciplinares. Estas duas artes suportam-se na analogia, “metáfora e de técnicas idênticas de colagem e de montagem na conceção das respetivas obras.” (Rodrigues A. , 1999, p. 36).

Sergei Eisenstein, já referido cineasta e teórico, foi uma figura proeminente na história do cinema, através dos filmes mudos a preto e branco. Para ele a arquitetura tal como no cinema corporiza os próprios processos de montagem, particularmente ele descreve como “montagem de choque” ou “montagem dialética”, da qual defendia que no cinema as imagens individualmente não tinham significado, dando importância a relação dinâmica entre elas, de forma a criar impacto emocional e intelectual.

Um exemplo notório é o filme “O Encouraçado Potemkin”, realizado em 1925, é um clássico da montagem em ação, notavelmente, na famosa sequência da escadaria de Odessa, a composição visual e a manipulação do espaço desempenham um papel crucial na criação de tensão e impacto emocional ao espetador.

Eisenstein traçava paralelismos entre a arquitetura e o cinema, na forma como as duas artes organizam o espaço, procurava uma arquitetura temporal no cinema, onde a disposição dinâmica dos elementos visuais no decorrer do tempo teria um impacto semelhante ao que a arquitetura tem no espaço físico.

A montagem cinematográfica que nos mostra, acaba por ser uma tentativa de criar uma estrutura temporal de forma a invocar respostas emocionais e intelectuais, tal como foi referido anteriormente, similares à experiência que nos é proporcionado fisicamente com a arquitetura. (Rodrigues A. , 1999).

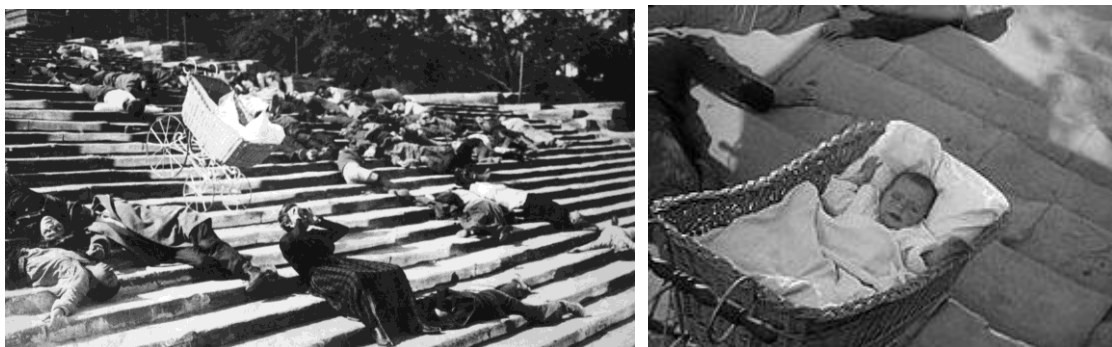


Figura 61 Imagem do filme “O Encouraçado Potemkin” (Frame 54.09 minutos)

Figura 62 Imagem do filme “O Encouraçado Potemkin” (Frame 55.27 minutos)

4.5. Análise do filme “Coco” (A Vida é uma Festa): Animação numa perspetiva arquitetónica

Primeiramente, após os conceitos explanados, fica clara a correlação entre arquitetura e cinema. A análise arquitetónica do filme que se segue, acaba por ser o culminar das disposições anteriores, assim como a arquitetura molda o ambiente físico, a cinematografia manipula o espaço visual, ao desvendar a arquitetura implícita nas imagens em movimento, pretende-se encontrar camadas adicionais que ajudem a entender a narrativa, neste caso trata-se de um filme de animação, onde tudo é pensado, tudo é projetado/desenhado. (Lee Unkrich, 2017).

O filme “Coco” é uma longa-metragem de animação, lançada em 2017, dirigida por Lee Unkrich e Adrian Molina, que aborda a memória, os sonhos, as tradições e as várias gerações familiares.

Como ponto de partida para análise arquitetónica, a história acompanha-se de Miguel Rivera como personagem principal, um jovem aspirante a músico que vive em Santa Cecília, uma cidade fictícia no México.

A família Rivera proíbe a música já há várias gerações, a causa de um trauma passado, onde o tetravô do Miguel abandonou a esposa e a filha, ainda pequena, para seguir a carreira de artista, desde então a família aboliu a música das suas vidas e construiu um negócio familiar de produção de sapatos.

Num belo dia, Miguel decididamente tenta seguir o sonho de ser músico, acidentalmente entra na Terra dos mortos, um mundo espiritual, vibrante e colorido, onde mais a frente analisaremos toda a estrutura, uma vez que a arquitetura faz parte da história. Ao entrar no mundo dos mortos, sendo que estava vivo, descobre que precisa da bênção de um antepassado para regressar ao mundo dos vivos, Miguel determinado a seguir o sonho, parte numa aventura a procura do seu tetravô, julgando ser o seu maior ídolo, Ernesto de la Cruz, um músico e ator famoso, conhecido por todo o México. Durante a procura, Miguel encontra Heitor, um esqueleto trapacento, que ansiava visitar a família a todo o custo no mundo dos vivos, mas sem sucesso, foi então que, por obra do acaso, juntaram-se, com a promessa de entreatajuda. Ao longo da história, Miguel vai descobrindo os segredos da família dando valor a memória e tradição. A grande reviravolta da narrativa, revela que Heitor e o verdadeiro tetravô e o seu ídolo (Ernesto de la Cruz), seria uma farsa, uma vez que roubou as músicas e traiu Heitor, o seu melhor amigo. No final, após grandes confrontos, Miguel regressa à terra dos vivos numa emocionante cena onde tenta reaver a memória do seu tetravô, através da sua bisavó gravemente doente, é importante ressaltar que o filme aborda a doença de alzheimer de uma forma cuidada. (Lee Unkrich, 2017).

Os produtores do filme levaram seis anos de investigação. Desde a arquitetura, as crenças mexicanas, principalmente nos lugares mais tradicionais onde a culto dos mortos é um costume místico, que faz parte integrante da vida mexicana.

Na verdade, não existe um único estilo de arquitetura mexicana, tal como em Portugal, sendo um país repleto de culturas, tradições históricas, gastronomia e de ecossistemas. Tudo isto influencia a arquitetura, para os produtores foi importante entender as pessoas, pois são elas que dão vida a tudo isto.

Ao contrário do que poderíamos pensar o dia dos mortos no México em nada se assemelha ao Halloween, que nasceu no mundo anglófono, não tendo nada de tenebroso, sangrento ou malvado, é sim uma festa familiar até mesmo melancólica uma vez que se trata de recordar e comemorar os entes queridos que já não estão fisicamente, mas que seguem vivos no pensamento e no coração. No México, celebram com alteres vistosos, a

comida favorita, vícios, bebida, etc., de quem partiu, porque a ideia é que continuem a ser felizes.

4.5.1. Narrativa Arquitetônica

A arquitetura não é apenas um panorama secundário, ela contribui para a profundidade conceptual e estética da história. A combinação “tempo e memória” dita toda a experiência humana, através dos antepassados construímos as novas gerações, assim como na arquitetura.

Começando por Santa Cecília, a cidade fictícia, que nada mais é do que o reflexo do típico povo mexicano, ruas paralelepípedicas repletas de cor, os edifícios apresentam detalhes em estuque, varandas em ferro forjado, a casa da família Rivera é uma construção em adobe, tijolos de terra crua, água e palha.

A praça, símbolo de festa e convívio, é rematado por uma igreja, que faz referência a igreja do vilarejo San Juan Parangaricutiro, no estado de Michoacán, México, segundo estudos, o local teve de ser abandonado rapidamente por 1944 habitantes, devido ao vulcão Parícutin que entrou em erupção em 1943 deixando a cidade coberta de lava. (G1, 2014).



Figura 63 - Igreja de San Juan Parangaricutiro (<https://unusualplaces.org/san-juan-parangaricutiro-the-church-buried-in-lava/>)



Figura 64 - Igreja que remata a praça no filme

O cemitério é um dos cenários mais relevantes da narrativa, onde os produtores fazem variadas referências a San Andrés Míxquic, uma comunidade localizada a sudeste da cidade do México, conhecido pelas festas do dia 2 de novembro. Ali, o dia dos mortos é

comemorado com comidas, bebidas e muita dança, nesse dia as flores e as luzes tomam conta do espaço.



Figura 65- San Andrés Míxquic Cemitério

Figura 66- Cemitério no filme Coco

Ernesto de la Cruz, é um dos personagens principais, que tem destaque na arquitetura da narrativa, começando pela estátua monumental que vemos no centro da praça principal, na cultura mexicana é usual homenagear os cantores que deram voz a cultura, temos o caso de Pedro Infante, ator e cantor mexicano, e Jorge Negrete. Justamente em Guanajuato temos um exemplo, da estátua de Jorge Negrete na praça del Ropero.



Figura 67- Estátua de São Jorge Negrete (<https://en.travelbymexico.com/guanajuato/places-to-visit/?nom=eguitarrista>)

Figura 68- Imagem do Filme Coco (19:19:41)

Temos também a “tumba” do De La Cruz, que teve como referência os lugares onde repousam os corpos de famosos artistas mexicanos, entre eles a de Pedro Infante, e o interior é semelhante a “tumba de Cantinflas, os vãos a luz e o betão aparente.



Figura 69- “O mausoléu onde repousam as cinzas do maior comediante do cinema” Cantinflas.

Figura 70-Interior da “Tumba” de Ernesto De La Cruz. Filme Coco (21:09)

A ponte de Cempasúchil, é o elemento arquitetônico principal do filme, serve de ligação entre o passado e o presente, que conecta a morte com a vida. O nome da ponte advém de uma flor, (cempasúchil), usada tradicionalmente nas celebrações do dia dos mortos, a cor laranja forte e brilhante, cria uma majestosidade singular da peça. A ponte tem um movimento surrealista.

Segundo Louis Aragon, o cinema tem a capacidade de “fundir o real e o imaginário, o físico e o mental,” que são as premissas do pensamento surrealista. O surrealismo tem por objetivo “empurrar as fronteiras da realidade lógica e revelar as possibilidades infinitas que existem no domínio do nosso mundo concreto,” assimilando mais do que “a lógica racional”, para Aragon o surrealismo é a “face das infinitas formas concretas do mundo”. A presença da ponte é marcada pelo percurso da esperança, da saudade e da conexão. (Balakian, 1987, p. 125) (Rodrigues A. , 1999, p. 37).



Figura 71 A ponte como um dos personagens principais do filme (24:28)



Figura 72 A ponte surrealista como elo de ligação do mundo dos vivos para o mundo dos mortos (25:00)

Após a travessia, entramos no mundo dos mortos, na narrativa, os produtores pretenderam invocar a memória, a recordação, através da arquitetura, o mundo dos mortos é um passeio pela história da arquitetura mexicana. Na imagem que se segue esta representado o conceito criativo dos produtores, para a cidade dos mortos, diria que é uma repaginação da Torre de Babel.

Começando pela base, que suporta toda a história, vemos pirâmides, arquitetura Pré-hispânica. O México é Bastante conhecido pela cidade sagrada de Teotihuacan (“o lugar onde os deuses foram criados”), entre o século I e VII d.C. foram erguidos vários monumentos como o Templo de Quetzalcoatl, as Pirâmides do Sol e da Lua etc, a cidade é um palco cultural da Mesoamérica. (UNESCO, 2016).

Logo em seguida vemos uma nova forma de construir, arquitetura virreinato, com a representação de igrejas, da qual faz referência a catedral da cidade do México, que como demorou mais ao menos 250 anos a ser construída, acabou por ser uma fusão de estilos, Gótico, Barroco, Neoclássico.

A seguinte etapa pertence à arquitetura colonial, onde certamente inspiraram-se em Oaxaca, Guanajuato, San Miguel de Allende, as ruas com edifícios multicoloridos, são cenários que conferem personalidade ao filme, e leveza a cidade dos mortos.

Durante a revolução mexicana chegam as vanguardas, a evolução da sociedade foi crucial para restaurar o legado histórico cultural, e com isso veio a arquitetura neocolonial que teve uma duração curta visto que a arquitetura moderna rasgou com todos os paradigmas, onde claramente Le Corbusier não pode ser esquecido.

O seguinte nível veio depois da revolução mexicana onde o betão e o funcionalismo são a base, com cores fortes, não nos podemos esquecer que estamos no México, um dos arquitetos que executou este estilo com mestria foi Luis Barragán.

Barragán trabalhava com a luz, a cor, as sensações, palavras essas que descrevem o mundo dos mortos, no filme é sempre de noite o que dá ênfase aos milhões de luzes e cores que conferem todo o misticismo. (Just, 2021).

Finalmente, no topo da pirâmide está o século XXI, com construções de prédios em altura, máquinas industriais de construção etc. Nota-se que a cidade dos mortos segue em construção, tal como a cidade dos vivos, as cidades são organismos vivos que se encontram em constante mutação.

A Art Nouveau, tem um papel interessante no filme, este movimento surge no século XIX em França em sequência da segunda revolução industrial, e rapidamente espalha-se por todo o mundo.

No filme “Coco”, a Grand Central Station, é o ponto de chegada no mundo dos mortos, onde simbolicamente os espíritos recém-chegados são acolhidos e guiados numa atmosfera completamente festiva, um reflexo da fusão da Art Nouveau e Art Déco, com inspirações no Palácio de Bellas Artes e o Palácio Postal no México.



Figura 73 Conceito criativo da cidade dos mortos, sustentada pelo legado arquitetônico até aos dias de hoje. (25:35)



Figura 74 A recepção é claramente inspirada na Art Nouveau e Art Déco (26:07)



Figura 75 Detalhe da guarda das escadas (32:00)



Figura 76 Estação de boas-vindas no mundo dos mortos, a representar a arte Nouveau (27:55)

Sumariamente, em Coco “A vida é uma festa”, revela-se a arquitetura como uma dança meticulosamente encenada, não como segundo plano nem um mero cenário estético, cada detalhe sussurra as várias faces da cultura arquitetônica.

A luz e a cor pintam um quadro onde a matriz é um eco do passado entrelaçado com o presente que carinhosamente agarra a alma do espectador. Os estilos arquitetônicos presentes na trama ressaltam em cada recanto, formando um hino a história mexicana.

Aborda-se a morte, a vida, a memória, o tempo, a arquitetura, uma tapeçaria de emoções. Este é um exemplo de como o cinema se inspira na arquitetura, mesmo sendo um filme de animação, ao logo deste observaram-se várias imagens que remetem a clássicos da arquitetura, sendo o caso das figuras seguintes.



Figura 77- Imagem do Filme Coco (1:14:41)



Figura 78- Panteão de Roma (B, 2014)

Capítulo 5

5.1. Moagem Mariano num resgate pela cenografia: Circunstância Urbana



Figura 79- Bragança 2023 (Google Earth)

Podemos dizer que a atual configuração da cidade de Bragança é a simbiose do desenvolvimento condicionado e condicionante, é nesse ponto que surge os dois tipos de desenvolvimento, as construções originais que impulsionaram o crescimento urbano e a fixação da população em redor, como é o exemplo do castelo na era medieval ou até mesmo as igrejas que demonstram o poder religioso.

Por outro lado, temos a construção das necessidades evolutivas, sociais, hospitais, escolas etc., desta maneira a cidade expandiu-se a partir do seu entorno. Tomou-se a consciência de que “o todo é mais importante que cada uma das partes; apenas é o facto urbano na sua totalidade, portanto também o sistema viário e a topografia até às coisas que se podem apreender passeando de um lado para o outro numa rua, constituam esta totalidade.” (Rossi, 2001, p. 46).

Ao longo do tempo Bragança demonstra uma preocupação com a valorização, como constatamos anteriormente através da implementação do programa polis e a requalificação do centro histórico da mesma.

Observou-se também na “planta com a indicação de equipamentos culturais” em cima referida, que a cultura pertence à zona histórica, conseqüentemente gera mais fluxo de pessoas, não só de turistas como residentes, nessa mancha.

Bragança é identificada por dois eixos principais que rasgam a cidade de um lado ao outro, que constituem a principal rede viária e dinâmicas sociais, o primeiro faz ligação à A4, que vem desde a praça Cavaleiro Ferreira, passando pela Avenida Sá Carneiro, terminando na avenida das Cantarias, o segundo, faz a ligação norte em direção a Espanha, começa no Castelo desce em direção à Praça da Sé passando pela rua direita, Avenida João da Cruz e termina na Avenida das Forças Armadas.

A requalificação e preocupação sobre cidade tem ganhado mais espaço como constatamos ao longo do trabalho, mas anda é possível, identificar estruturas ao abandono, mega formas que marcaram presença, estamos perante um legado industrial, tido em esquecimento.

É fundamental perceber a génese do edifício de estudo, compreender o tecido industrial da cidade, e qual o impacto da indústria em Bragança?

“Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão, (...)”
Álvaro de Campos. Fernando Pessoa

5.2. O tecido industrial em Bragança

Não podemos falar da indústria sem referir a economia, na última década do século XIX, contrariamente aos países europeus, Portugal era detentora de taxas extremamente baixas do PIB, estávamos perante um severo atraso de crescimento económico, onde devemos realçar a má rede de transportes e técnicas ultrapassadas de executar agricultura e indústria. Partindo desse pressuposto, os responsáveis políticos, acoplaram esforços para colmatar essa problemática do país.

Questiona-se: Então e Bragança? Enquanto o país crescia a olhos vistos, com todas as inovações implementadas, a cidade de Bragança distanciava-se paulatinamente, o isolamento fazia-se sentir. A rede ferroviária rasgou Portugal em 1892, deixando para trás Bragança, que apenas vivenciou o entrelaçar dos caminhos de ferro em 1906. O outro fator que afligiu a cidade, manifestou-se já nos finais do século XIX, a “utilização da força motriz do vapor para fins industriais.” (Cepeda, 2021, p. 663)

“A agricultura estava em profunda estagnação, atrasada, utilizava utensílios rudimentares, com produtividades baixíssimas (...)”. Nessa época Bragança teria um composto de atividades artesanais que serviam de fonte de rendimento para as famílias, que seria o fabrico de couros, calçado, mobiliário, chocolate, bebidas gasosas e seda, ofícios estes trazidos pelos judeus que eram as pessoas empreendedoras na altura.

“Diversos problemas afetavam a agricultura, a indústria e o comércio de então.” (Cepeda, 2021, p. 665).

5.2.3 Arqueologia Industrial de Bragança

Nos finais de setecentos, em 1780 – 1781, o magistrado bragançano José António de Sá descreveu a economia da Terra Fria, começando por registar a imperfeição dos utensílios e o atraso na agricultura. Nessa época os lavradores dedicavam-se a produção de cereais, da batata e da castanha, muito abundante na região.

Havia bastante lã na província, sendo, um fato curioso, que não existia uma única fábrica de panos, ou seja, “vendiam as lãs para comprarem depois os panos, dando aos outros o ganho que eles podiam lucrar se fossem industriais.” (Sousa F. d., julho, 2013).

Não havia uma fábrica de louça, no entanto, a região possuía excelentes argilas e barros, que por sua vez apenas eram aproveitadas para fazer panelas, comprando aos castelhanos o resto das louças e não só. Bragança era uma província militar e como tal a tropa gastava muito ferro, contudo não havia qualquer fábrica, e era a Espanha que lucrava com a venda em massa.

Outra grande lacuna é a falta de moinhos de vento uma vez que no verão os rios não levam água suficiente para moerem as azenhas, por inúmeras vezes não havia pão. Numa frase: “faltavam as artes de primeira necessidade”.

“A única exceção a este panorama industrial era apenas a fábrica de seda de Bragança, das mais famosas, não só da província, mas do Reino” Quatro décadas mais tarde e já em pleno regime Liberal, o panorama da economia da cidade de Bragança, no contexto do Nordeste Trasmontano, era alimentada sobretudo pelos produtos industriais ingleses, chineses e fábricas portuguesas (Lisboa e Porto), e também pelos espanhóis. (Sousa F. d., julho, 2013)

Segundo Vergílio Taborda, afirmou que em 1930, nos planaltos trasmontanos a indústria era quase inexistente. Apenas havia manufaturas domésticas, artesanais, dentro do meio rural, no seio familiar, servia maioritariamente para consumo próprio, e esporadicamente para vender em mercados e feiras locais.

Nesse mesmo século os tecidos de linho e os panos de burel, um ofício bastante popular na região, acabaram por desaparecer ao longo do tempo, por força da concorrência de

grandes indústrias, da qual se tornava cada vez mais acessível com o desenvolvimento dos transportes.

Este quadro industrial da cidade, e típico do Antigo Regime, que acabou por se prolongar até ao séc. XX, é importante destacar a indústria das sedas que ultrapassou largamente a dimensão local e regional. A indústria foi um processo lento, “Em termos industriais Bragança era praticamente um deserto. Para além de pequenas moagens de centeio e trigo, algumas padarias, alfaiatarias, sapatarias, carpintarias, marcenarias, serralharias e forjas para as práticas agrícolas, pouco mais existia.” (Cepeda, 2021, p. 667).

No Estado Novo, o governo lançou em 1929/1930 a campanha do trigo, como forma de colmatar as necessidades de consumo evitando a importação e dignificando a indústria agrícola. Como forma de garantir um bom resultado em 1932, o governo cria “um organismo de coordenação económica – a Federação Nacional dos Produtores de Trigo (FNPT) destinado a garantir o escoamento das produções a preços subsidiados.” (Cepeda, 2021, p. 678).

No conselho de Bragança havia algumas unidades fabris destinadas ao trigo em grão e farinhas, a moagem Mariano & C^a Lda. que anos mais tarde desloca-se para um conselho contíguo, a moagem Afonso Lopes & C^aLda, que surgiu em 1928, que se mantém até hoje em funcionamento e que vende farinha, farelo e rações para o resto do país e a Moagem Lopes, construída no local do antigo Moinho dos Padres.

“A marca deste período é visível nos Silos da EPAC, onde milhares de toneladas de cereal eram carregadas em vagões do caminho de ferro. No ano de 1990, ainda se formavam grandes filas de tratores carregados de cereal.” (Nunes, 2021).

Na cidade proliferavam pequenas unidades industriais, ligadas fundamentalmente aos bens de primeira necessidade, com as moagens referidas anteriormente, padarias, pequenas indústrias de enchidos e serrações, estas ligadas à construção de alfaias agrícolas e de ferramentas de carácter artesanal. (Cepeda, 2021, p. 680).

Percebe-se também, que a construção civil começou a ter alguma importância, “surgindo neste período os primeiros construtores civis a tempo inteiro, dando resposta a pedidos de construções de novas habitações. Estes primeiros construtores civis vieram da zona do Minho, já com alguma experiência,” que tiveram um papel fundamental na formação dos Bragançanos. (Cepeda, 2021, p. 680).

“A indústria portuguesa, neste período, localizava-se principalmente nos distritos do litoral entre Setúbal e Braga”. A produção do conselho não tinha grande expressão a nível nacional, uma das problemáticas era a localização geográfica em relação ao Porto Lisboa, sendo que demorava cerca de 5 horas de automóvel, e 12 horas de camião e 3 dias pela linha ferroviária, uma vez que fazia o transbordo na estação do Tua de 8 horas de espera. (Cepeda, 2021, p. 692).

E “as eventuais trocas comerciais com Espanha estavam dificultadas pela existência de um único posto fronteiriço – Quintanilha -, no qual eram impossíveis a circulação de camiões de TIR e os desalfandegamentos de mercadorias”. Esperava-se, a diminuição de 30% no emprego na indústria transformadora do Conselho, ao longo do período de 1960 a 1970.” (Cepeda, 2021, p. 692).

Anos mais tarde vem a cultura do Lúpulo, onde 50% da produção pertencia a Bragança, a empresa Lupulex, “era responsável pela receção do lúpulo produzido pelos agricultores deste Conselho e de Braga,” era um dos produtos mais rentáveis. A chegada progressiva ao mercado estrangeiro, nomeadamente a china que praticava preços muito mais baixos, fez com que o mercado de Bragança entrasse em crise e acabando com a produção, as instalações foram vendidas, dando lugar a um conjunto de residências. (Cepeda, 2021, p. 700)

Em 1979 “a descolonização dos territórios africanos trouxe a Bragança milhares de retornados, oriundos e/ou descendentes deste Concelho, que fizeram aumentar em cerca de 10% a sua população.” A Câmara Municipal ofereceu terrenos a preços simbólicos, e foi assim que se formaram os bairros periféricos, auxiliou na abertura de pequenos comércio, uma vez que eram pessoas com um espírito empreendedor. (Cepeda, 2021, p. 700).

A indústria, nesse momento contava com pequenas unidades “transformadoras como as da alimentação, metalomecânica, madeira e produtos minerais não metálicos (cal, cerâmica, etc.)”. No ano de 1972 foi criada a PRECINORTE, Pré-Fabricados de Cimento do Nordeste Trasmontano, que empregava cerca de 50 trabalhadores, fechou portas em 1980, face ao agravamento da situação financeira. (Cepeda, 2021, p. 701).

Mais tarde foi criado o Núcleo Empresarial da Região de Bragança, NERBA, que ocupou as antigas instalações da PRECINORTE que ficou a cargo da Câmara Municipal. (Cepeda, 2021, p. 704).

Para fomentar a fixação da indústria na cidade, surgiu a primeira sociedade de Fomento Empresarial, chamando a atenção de empresários de outros países, como foi o caso do proprietário alemão Sr. Dieter F. Kal Grunig que em 1990 fundou a fábrica “Máquinas GRUNIG Bragança Lda.” de produção de venda de tabaco, conhecida como a fábrica do alemão, empregava 190 trabalhadores.

Esteve em funcionamento até ao ano 2000, por venda judicial, adquirida pela Câmara Municipal, nesse mesmo ano foram vendidas a uma empresa multinacional, FAURECIA, uma fábrica de escapes e outros componentes automóveis. A Faurecia é líder a nível europeu e terceira a nível mundial na área dos escapes que emprega 400 postos de trabalho. (Cepeda, 2021, p. 745).

No dia 27 de fevereiro de 1993 foram inauguradas as instalações da primeira grande empresa de produtos regionais de Trás-os-Montes, SORTEGEL, localizada em Sortes a 12 quilómetros da cidade de Bragança. (Cepeda, 2021, p. 721).

Em 2012 iniciou-se a 1ª fase de construção do Brigantia EcoPark, que nada mais é que um centro de investigação e de incubação para empresas de base tecnológica. Na virada do milénio, o comércio local abraçou a abordagem inovadora do franchising, impulsionando a modernização do setor, promovendo novas marcas e conceitos, fazendo a revitalização não só no comércio do centro histórico, como no espaço urbano, consequentemente acabou por transformar a paisagem comercial de forma singular. (Nunes, 2021).

A industrialização deixou traços indestrutíveis na identidade da cidade, transfigurando a própria aparência. Seguidamente veremos uma linha cronológica que traduz graficamente o texto descrito anteriormente, que culmina na estrutura industrial atual.

1780



Em 1780, os corações pulsavam ao ritmo paciente da terra. Entre a imensidão dos campos, dedicavam-se à arte de cultivar cereais, semear batatas e apanhar castanhas. Num sacrifício e trabalho duro, a província não conhecia outra realidade, onde a lã fluía em abundância, tecia histórias silenciosas nos fios do quotidiano. As mulheres, com as suas mãos habilidosas, transformavam a lã em suaves mantas para o lar, uma expressão de arte no tecido quotidiano da vida doméstica.

1930



Em 1930, as trocas comerciais desenhavam uma rotina encantadora, onde a venda de produtos artesanais e utensílios essenciais para o quotidiano desabrochava no palco do mercado.

Na imagem, vemos a antiga cena do mercado, uma cápsula do tempo que agora contrasta com a contemporaneidade da Praça Camões. Duas eras entrelaçadas, cada uma carrega consigo não apenas o reflexo de diferentes momentos, mas também a evolução de usos e propósitos.

1932



Na época do Estado Novo, o governo lançou a notável campanha do trigo, uma iniciativa destinada a suprir as crescentes necessidades de consumo. No concelho de Bragança, despontavam diversas unidades fabris dedicadas ao processamento do trigo em grão e à produção de farinhas, entre elas havia moagem Mariano & C^a Lda. que anos mais tarde desloca-se para um conselho contíguo, e a moagem Afonso Lopes & C^aLda, que permaneceu firmemente enraizada na região, resistindo ao teste do tempo e mantendo-se em operação até os dias de hoje.

1972



Na imagem, vemos uma narrativa entrelaçada entre o passado e o presente, onde outrora se erguia a empresa Lupulex, responsável pela receção do lúpulo produzido pelos agricultores, hoje metamorfoseou-se num condomínio habitacional. As estruturas industriais deram lugar a residências.

1980



Em 1972, surge a PRECINORTE - Pré-Fabricados de Cimento do Nordeste Trasmontano, que acolhia cerca de 50 trabalhadores. Contudo, as páginas do tempo não foram totalmente generosas, em 1980, face ao agravamento da situação financeira, viu-se forçada a fechar portas. Contudo, como a vida frequentemente tece novos capítulos, com a chegada dos retornados, pequenas indústrias começaram a nascer, pontuando um renascimento econômico na região. O que impulsionou a criação do Núcleo Empresarial da Região de Bragança, o NERBA, Curiosamente, o NERBA ocupou as antigas instalações da PRECINORTE.

2000





A Faurecia, empresa multinacional é líder a nível europeu e terceira a nível mundial na área dos escapes que emprega 400 postos de trabalho.

2012



Brigantia EcoPark é um projeto sustentável, de um estilo contemporâneo, linhas retas e funcionais conferem ao edifício a oportunidade de expansão.



-  Indústria em funcionamento
-  Local de intervenção

2023

5.3. Casos de estudo

A pesquisa que se segue, revela-se inquietante e fundamental para a estruturação e fundamentação do projeto proposto. Detentores de características dispare, que acabam por ser um culminar de intenções, que se cogita retirar e implantar no exercício final, são como uma dança de ideias. Desta forma, observamos exemplos de intervenções no Património Industrial, e como um passado construído se molda às necessidades atuais, talvez isto, seja arquitetura em movimento, um filme sem fim. O estudo tem por objetivo a compreensão dos conceitos-chave, tecidos na trama da proposta final, que contribuíram para a melodia do saber.

Tate Modern

Ao analisar todo o processo de transformação e requalificação da antiga central elétrica de Bankside que viu a sua ressurreição numa nova Galeria Tate de Arte Moderna, é notório a importância da revalorização de megas estruturas de um legado industrial, e as suas potencialidades.

No período pós-industrialização, por volta do século XX, assistimos, por via de várias camadas de manipulação morfológica das cidades, conseqüente da construção massiva de fábricas que ao longo do tempo se viram ao abandono, ao qual apelidamos edifícios obsoletos. (Pradillo, 2017-2018).

Muitos dos casos são construções demolidas, tidas no esquecimento, que desapareceram da memória industrial da cidade, mas nem tudo foi destruído, há casos em que as estruturas são reutilizadas, preservando o património da época.

No Reino Unido, esta preocupação deu-se por volta dos anos 50, mas só na década de 90 é que começou a construção e debate, sobre os edifícios industriais, numa visão oportuna de promover e renovar as cidades. Para satisfazer as necessidades culturais e sociais, que através dessas intervenções é possível transmitir valores históricos para as gerações futuras. (Pradillo, 2017-2018).

O estudo recai sobre a antiga central elétrica de Bankside, referida anteriormente, a fábrica teve várias etapas de construção, concluída em 1953, estando ativa até 1981, deste então associou-se a mais uma construção abandonada.

Só em 1994 o edifício deu voz a nova Galeria Tate. O edifício tem cerca de 9200 m², o esqueleto era uma estrutura metálica, revestido com tijolos, dotado de uma volumetria simétrica, dividida por uma chaminé com uma elevação de 99 metros.

Considerando o contexto urbano, a central foi projetada no bairro de Bankside, na margem do rio Tâmesa em Londres, situada na zona central de Londres, antes da reconversão, era uma área abandonada e degradada, que foi mais uma testemunha de regeneração não só arquitetônica, mas também urbana.



Figura 80 Fotografia da sala de Turbinas da antiga central
(Cardenete Pradillo, Irene)



Figura 81 Delimitação do centro de Londres/
localização da Central (Cardenete Pradillo, Irene)

Em 1994 os diretores da Tate Gallery, propuseram um concurso a nível internacional para a transformação do antigo edifício, num dos maiores museus de arte da Inglaterra. Sendo que um dos grandes objetivos, era que a galeria competisse com os três museus de arte moderna mais destacados a nível mundial, MoMa em Nova York, o Guggenheim também projetado em Nova York e o Centro Georges Pompidou em Paris.

Tate, por uma questão programática não teria recursos para construir um edifício novo com tal magnitude no centro de Londres, é notório referir que a central ganha destaque na paisagem de quem se encontra na Catedral de Londres, localizada no centro financeiro da cidade. (Pradillo, 2017-2018, p. 17).

Os vencedores do concurso foram os arquitetos suíços Herzog & de Meuron. Primeiramente, analisaram o local de implantação através de esquemas da qual estabeleceram estratégias de atuação. “Quando não comesças do zero, é necessário estabelecer estratégias arquitetónicas que não serão motivadas principalmente por preferências estilísticas. As preferências tendem a excluir ou incluir algo.

A estratégia era aceitar o poder físico do grande volume do ladrilho da central de Bankside, e até mesmo realizá-lo em vez de acabar com ele ou tentar subestimá-lo. [...] É uma espécie de estratégia do Aikido, que utiliza a energia do inimigo para os seus próprios objetivos. Em vez de lutar contra ele, extrai toda a sua energia e essência de uma forma inovadora e inesperada”. (Moore, 2000, p. 45).

Diagramas de análise da envolvente por Herzog & de Meuron (1994):



Figura 82 Conexões visuais

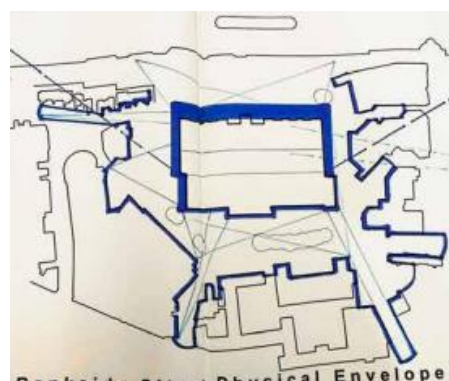


Figura 83 Envolvente física

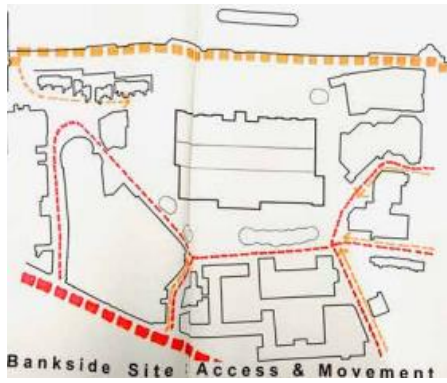


Figura 84 Acesos

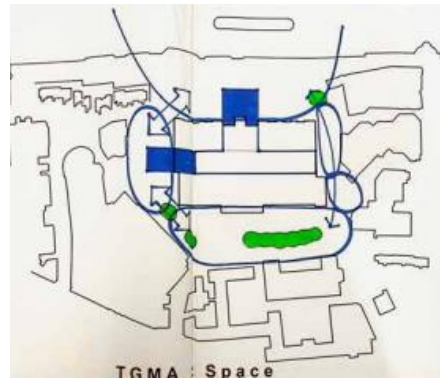


Figura 85 Espaço

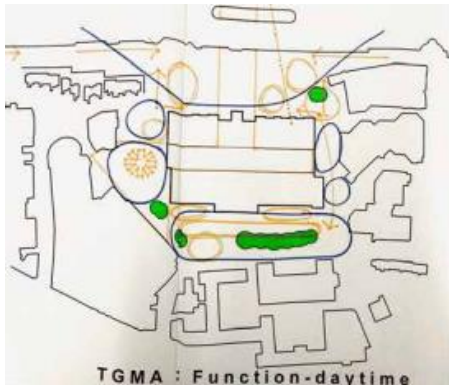


Figura 86 Função - Dia

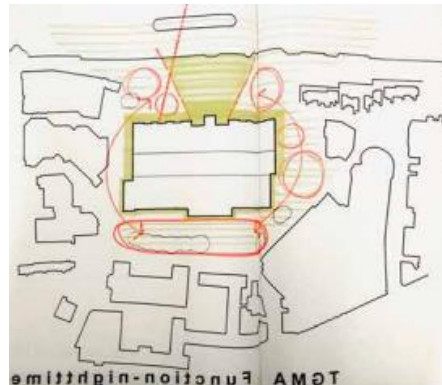


Figura 87 Função- Noite



Figura 88 Percurso

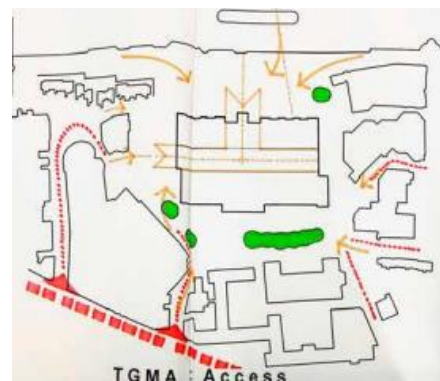


Figura 89 Acesos ao interior

Ideia de projeto:

Os arquitetos tinham como objetivo a criação de um espaço verde entorno do edifício que remata na travessia do rio, acaba por ser o coração do bairro de Bankside. Transformar a preexistência num espaço aberto, fundindo a cidade com o edifício. O lado oeste é invadido por uma rampa de acesso que começa desde o exterior e estende-se até ao interior, criando esta ligação de interior/externo. (Pradillo, 2017-2018, p. 51).



Figura 90 Corresponde ao plano dos arquitetos paisagistas de Kienast Vogt, realizado em 2006.

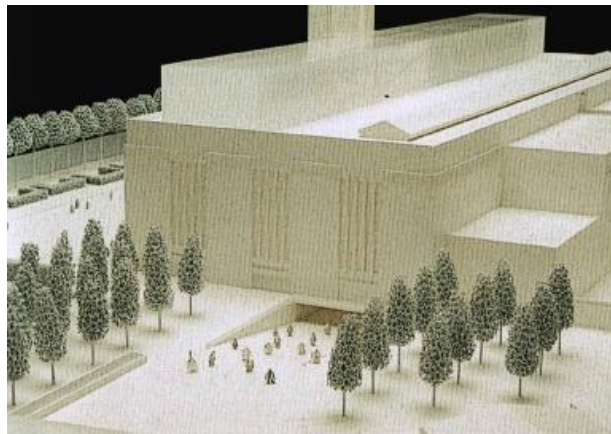


Figura 91 Imagem da maquete do projeto (Cardenete Pradillo, Irene)

Diálogo com a cidade:

Para os arquitetos, a reconversão da fábrica numa nova funcionalidade de museu, repercutiria na imagem exterior do edifício, num gesto de se afirmar como um novo marco na cidade, mas mantendo a sua contundência arquitetónica original.

A torre sendo um elemento vertical imponente que confere equilíbrio visual sobre a horizontalidade da nave, os arquitetos projetaram um novo volume envidraçado, desta forma a linha de luz horizontal rasga o edifício e se sobrepõem a verticalidade da chaminé, acabando por definir o skyline de Londres durante a noite, com isto, há uma distinção entre o novo e o primitivo. Salienta-se também a abertura de quatro vãos horizontais em torno do edifício. (Pradillo, 2017-2018)



Figura 92 Vista exterior do edifício (Cardenete Pradillo, Irene)

Relação, novo e existente:

Herzog & de Meuron trataram a questão da acessibilidade pedestre com um fator muito importante e como o utilizador atravessa do exterior para o interior, um dos casos é a rampa citada anteriormente, começa por convidar a pessoa a entrar no edifício, comprimindo-se gradualmente até chegar a sala de Turbinas descrito como o coração do edifício numa amplitude e volumetria megalómana.

Esta sala de Turbinas atua como um sistema de circulação vertical do organismo museológico, este espaço conta com quatro entradas que convergem no centro. Segundo os arquitetos, pretenderam uma orientação clara uma vez que o museu é bastante

grande, facilmente as pessoas se perderiam, ao entrar, todas as pessoas, entende como o edifício está estruturado, quase como uma paisagem, (Pradillo, 2017-2018, p. 67).

Em geral, percebe-se uma composição simétrica e modular que oferece uma leitura clara do projeto, para os arquitetos suíços a simetria nem sempre foi fácil de lidar, uma vez que parecia demasiado rígida, houve um esforço nesse sentido de quebrar essa linha, seja ele com rampas ou fazendo um jogo com as alturas das galerias criando diferentes atmosferas, mas sempre unificando os espaços com formas retangulares e neutras. (Pradillo, 2017-2018, p. 75).



Figura 93 Diagrama de simetria do edifício em corte (Cardenete Pradillo, Irene)

Não só na arquitetura museológica, mas em todos os espaços, a luz é um dos pontos-chave, no caso da Tate Modern, a distribuição das salas é pensada de modo a estabelecer contacto com as janelas existentes, relacionar o novo com o original, existem três elementos fundamentais que trazem luz ao edifício, as janelas originais, o novo volume longitudinal que coroa o bloco principal e as claraboias.

Diagramas de etapas realizada por Cardenete Pradillo, Irene:



Figura 94 A estratégia de Aikido

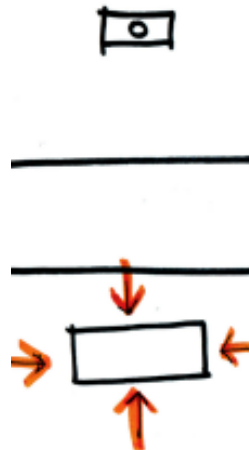


Figura 95 As quatro entradas

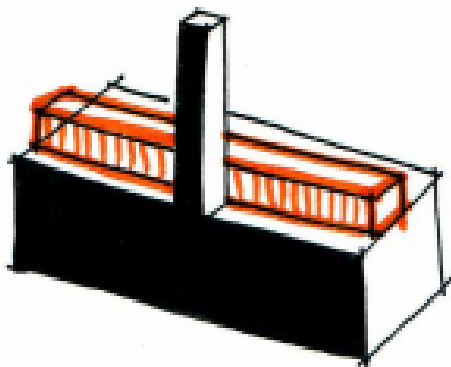


Figura 96 Um corpo luminoso sobre o edifício

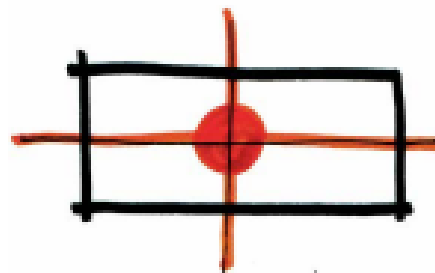


Figura 97 Sistema distributivo

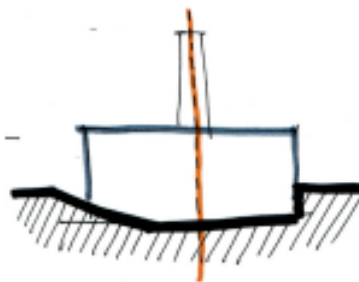


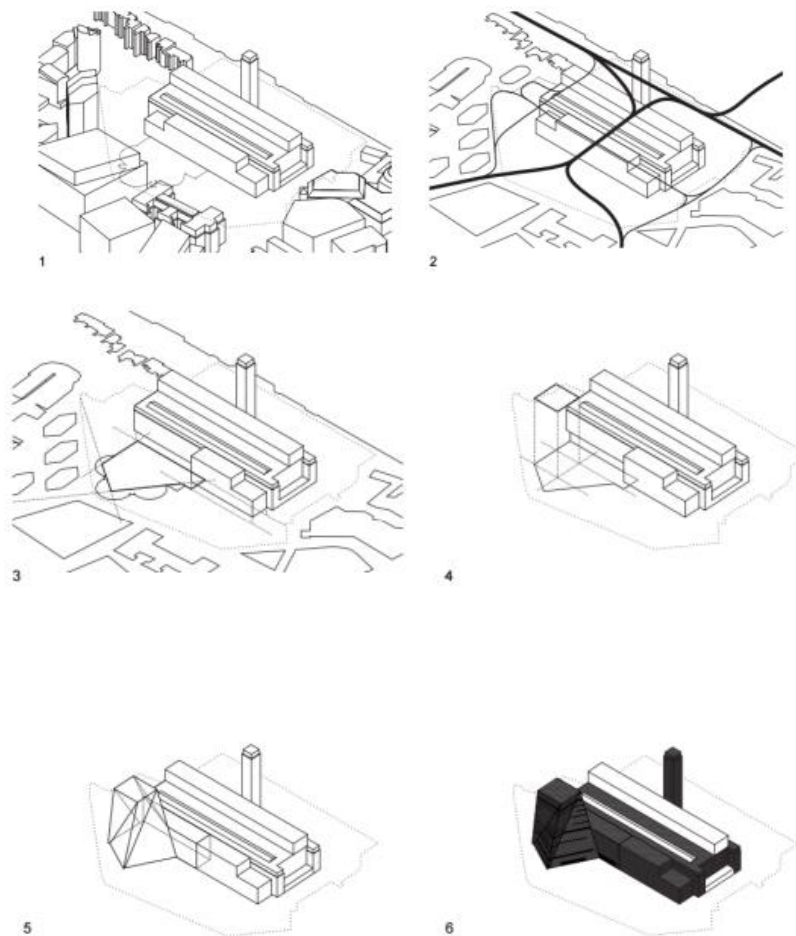
Figura 98 Diagrama da simetria

A Galeria Tate Modern, é a prova de como a arquitetura tem o poder de regeneração. É um dos museus de arte mais admirados por todo o mundo devido a sua inovação e liderança no universo da arte, é interessante referir que contribuiu para o crescimento económico da cidade.

O sucesso e a adesão foram tão grandes, que em 2006 propôs-se uma extensão do museu, que ficou a cargo dos mesmos arquitetos, Herzog & De Meuron, o novo edifício denominado Switch House, toma forma de uma torre piramidal, através de ângulos dramáticos. (Joson, 21).

Inspirados na materialidade do edifício preexistente, reinterpretaram a sua construção através de uma trama vazada de 336.000 tijolos que conferiu não só personalidade ao volume como uma curiosa entrada de luz. O culminar entre o esqueleto de betão e as longas janelas horizontais oferecem novas vistas, e por vezes acabam por revelar o pano de tijolos. (Joson, 21).

Diagramas do processo, evolução do desenho e a ampliação realizada por Cardenete Pradillo, Irene:



Cinemateca Matadero: Matadero de Madrid

O Matadouro de Madrid está situado nas proximidades do rio Manzanares, na cidade de Madrid. Este edifício foi originalmente o matadouro municipal de Arganzuela, construído entre 1911 e 1925 pelo arquiteto Luis Bellido Y González, e o engenheiro Eugenio Rivera.

Devido à sua construção prolongada, o edifício passou por algumas modificações, e as plantas originais não refletem completamente o resultado. Foi um marco na arquitetura madrilenha, caracterizada pela funcionalidade, racionalidade construtiva, simplicidade conceptual e a sua mega forma que se empunha sobre a cidade. (Jaque, 2024). Mikel Santiago descreve o Matadero da seguinte forma:

“Su funcionalidad, racionalidad constructiva y sencillez conceptual van a emparentar al Matadero, no con postulados de la Escuela de Berlage, más visibles en otras de las obras de Bellido, sino con las corrientes vanguardistas centroeuropeas, como el Werkbund, aun cuando carezca, por ejemplo, la rotundidad y sobriedad de un Peter Behrens, en su edificio berlinés AEG (1909). Y es que Luis Bellido seguía manteniendo compromisos con los lenguages revival, en este caso en Neomudejár, no renunciando a su enraizamiento como “estilo nacional”. Su adopción fue, en cualquier caso, una respuesta habitual para este tipo de arquitecturas, de carácter utilitario e industrial, haciéndolo en el Matadero, tal y como señaló González Amezqueta, a través de las “acentuaciones ornamentales” y un proceso constructivo “estrictamente artesanal” en el que el ladrillo cobra un papel primordial.” (Santiago, 2006, p. 93).

A sua unidade de estilo e construção racional é na maioria alcançada através da escolha de três materiais básicos para erguer o novo matadouro: tijolo à vista, alvenaria e cerâmica. Para além destes, existem elementos metálicos, na estrutura, que foram utilizados cuidadosamente. (Jemene, 2017).

A proposta foi concebida numa ideia de “projeto aberto”, ou seja, vários espaços que constituem um todo, deixando-os livres para permitir ocupações diferentes, que pudessem sofrer transformações futuras, com isto, numa primeira fase foram projetados 48 edifícios, onde gradualmente se chegou aos 64 edifícios. (Jemene, 2017).

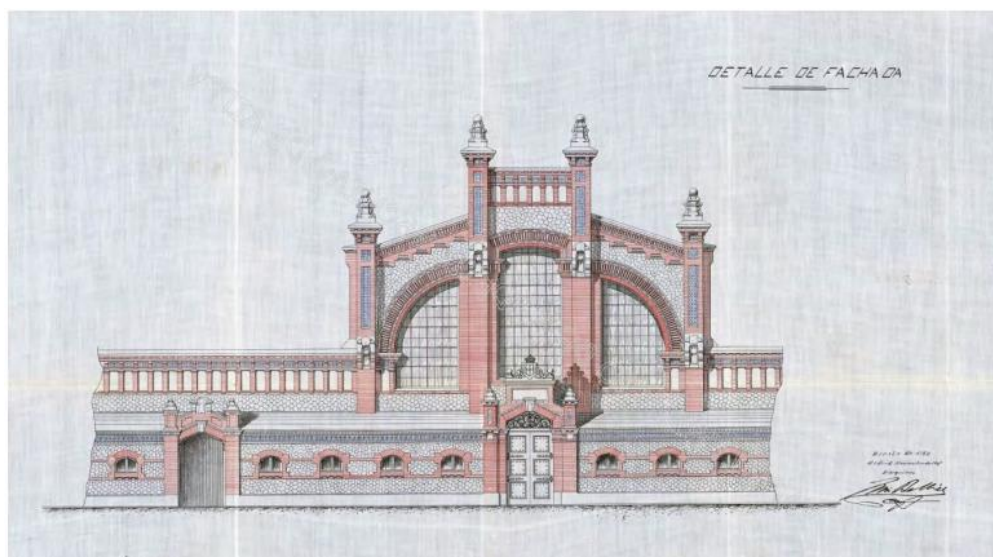


Figura 99 Detalhe da Fachada, imagem do Arquivo de la Villa, Madrid (Jemene, 2017)

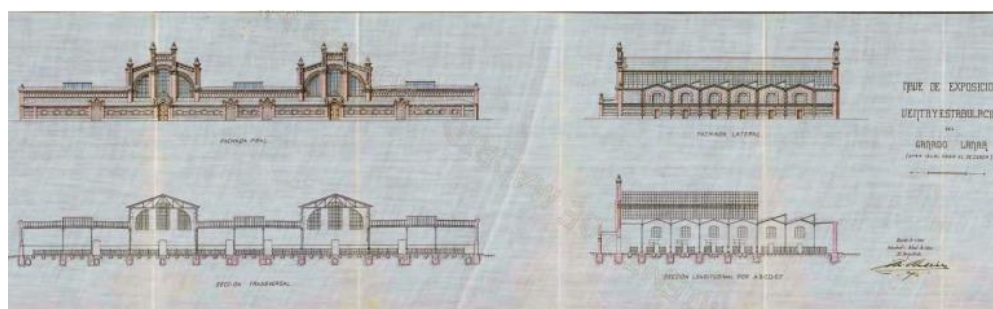


Figura 100 Estábulo, exposição e venda de ovinos. Imagem: Archivo de la Villa – Madrid. (Jemene, 2017).

Este esteve em funcionamento até ao ano de 1996, uma vez que, nos anos 80, começou a ser considerado desatualizado para atender às necessidades industriais da época. Antes da sua desativação, surgiram vários pedidos para que alguns espaços pudessem ser destinados a programas socioculturais, em 1990 estabeleceu-se um acordo com o Ministério da Cultura e a Câmara de Madrid, da qual cedeu algumas naves do complexo para a companhia Nacional de Ballet de Espanha, fazendo dos espaços a sua sede, mas o esforço não foi suficiente e as instalações do Matadero fecharam as portas, mantendo-se em desuso até 2003, que reabriu como Centro Cultural.

Em 2005 é aprovado o plano de intervenção a nível urbanístico e ambiental, ao qual se estabeleceu que 75% da área total do recinto seria dedicado a cultura. A estrutura das intervenções tinha como objetivo respeitar o espaço, as marcas do passado, mas adaptando-o as necessidades atuais. (Jemene, 2017)

Sobre o papel do Matadero, lê-se: “Es un lugar vivo para el disfrute de la cultura, para la experimentación artística y para el debate de ideas en los ámbitos de las artes visuales, escénicas y performativas, el diseño, la literatura, la cultura digital, la arquitectura y otras muchas prácticas creativas. Su programación se construye a través de la diversidad de las instituciones que componen el centro y de ambiciosas líneas de trabajo transversal, interdisciplinar y en conexión con redes internacionales. Matadero fomenta el encuentro de lenguajes en busca del intercambio y de la contaminación entre diferentes modos de producción cultural de manera que se faciliten las experiencias interdisciplinares.” (Matadero Madrid, 2024).

As naves foram divididas, para diferentes usos culturais o que possibilitou a intervenção de vários arquitetos, sendo importante referir e destacar “o centro de recursos Intermediae, a Oficina, a Cineteca e o Arquivo de Criadores, a Nave 16, as instalações Centrais, a Red Bull Music Academy, o Escaravox e a Casa del Lector”. Refere-se que os antigos pavilhões com as funções de gestão e administração, mercados de gado, estábulos, são transformados em espaços de criação e exposição. (Jaque, 2024).

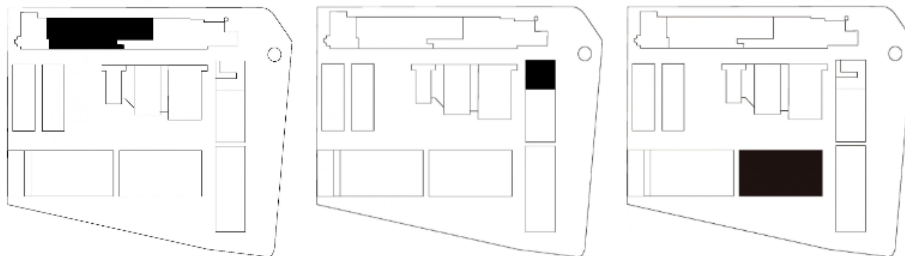


Figura 101 Demarcação dos espaços de criação e exposição (Jaque, 2024).



- | | |
|-------------------------|-------------------|
| 1 CPN 180: parede | 1 CPN 180: Anão |
| 2 revestido a tubo lizo | 2 tubos de 100 mm |
| 3 revestido a CPN 180 | 3 CPN 180: 180mm |
| 4 tubo lizo: 100mm | 4 CPN 180: 180mm |
| 5 alvenaria: 180mm | 5 CPN 180: 180mm |
| 6 alvenaria: 180mm | 6 CPN 180: 180mm |
| 7 CPN 180: 180mm | 7 CPN 180: 180mm |
| 8 CPN 180: 180mm | 8 CPN 180: 180mm |
| 9 CPN 180: 180mm | 9 CPN 180: 180mm |
| 10 CPN 180: 180mm | 10 CPN 180: 180mm |
| 11 CPN 180: 180mm | 11 CPN 180: 180mm |
| 12 CPN 180: 180mm | 12 CPN 180: 180mm |
| 13 CPN 180: 180mm | 13 CPN 180: 180mm |
| 14 CPN 180: 180mm | 14 CPN 180: 180mm |
| 15 CPN 180: 180mm | 15 CPN 180: 180mm |
| 16 CPN 180: 180mm | 16 CPN 180: 180mm |
| 17 CPN 180: 180mm | 17 CPN 180: 180mm |
| 18 CPN 180: 180mm | 18 CPN 180: 180mm |
| 19 CPN 180: 180mm | 19 CPN 180: 180mm |
| 20 CPN 180: 180mm | 20 CPN 180: 180mm |



Figura 102 Foto de pormenor da intervenção numa das naves (Jaque, 2024).

“Equipado por Langarita e Navarro para abrigar a Red Bull Music Academy, este armazém é colonizado por uma série de pequenas peças que abrigam os estúdios de ensaio, de gravação e o lounge.” (Jaque, 2024).



Figura 103 Fotografia do pavilhão com os modulos (Jaque, 2024).

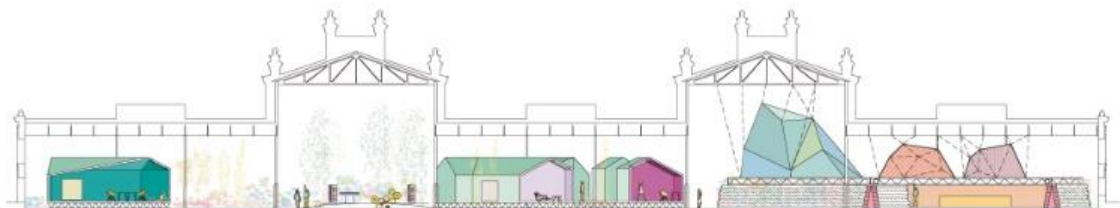


Figura 104 Corte longitudinal (Jaque, 2024).



Figura 105 Fotografia e Corte que passa pela zona de conferências (Jaque, 2024).

Cinemateca Matadero



Figura 106 Fachada principal da cineteca. (autor Fernando Guerra | FG+SG).

Projetada pela equipa de arquitetos espanhol Churtichaga+Quadra-Salcedo, requalificaram o espaço num programa que contém duas salas de cinema, um estúdio de cinema, um arquivo e uma esplanada para projeções ao ar livre.

“A memória, as memórias, incluindo a má memória, entrelaçam-se e misturam-se sempre que se intervém arquitetonicamente num passado, numa História que se torna personagem de outra história, acabando por ser o projeto em si (...) uma história que conviva naturalmente com a memória coletiva do antigo Matadouro de Madrid”. (Churtichaga & Quadra-Salcedo, 2013).

O espaço tomado pelas artes cénicas, outrora teve a função de conservar o produto, ou seja, as arcas frigoríficas, segundo os arquitetos, eram os edifícios menos importantes, ou mais austeros de toda a infraestrutura, este, estava fragmentado por quatro edifícios de diferentes escalas e espaços.

O objetivo era agarrar o existente, optaram por não adicionar uma estrutura secundária para suportar o novo, o que gerou um grande esforço, uma vez que tiveram de cozer cirurgicamente cada imperfeição deixada pelo tempo, para o edifício recuperar do anterior funcionamento.

A luz foi trabalhada exaustivamente, nos três andares pertencentes ao arquivo de filmes, que por si só são pouco iluminados, apresentam uma estrutura vertical, iluminada em tom de laranja, tricotada infinitamente, que se faz sobressair com a madeira pintada de cinza-escuro, a história tectónica das crestas, olaria, e a retórica do edifício enquanto matadouro fundem-se, mas que através da materialidade declara-se uma clara separação do que foi e do que será. Amy Frearson afirma o seguinte acerca da iluminação do Matadero:

“A retroiluminação e o contraste mágico dos filmes, e o fascínio infantil pela cestaria e pelas infinitas geometrias humanas técnicas são o triângulo sensorial... o resto é envolver em espiral esta atmosfera, este sentimento, e defini-lo construtivamente.” (Frearson, 2012).

A representação desta iluminaria inspirada nas cestas de palha, é feita através de magreiras entrelaçadas manualmente, numa estrutura elétrica, criando uma imperfeição, perfeita, um valor por si só. O edifício que alberga o cinema, é completamente revestido com esse material, tingido na cor preta, criando um misticismo. Neste espaço a arquitetura foi pensada como um problema sensorial e não como um problema formal.

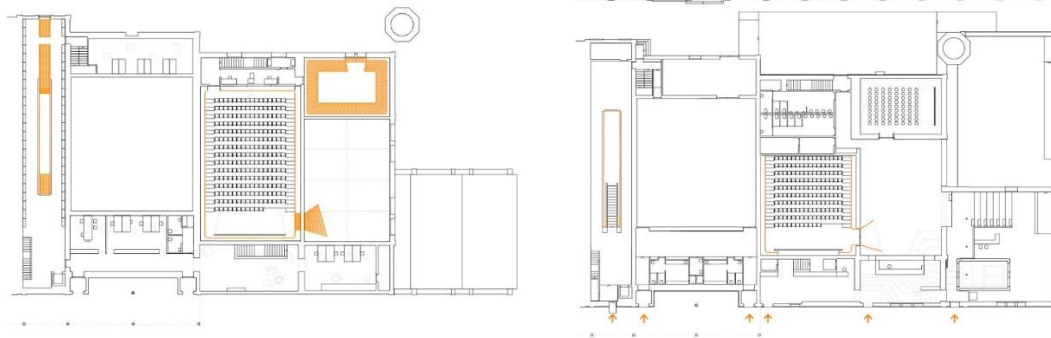


Figura 107 Planta do primeiro piso (Churtichaga & Quadra-Salcedo, 2013).

Figura 108 Planta do segundo piso (Churtichaga & Quadra-Salcedo, 2013).



Figura 109 Corte longitudinal do edifício (Churtichaga & Quadra-Salcedo, 2013).

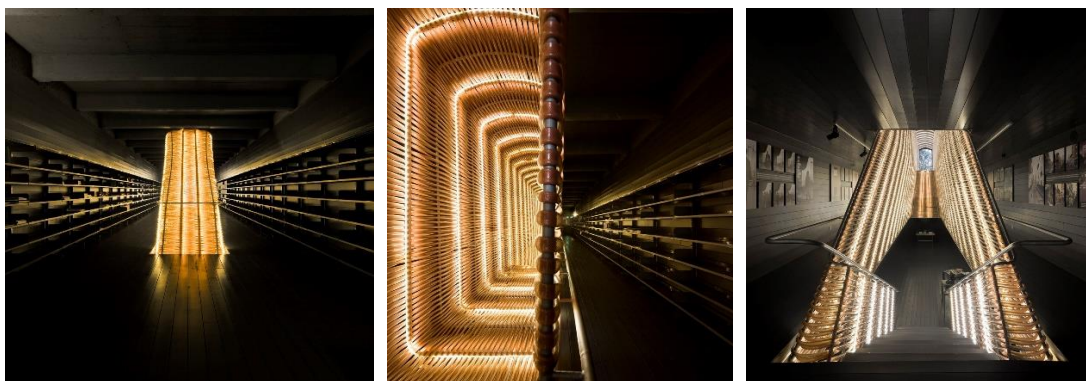


Figura 110 Acesso vertical, segundo andar do arquivo de filmes. (autor Fernando Guerra | FG+SG).

Figura 111 Pormenor do entrelaçado das mangueiras. (autor Fernando Guerra | FG+SG).

Figura 112 Sala de exposições de obras de arte. (autor Fernando Guerra | FG+SG).

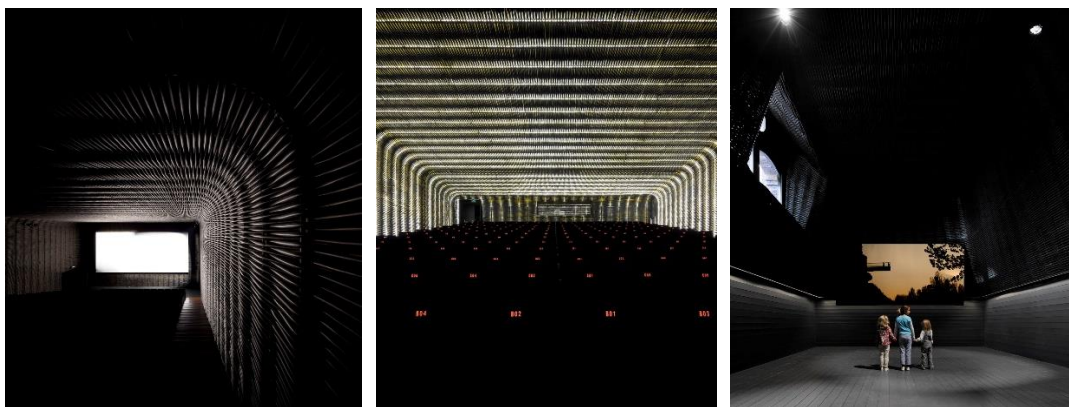


Figura 113 Imagem do interior do cinema, onde as mangueira são pintada de negro (autor Fernando Guerra | FG+SG)

Figura 114 Imagem do interior do cinema iluminado (autor Fernando Guerra | FG+SG)

Figura 115 Interior da sala de cineateca (autor Fernando Guerra | FG+SG)

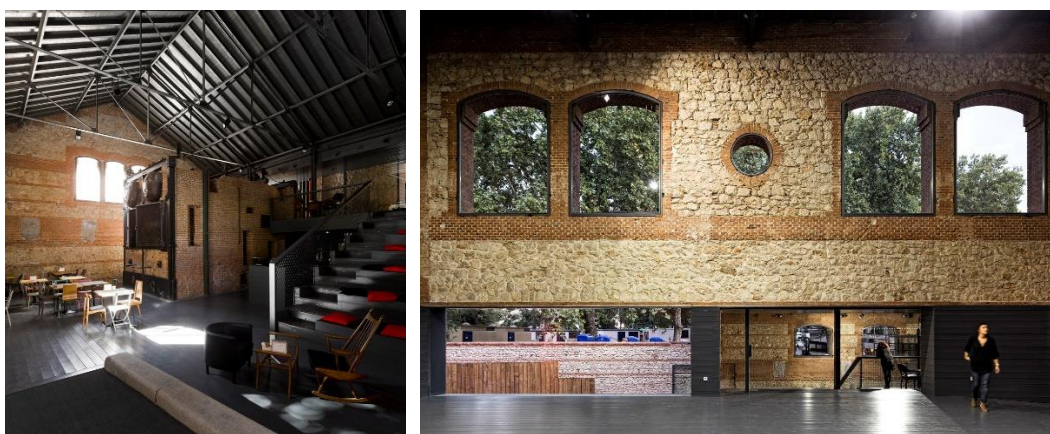


Figura 116 Espaço de convívio/bar (autor Fernando Guerra | FG+SG)

Figura 117 Espaço totalmente flexível para varias atividades. (autor Fernando Guerra | FG+SG)

Tal como constatamos nos casos de estudo e na análise do filme *Coco*, os edifícios apresentam um carácter adaptativo e metafórico, a arquitetura transcende a mera construção de edifícios, é a linguagem física que nos conta sobre a história, cultura e identidade de um lugar, a memória está intrinsecamente ligada às tradições arquitetónicas, que atuam como corpos silenciosos do passado, influenciam o presente, esculpem o futuro. Este será o ponto de partida para a construção da narrativa de projeto no presente trabalho.

5.4. Estudos que asseguram a configuração do projeto.



Figura 118 Imagem aérea com identificação da área de intervenção (Google Earth)

A inspiração e a vontade de trabalhar este espaço, vem de uma curiosidade de quem vivencia diariamente esta megaestrutura, situada no coração da cidade, desde cedo levantou grandes questões sobre a sua funcionalidade e o porquê da sua permanência sem programa nem uso.

Num momento de maior consciência e olhar crítico, surge a oportunidade de reabilitar e reconhecer as oportunidades que o edifício pode proporcionar a cidade. O edifício assinalado na figura 118, trata-se de uma antiga Moagem de produção de farinhas, como referido anteriormente.

“Os edifícios pintados de amarelo dominam a principal rua da cidade que, ainda, não descobriu um destino para este antigo complexo. Criada em 1925 por Acácio Mariano, em conjunto com sócios naturais do Porto, a Moagem Mariano esteve em funcionamento em pleno até 1956, altura em que a Federação Nacional dos Industriais de Moagem adquiriu uma quota da empresa, passando a trabalhar, apenas, em Macedo de Cavaleiros, mas em menor escala.” (Nordeste, 2007).

Tendo uma localização privilegiada, o edifício ergue-se majestosamente entre as duas avenidas principais da cidade, avenida Sá Carneiro e Avenida João da Cruz, são o testemunho da evolução da urbe ao longo de várias décadas, marcaram o novo centro urbano, assumindo-se como linhas estruturantes no crescimento da cidade. A antiga moagem identifica-se como uma rótula arquitetónica, perante as avenidas. Ao olharmos para a Mega infraestrutura, inevitavelmente somos transportados para o tempo em que

a produção de trigo e farinhas era o impulso económico da cidade, os volumes revestidos numa argamassa de cal amarela, construídos em granito, são os marcadores do tempo e os testemunhos do trabalho, da transformação de toneladas de grãos em ouro branco, passou de ser movimentado pelas engrenagens industriais, a uma atmosfera nostálgica.

Observando as figuras seguintes, percebemos que o edifício foi construído antes de tudo, ou seja, toda a envolvente adaptou-se a sua construção. A avenida João da Cruz, demonstra um cuidado construtivo relativamente á altura dos edifícios, ao qual respeitam a altura da moagem, não se sobrepondo a megaestrutura, também é notória a tipologia de pequena escala, numa métrica doméstica, no primeiro piso, que acompanha toda a avenida João da cruz, é de carácter comercial, nos restantes, habitação, já na avenida Sá Carneiro, os edifícios são de uma construção mais recente, e uma grande escala, como o “Shopping” e do Teatro Municipal, o “skyline” é superior, em relação a avenida João da cruz.

A área de intervenção experiência circunstâncias urbanas diferentes. A implementação do edifício, foi estrategicamente pensada, visto que a linha ferroviária passava justo por trás do mesmo, facilitando o transporte de mercadorias.



Figura 119 Imagem da Moagem Mariano durante a construção da avenida João da Cruz (retirada do grupo de Facebook Tesourinhos – Bragança).

Figura 120 Imagem da Moagem Mariano atualmente (Foto de Lia Montanha)

Após a sua desativação, o edifício deixou de fazer parte integrante e ativa na cidade, sem nunca ter conhecido outro uso, a moagem não acompanhou a evolução urbana, tornando-se uma barreira não só física, mas também visual.

Tida como um espaço esquecido, invisível, sofreu com o avanço urbano, exemplo disto, foi a construção do túnel que acaba por ser uma extensão da avenida Sá Carneiro, ao

ponto norte da cidade, onde o desenvolvimento se tem feito sentir, o edifício foi “tapado” por um muro de suporte com sensivelmente 5 metros de altura, ou seja, a fachada do edifício para essa avenida passou a ser uma cortina de betão, impedindo a travessia, há mesma cota, para a avenida João da Cruz, que também delimita o edifício com muros de granito.

Na verdade, a megaindústria ficou retraída no próprio silêncio, encurralada entre muros, forçada a fechar-se para o mundo exterior, impedindo a correlação entre os dois eixos da cidade. Numa tentativa de dar vida a única vista do shopping sobre o edifício, o muro tem sido explorado como uma grande tela, é palco de demonstrações artísticas, de forma, aligeirar a sua imposição, num trabalho exemplar do artista Bordalo II.

Análise gráfica do terreno, e a sua envolvente próxima (autora).

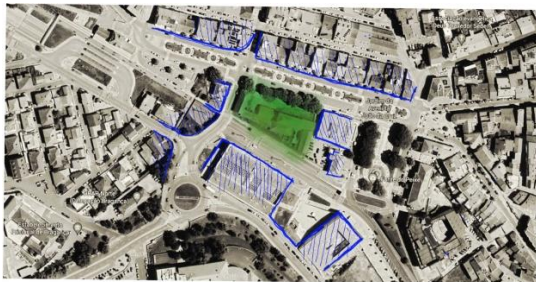


Figura 121 Envolvente física



Figura 122 Intramuros



Figura 123 Acessos diretos ao edifício

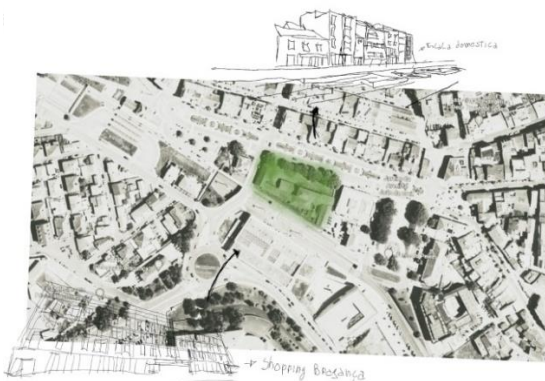


Figura 124 Conexões visuais



Figura 125 Vias principais

O edifício é formado por oito blocos, paralelepípedos, de distintas alturas, conferindo diferentes atmosferas na sua vivência interior. O volume central, ostenta um pé direito de 16 metros, com grandes aberturas de vãos, assume-se como o bloco mais alto do lote, marcando a verticalidade do espaço, que remata com outros dois blocos adjacentes num pé direito bastante inferior, apresenta linhas retas e simétricas, que ressaltam a sua época industrial.

O lote pode ser acedido através de 4 entradas com ligação direta a rua, tal como podemos observar na análise gráfica da autora. A edificação encontra-se recuada, face ao alinhamento da avenida João da Cruz o que acaba por evidenciar a fachada, criando o seu próprio enquadramento.

Numa primeira abordagem, temos a perceção que os quatro blocos mais próximos da avenida João da Cruz, foram cuidadosamente desenhados, numa fachada apelativa onde o amarelo predomina, os restantes blocos do edifício, direccionados para a Avenida Sá Carneiro, visualmente não tomaram esse cuidado, dando a entender que foram segmentos, construídos em resposta as solicitações posteriores da Moagem. Assim, seguidamente, expõem-se uma série de levantamentos fotográficos feitos pela autora, que auxiliam a perceção do edifício e as suas características.

As fotografias de levantamento, servem de apoio à disciplina de restauro, que se pretende cumprir.



Figura 126 Fotografia do alinhamento face a avenida João da cruz e do muro em granito que delimita o terreno.



Figura 127 Fotografia no interior do terreno, do bloco ao qual se destinava o armazenamento de farinhas.



Figura 128 Fotografia do recuo do edifício face a avenida João da cruz.



Figura 129 Fotografia do bloco destinado aos escritórios.



Figura 130 Fotografia do bloco junto ao tribunal.



Figura 131 Fotografia da rampa de entrada para o terreno.



Figura 132 Fotografia do bloco de escritórios e a rua que vem do shopping de Bragança.



Figura 133 Fotografia da fachada interior do bloco de escritórios



Figura 134 Fotografia das escadas do bloco de escritórios



Figura 135 Fotografia da entrada à cota mais alta do terreno



Figura 136 e 137 Fotografia do edifício sobre a Avenida Sá Carneiro

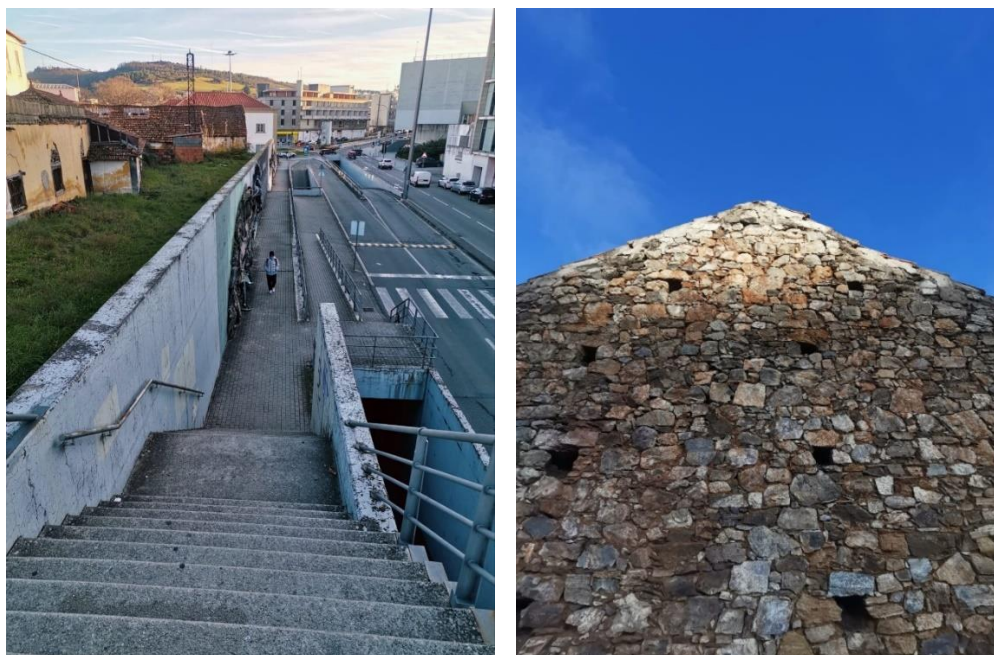


Figura 138 Fotografia relação com o terreno, o muro, as escadas e o túnel

Figura 139 Fotografia fachada do bloco destinado ao armazenamento, junto ao tribunal, direcionado para a Avenida Sá Carneiro



Figura 140 Fotografia de pormenor dos vários “layers” de construção

Figura 141 Fotografia de pormenor de um vão

Figura 142 Fotografia dos blocos com a fachada voltada para a Avenida Sá Carneiro, a norte

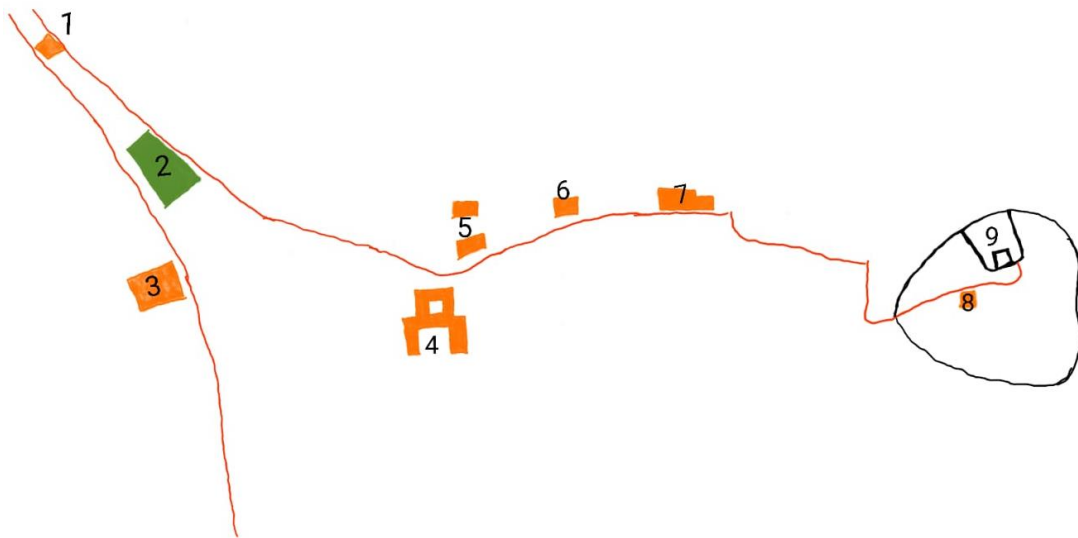


Figura 144 Desenho, Industria Cultural (autora)

- | | |
|--|--|
| 1- Museu Ferroviário de Bragança | 5- Centro de Arte Contemporânea Graça Morais |
| 2- Moagem Mariano | 6- Centro de Fotografia Georges Dussaud |
| 3- Teatro | 7- Museu Abade Baçal |
| 4- Centro Cultural Municipal Adriano Moreira | 8- Museu Ibérico de Máscara e do Traje |
| | 9- Castelo |

Bragança tem procurado afirmação não só a nível nacional, como no país vizinho, Espanha, constata-se essa ideia através da implementação do programa Polis, embora tenha desempenhado um papel significativo, revelou-se incompleto.

A sétima arte, que foi abordada ao longo do trabalho, surge como ponto-chave para superar aquilo que o Polis não conseguiu integralmente, e é nesta perspetiva que a proposta de reabilitação é direcionada, numa ideia de redefinir a narrativa cultural, afirmando Bragança, por meio da arquitetura e do cinema, tornando o edificio num elemento agregador. Assim, seguidamente, inicia-se a ação de projeto, dando resposta a supressão do cinema em Bragança.

5.5. Proposta de intervenção

Formalização e conformação da pergunta

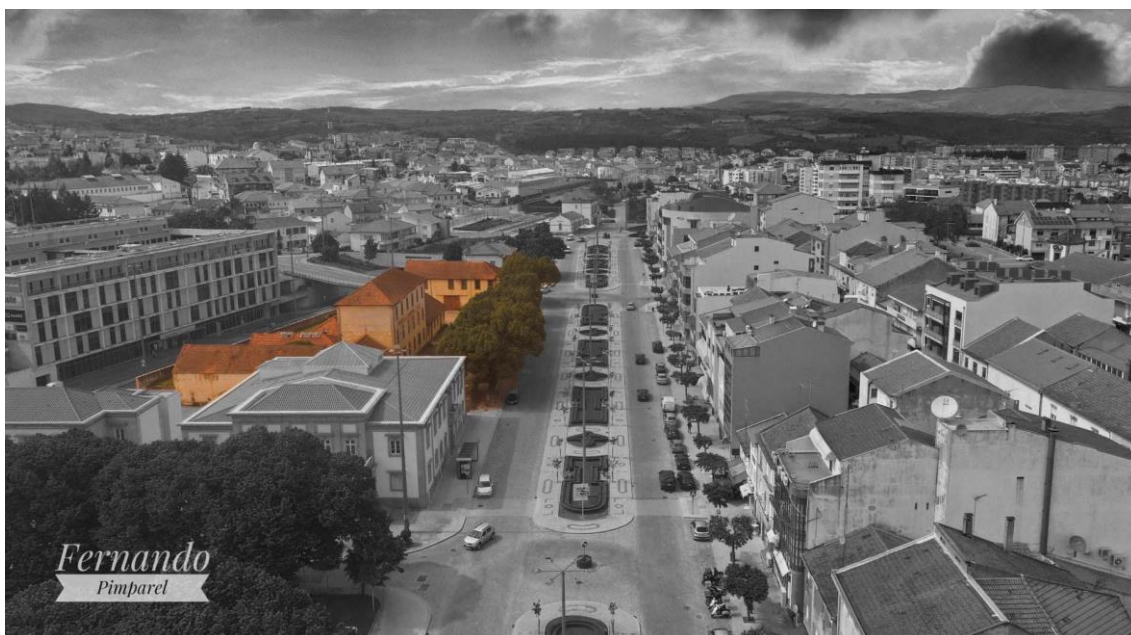


Figura 145 Foto aérea sobre a Avenida João da Cruz. (Fernando Pimparel, edição autora).

Ao longo da investigação, foram abordados alguns temas como a indústria, a herança arquitetónica, a história da cidade de Bragança a nível industrial e cinematográfico, a interligação do cinema com a arquitetura, e a memória.

Posto isto, e avançando para a ação de projetar, num primeiro olhar sobre os volumes e a consciencialização da implantação do edifício e a sua envolvente, tomou-se como impulso a valorização das vistas, sobre-elevando-as, dando ao edifício não só a paisagem de uma métrica doméstica a que está imposto, mas relacioná-lo, através das vistas com as megaestruturas que impulsionaram o crescimento da cidade, o Castelo, a Catedral e a Estação Ferroviária. Para isso, foi feito um estudo volumétrico em maquete, onde adicionamos três elementos verticais a diferentes alturas, direcionados para cada edifício descrito anteriormente.



Figura 146 Indicação dos três pontos de vistas, nas três torres (autora)



Figura 147 Corte, relação do edifício em estudo, com as torres, e a envolvente, Castelo, Sé, e Estação Ferroviária (autora)

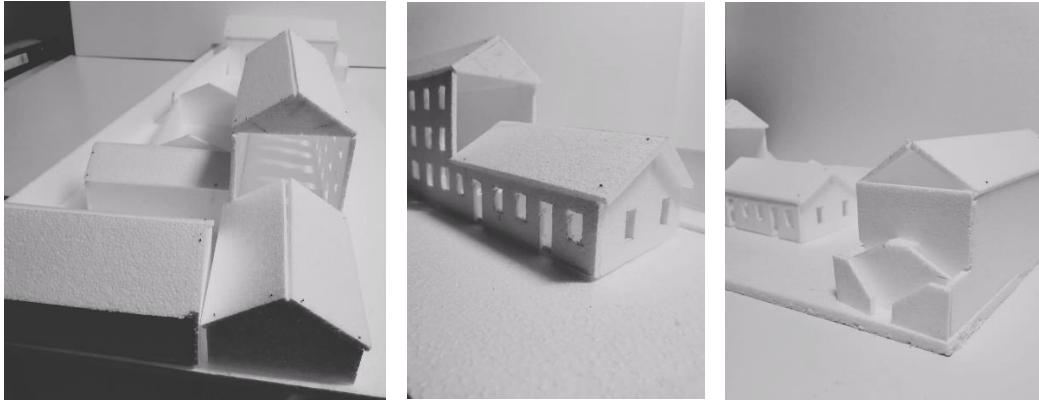


Figura 148 Fotos da maquete de estudo voltométrico do edifício (autora)

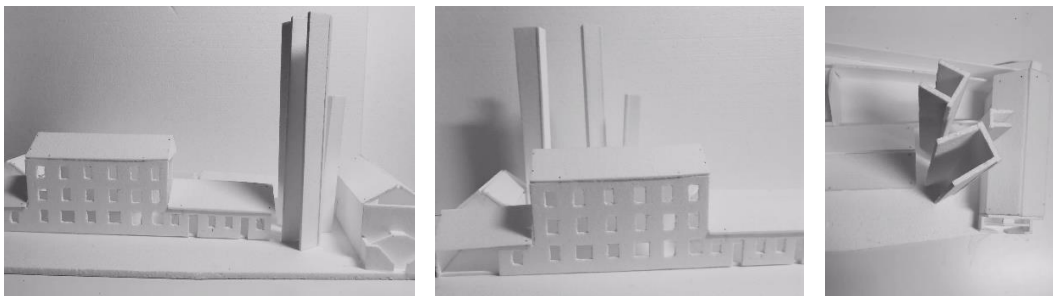


Figura 149 Estudo do posicionamento dos elementos verticais (autora)



Figura 150 Foto da maquete com os três elementos verticais (autora)

Seguidamente, resolver a problemática das duas avenidas, a ligação entre elas através do edifício, onde a grande questão foi se seria pertinente destruir o muro, esta barreira física que enclausurou o edificado, mas, em contrapartida, faz parte da memória coletiva de quem vive na capital distrito.

A obra de Bordalo II, tornou-se um ponto de paragem e contemplação, o placar preto que separa as duas obras, está repleto de sonhos de quem por ali passou, até hoje as pessoas continuam a escrever os seus verdadeiros desejos. Nesse sentido não faria sentido destruir a arte, o sonho, todavia, é necessário, encontrar um ponto de ligação entre as duas avenidas.

Estrategicamente este é um edifício rótula, capaz de unir as duas partes da cidade e transformá-la num todo. É importante referir que o passeio que poderá fazer esta ligação, junto ao edifício, que teve a sua função como escritórios, é acedido após subir vinte e três degraus, as suas dimensões são diminutas, tornando a sua passagem bastante desconfortável.

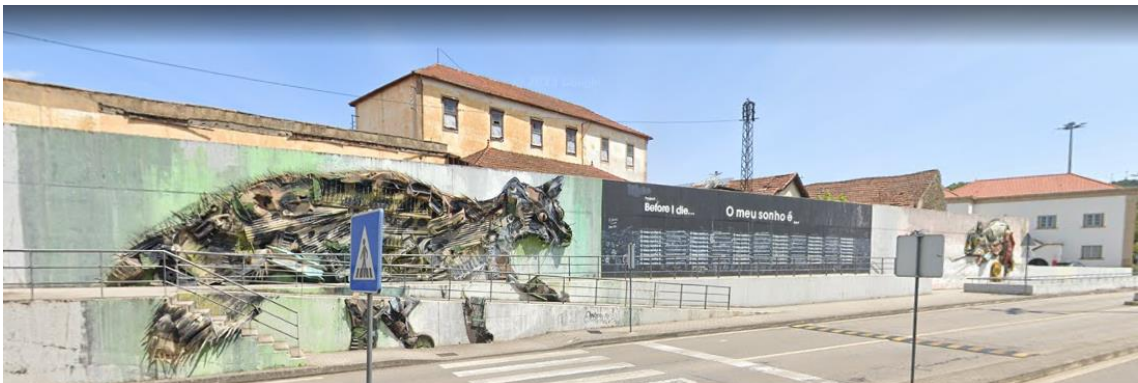


Figura 151 Foto do muro com a arte (<https://earth.google.com>)

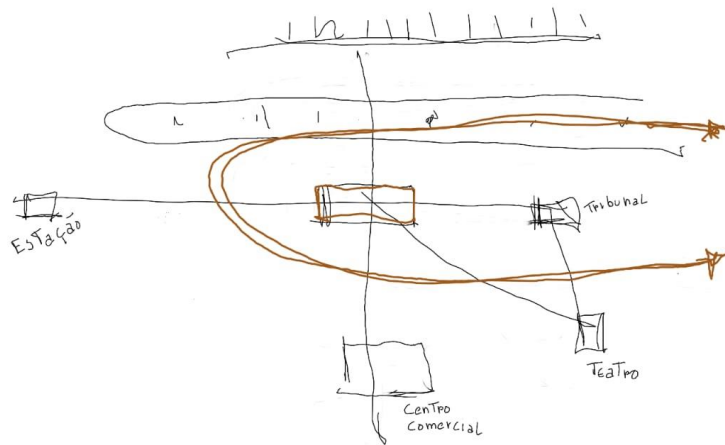


Figura 152- "Entre Avenidas", articulação

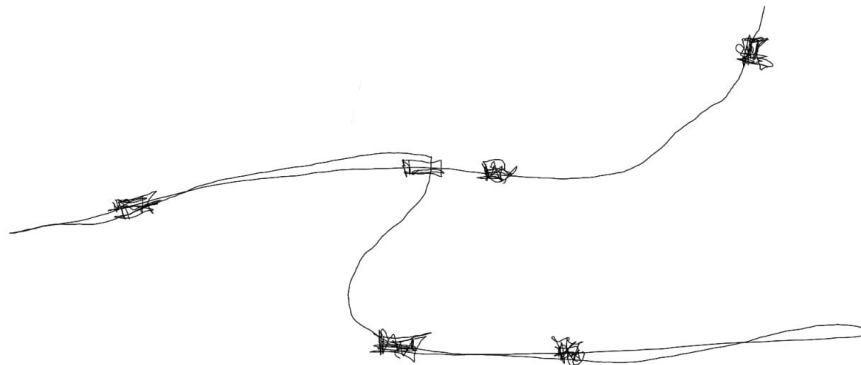


Figura 153- Sistema Urbano

O conceito: Programa e usos

Tomadas as decisões a nível urbanístico, passamos para o particular, onde mantivemos a maioria dos blocos existentes, retirando os dois mais degradados. No filme *Coco*, analisado anteriormente falou-se das memórias e tradições que fazem parte da nossa vida, nas referências arquitetónicas estudadas, constatamos como a arquitetura pode regenerar o lugar, a cidade. O caso do museu de Guggenheim em Bilbao projetado pelo arquiteto Frank Gehry, é um testemunho de como a arquitetura consegue de atrair as pessoas. E é nesse sentido que se procuramos regenerar a Moagem Mariano em Bragança, criando uma escola de cinema e um cinema, para uso público.

O distrito de Bragança é associado às tradições, o entrudo e os Caretos, considerados uma tradição ancestral, enraizou-se em Traz os Montes, sendo descritos como personagens misteriosos e enigmáticos, este fenómeno cultural destaca-se nas festividades carnavalescas.

Advêm de tempos imemoriais, e por isso permanece envolta do mistério, sabe-se que está intimamente ligada a rituais pagãos e celebrações agrícolas, numa ideia ancestral, os mais antigos acreditam que estes seres representam entidades sobrenaturais, capazes de afastar os espíritos maus, ou seja, a sua presença é auspiciosa, capazes de proporcionar uma colheita fértil, uma vez que a festa é realizada no final do inverno, início da primavera, quando os campos não dão alimento.

Os Caretos são uma personificação de figuras mitológicas, com máscaras esculpidas à mão em madeira ou latão, com expressões peculiares e visualmente impactantes, apresentam trajes coloridos, com uma variação de cores entre o vermelho, verde e amarelo, e claro os cintos decorados com chocalhos, sinos de diferentes dimensões feitos manualmente em aço ou latão.

Conhecidos como figuras disruptivas, rasgam com as normas sociais, irreverentes e místicos. A sua presença, representa a identidade cultural, entre as raízes históricas e a comunidade local.



Figura 154 A queima do Careto (Foto: Filipe Morato Gomes)



Figura 155 Caretos (Foto: Fernando Pimparel)

Qualidades espaciais do projeto

Numa ação de expressão arquitetônica, o objetivo era transportar a personalidade e a essência cultural dos Caretos de Bragança, de uma forma lúdica e enigmática. O corpo arquitetônico, funde-se e interage com a estrutura existente numa forma orgânica, ele, acaba por redefinir a experiência espacial e visual, uma vez que quebra o padrão de uma escala métrica doméstica dos edifícios que o envolvem.

A ideia foi criar uma sinergia entre a tradição festiva e o legado industrial, expondo uma relação única com o contexto urbano, sendo uma extensão expressiva da cultura, é um ponto de ligação entre o passado e o presente.

O acrescento perfura o muro de 5 metros de altura, rasga o edifício, ergue-se sobre ele, cria espaços de pés direitos diferentes, e transforma a arquitetura como uma mirada cinematográfica, ao qual se assemelha a uma coreografia carnavalesca dos Caretos, não obedece a padrões e desafia as vistas convencionais, apresentando elementos surpresa, a sua presença é tanto física como sensorial.

O corpo arquitetônico adiciona espaços de forma marcante e orgânica, com rasgos de luz que tocam os sentidos, cria aberturas inusitadas que acabam por potencializar as vivências internas e externas, os três pontos que se erguem em direção ao céu, desenharam uma narrativa espacial. No sentido de desobedecer ao pré-estabelecido, o corpo criado estabelece uma conexão poética com o ambiente e traz a identidade cultural.

Na análise concomitante, ponderou-se quais os volumes deveriam ser preservados, descartados ou incorporados na proposta, a reflexão sobre a memória coletiva foi preponderante nesta questão, tornando-se evidente manter os volumes paralelos à avenida João da Cruz, uma vez que o edifício, atualmente, apenas estabelece relação visual perante a cidade, através dessa avenida, estes quatro volumes compõem o que é o alçado principal, numa expressão marcante da identidade arquitetônica. Quanto aos volumes localizados a sudoeste, percebemos a relevância de manter os dois que estão estruturalmente mais proeminentes para atender ao programa proposto, eliminando os outros dois. Isto resulta num espaço fluido perante aqueles que o percorrem, promovendo uma sensação de movimento e harmonia entre o vazio e o construído.

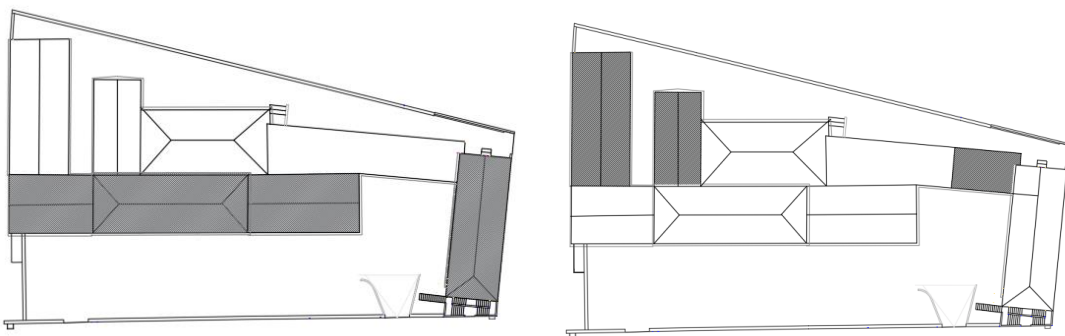


Figura 156 Volumes preservados junto a Avenida João Da Cruz (autora)

Figura 157 Volumes preservado junto a Avenida Sá Carneiro (autora)

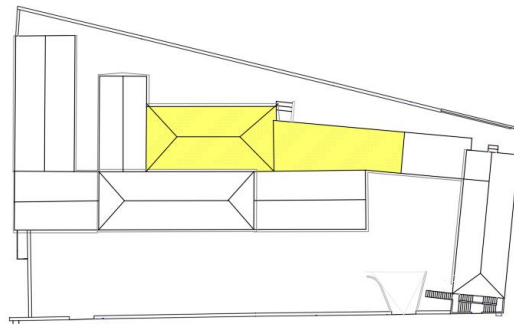


Figura 158 Volumes descartados (autora)

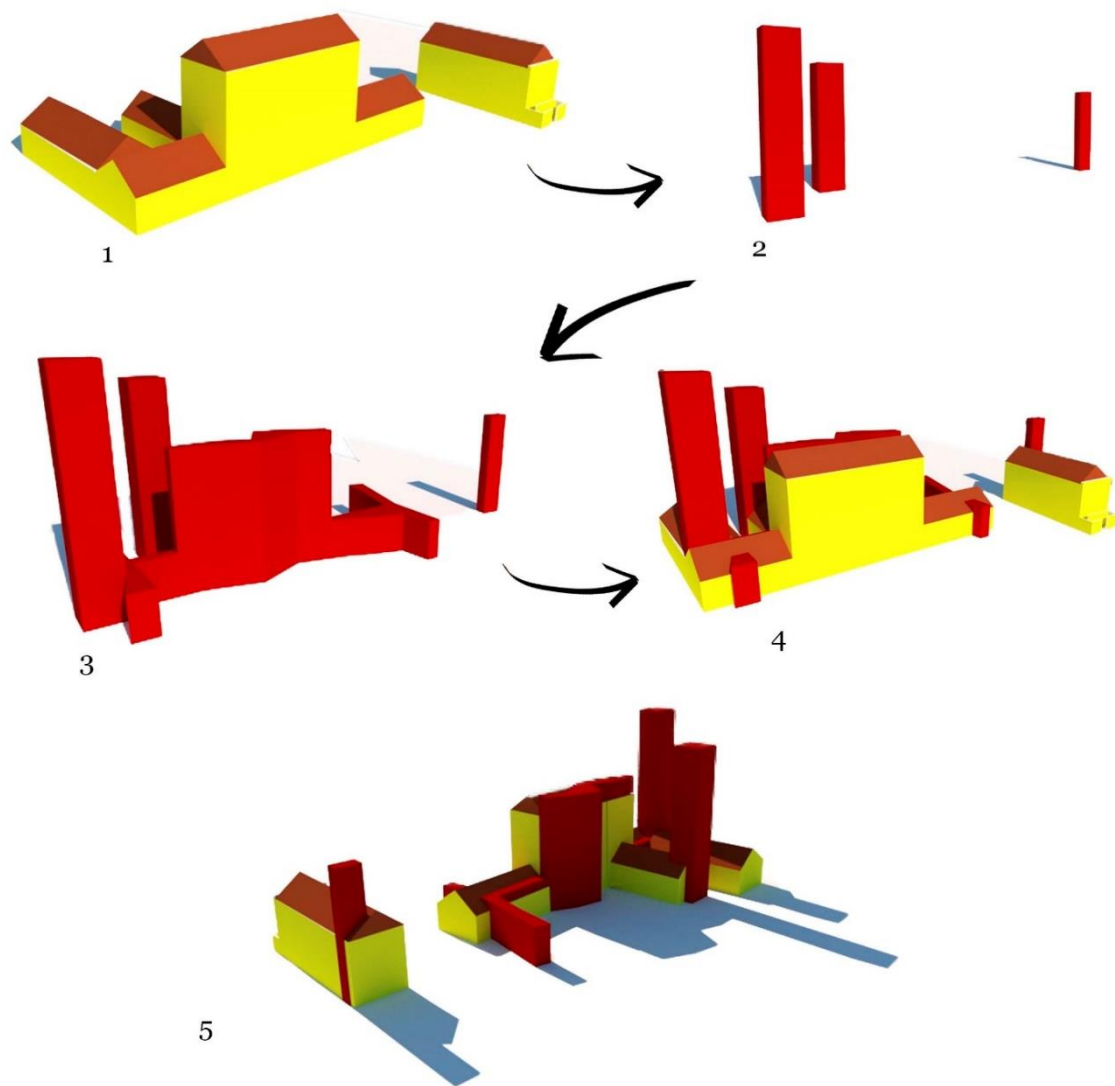


Figura 159 Esquema volumétrico do corpo que se agarra ao edifício descrito anteriormente (autora)



Figura 160 Planta de cobertura

Após estabelecermos a relação volumétrica, observamos como o corpo introduzido se entrelaça no terreno, delineando os espaços necessários para o programa definido, agora numa escala menor que nos permite vivenciar o interior do espaço arquitetónico. Tal como foi constatado ao longo do trabalho, a supressão das artes cinematográficas na cidade é uma questão a ser resolvida. Em resposta, propõe-se uma escola de cinema e um cinema para usufruto da comunidade.

A abordagem foi cuidadosamente moldada para adaptar os espaços da melhor forma possível face à situação atual do edifício, preservando grande parte da estrutura. O corpo introduzido foi ditando as áreas e os espaços, mas sem impor uma rigidez excessiva quanto ao uso, de forma que estes sejam capazes de sofrer adaptações consoante as necessidades.

O programa foi dividido em 5 áreas-chave, consagradas pela indústria cinematográfica, que as escolas congéneres de referência adotam: argumento, produção, realização, imagem e som.

Distribuição do programa: Atmosferas e ambientes projetados

No piso térreo, onde a terra se entrelaça com o edifício, tiramos partido do recuo construído face ao alinhamento da avenida João da cruz. Nasce uma praça acolhedora, um refúgio para a comunhão e a exposição de obras. Este espaço, além de ser um ponto de encontro, transforma-se com facilidade num palco de grandes cenários, uma arena multifuncional, que culmina na fachada principal do edifício, e saúda os transeuntes na avenida.



Figura 161 Colagem, ambiente, praça gerada pelo recuo do edifício (autora)

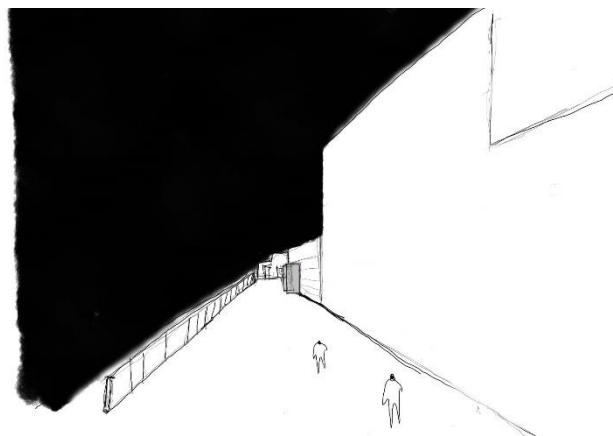


Figura 162 Desenho, perspetiva (autora)

O primeiro bloco é atravessado pelo corpo descrito anteriormente, numa diretriz que guia os passos do visitante, este corpo audaciosamente, sobrepõem-se ao alinhamento da fachada principal, num movimento afunilar para desafiar aqueles que o atravessam. O bloco é destinado ao som, conta com dois estúdios, equipados com colunas, mesa de mistura, etc. O menor destes estúdios é reservado à recriação de ambientes e à gravação de vozes. O visitante é então conduzido à receção onde se depara com uma torre vertical imponente, cujos 24 metros de altura apontam para o céu como um dedo indicador, numa mirada cinematográfica, num horizonte distante provocando uma reflexão sobre o passado (castelo) e o presente (a torre).

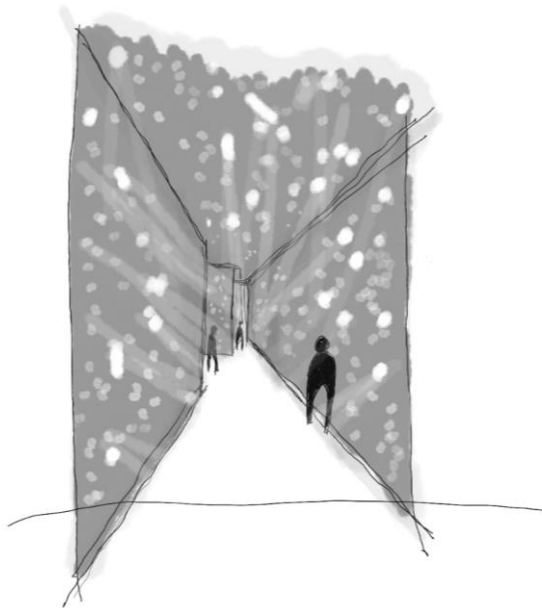


Figura 163 Desenho, “promenade”, atmosfera interior (autora)



Figura 164 Colagem, ambiente, estúdio de gravação (autora)

O bloco central, dotado de uma presença monumental, desdobra-se em três pisos. Aqui a sala convencional transforma-se em cenários de aprendizado, enquanto os corredores esculpados pela luz e sombra criam uma coreografia espacial. No primeiro piso temos uma sala de convívio que abre portas para a caixa de escadas, elevador, e um pequeno compartimento de arrumos, duas salas equipadas com projetores, telas, um quadro e computadores.

Percorrendo os corredores esculpados pelo corpo que desafia a percepção do espaço, somos levados a uma área de reflexão, onde as paredes originais do edifício se revelam, convidando à contemplação, num pé direito que vence os três pisos. O segundo piso, segue a mesma linguagem estrutural e programática. Já no ápice do bloco, terceiro piso, é dividido, pela biblioteca, uma sala para exibição de filmes e instalações sanitárias.

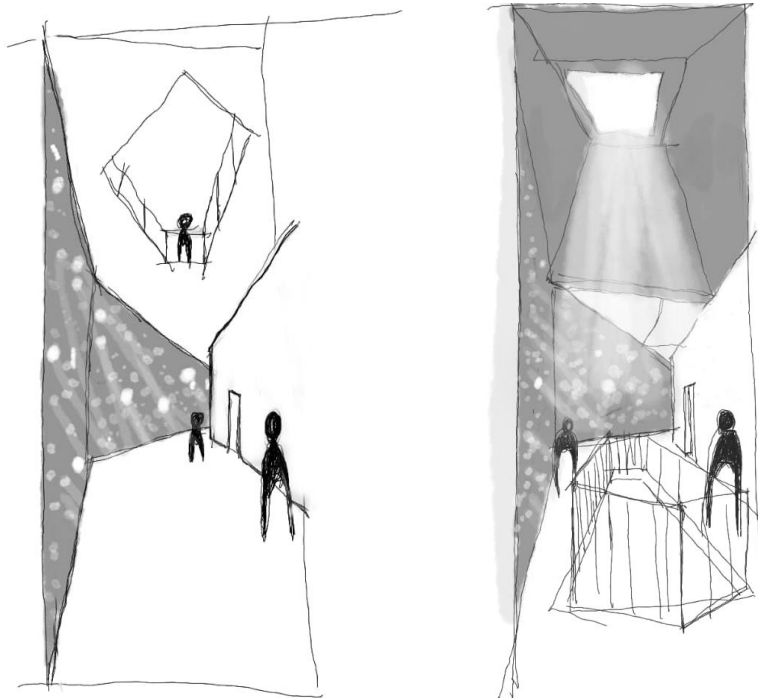


Figura 165 Desenho, atmosferas, corredor entre pisos, luz (autora)

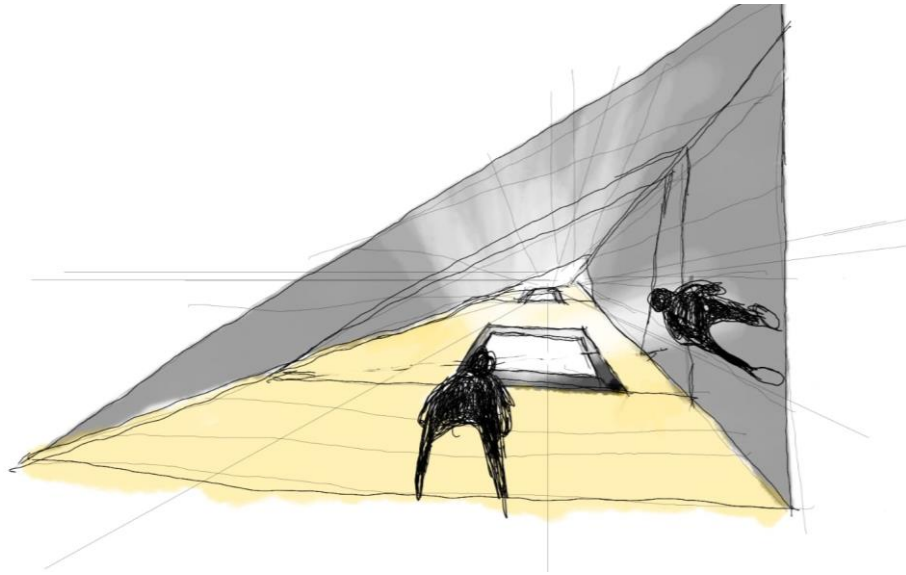


Figura 166 Desenho, espaço de reflexão (autora)

O bloco que remata a linha paralela, face a avenida João da cruz, é dedicado a arte da fotografia e edição de imagem, conta com dois estúdios de fotografia, onde o tempo balança ao ritmo do obturador, capturando instantes efêmeros, transformando-os em memórias eternas, aqui a luz é a pintora maestra, e os olhares contam histórias silenciosas, enquanto a sala de pós-produção é um laboratório de alquimia moderna, onde as imagens ganham vida. O corpo que o atravessa, propõem uma fluidez, a “promenade” entre as avenidas principais da cidade de Bragança.



Figura 167 Colagem, ambiente estúdio de fotografia (autora)

Na parte sudoeste do terreno, ergue-se uma construção, que conecta ao primeiro bloco, apresenta características comuns da era industrial, sem vãos, que entra em harmonia com a função de espaço a que lhe é destinada, tem ligação direta com a avenida Sá Carneiro (cargas e descargas). Foi criada uma sala de ensaios, de pé direito de 9 metros, que acolhe os artistas, proporcionando um refúgio para a criação e armazenamento de materiais. O corpo invade o espaço, formando duas salas, uma refrigerada que guarda preciosidades em película, já a outra corresponde subtilmente às instalações sanitárias.

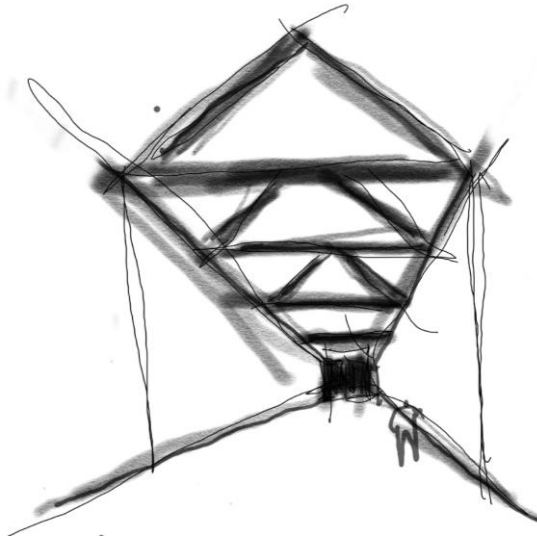


Figura 168 Desenho, sala de ensaio e armazenamento (autora)

A construção adjacente, apresenta as mesmas características estruturais, numa escala menor, destinada a uma zona de descanso e refeições, tendo uma extensão do espaço para o exterior. Aqui, a segunda torre, de 20 metros de altura, ergue-se como um guardião silencioso, orientando o olhar sobre a cota sagrada da cidade, a Catedral, numa contemplação serena. Por outro lado, contíguo a este, da qual partilha vistas do espaço exterior, foi aproveitado metade do bloco existente, dando lugar a uma sala polivalente.

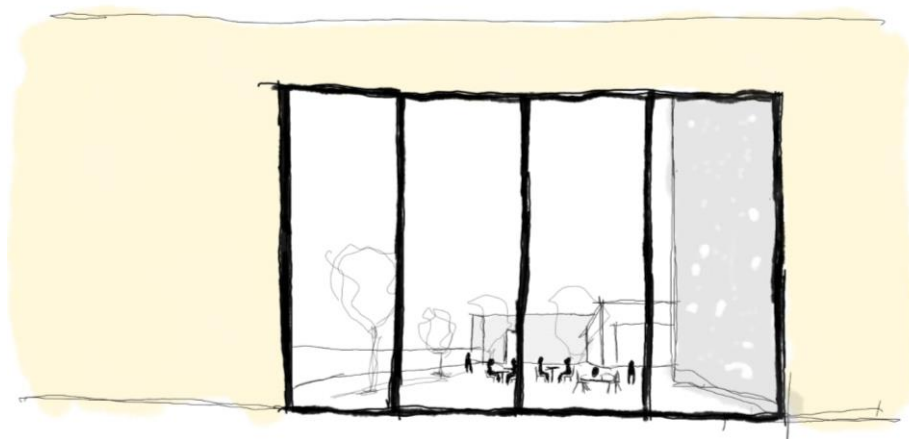


Figura 169 Desenho, vistas da vivência do interior para o exterior, bloco do bar (autora)

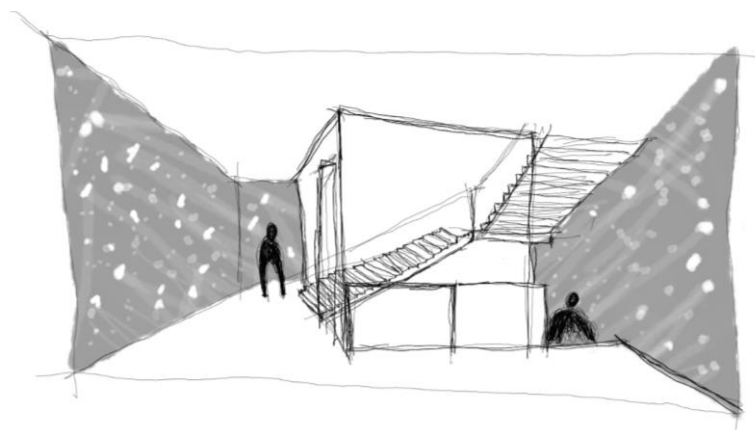


Figura 170 Desenho, piso intermédio da torre direcionada para a Catedral (autora)

No lado oeste, para colmatar a cota mais alta do terreno, foi criada uma escadaria que ultrapassa a função expectável, dando lugar a um cinema ao ar livre, aproveitando o corpo que rasga o muro da avenida Sá Carneiro, como tela de projeção. Em baixo da mesma aproveitou-se o espaço existente, para a projeção de histórias e imagens efémeras, a sala conta com uma projeção de 360 graus dando ao espetador uma experiência sensorial.

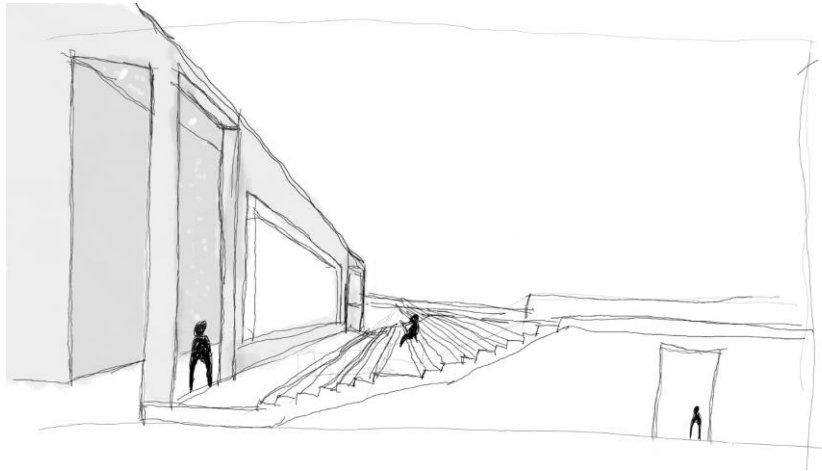


Figura 171 Desenho, cinema exterior, relação do corpo projetado com as escadas (autora)

Por último, o bloco que encerra o lote e fecha o espaço como uma rótula, é um monumento à arte cinematográfica, de uso público, composto por dois andares, onde a bilheteira acolhe os espectadores, preparando-os para uma experiência imersiva na sala de cinema, no segundo piso, a luz e o som fundem-se para criar a magia na escuridão.

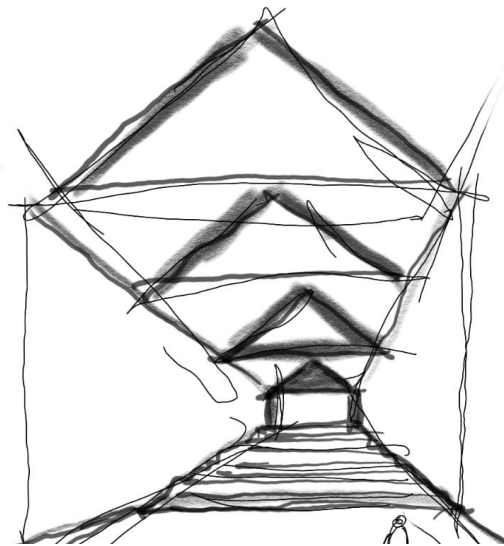


Figura 172 Desenho, vivência interior da sala de cinema (autora)

Expressão epidérmica do edifício

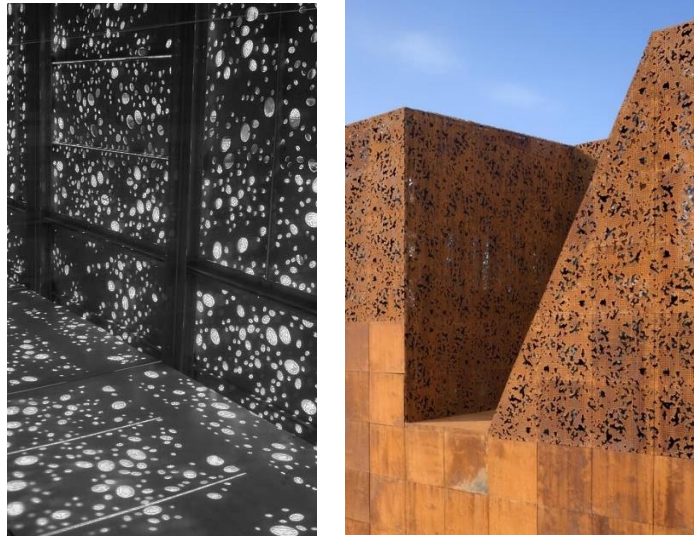


Figura 173 Jogo de luz/ sombra desejada, atmosfera

Figura 174 Herzog & Meuron Caixa Forum Madrid (Foto de Duccio Malagamba)

A reconversão da moagem resume-se na interseção do legado histórico e a visão contemporânea, onde os materiais não só definem a estrutura, como configuram o conceito, criam atmosferas e experiências sensoriais. A estereotomia do edifício proposto permite-nos explorar a ação espaço/tempo de forma imersiva e evocativa.

O edifício pré-existente, apresenta características construtivas similares à restante envolvente. A estrutura em pedra granítica, revestida com reboco, numa mistura de argamassa de cal pigmentada de amarelo, o telhado apresenta uma estrutura de vigas, e ripas de madeira que sustentam as telhas cerâmicas, as portas e as caixilharias das janelas são em madeira pintada de vermelho, usuais na era industrial.

A intervenção projetada introduz um elemento de contraste entre o pré-existente e o novo, o corpo adicional, é revestido por placas de aço corten ou aço patinável que cai sobre o terreno como uma “promenade” e redefine o espaço, explorando novas perspectivas.

O aço corten com o passar do tempo cria uma camada de ferrugem que serve de proteção do material, prolongando a sua durabilidade e corrosão, a partir da oxidação, ao mesmo tempo que esta camada protetora proporciona um efeito estético com variações de cores,

verde, amarelo, castanho e laranja, cores essas utilizadas nos trajes dos caretos, fazendo assim alusão a cultura, não só pela forma, mas também pela cor.

Este material é uma liga metálica composta por fósforo, níquel, cromo e cobre, para o projeto pode ser utilizado o aço cortén NaturaCor, da Coppermax ou similiar, que prometa diminuir a libertação do óxido durante as chuvas e outras intempéries, além disso, é um material de fácil instalação, o corpo apresenta uma estrutura em aço, com vigas em forma de H, revestido a placas de aço cortén de 4,75x1.200x2.500 mm, perfurado, da qual confere ao espaço, o jogo de luz sombra projetada, as placas têm uma espessura de 2mm, que depois é soldada por arco elétrico com gás de proteção (MIG) com arame apropriado.

Sendo um material perfurado, reflete o exterior, no ambiente interno, com isto houve a necessidade de fechar as paredes com vidro, deixando um ambiente mais protegido do clima exterior, sem perder os rasgos de luz proporcionados pelas placas de aço. As perfurações no aço, adicionam profundidade e movimento ao ambiente, a luz solar que atravessa os orifícios cria um padrão sensorial no espaço.

6. Considerações Finais

Mais do que um fim, o exposto apresenta um início e uma hipótese de futuro. Ao longo da dissertação abordaram-se razões teóricas e as componentes práticas da cidade de Bragança. Ao compreendermos a cidade como um organismo vivo, tomamos cada rua como uma estrofe na construção de um poema sem fim, cada praça a representação da vida social do ser humano, onde os sonhos se fundem com as melodias urbanas. Não existe conclusão sem história, e no entender deste trabalho podemos retirar o valor do processo, do pensamento. E ao compreendermos o todo, como uma identidade coletiva, propusemos relacionar as partes, segundo um tema.

A memória é um tema bastante presente ao longo da dissertação, na arquitetura pensa-se ser importante a honestidade e autenticidade, ou seja, ao reabilitar um edifício que fez parte de uma linha cronológica da história da cidade, não é necessário falsear a época em que foi construído, a fim de repaginar uma narrativa, e assim criar memórias, apoiada na estratégia conceptual da técnica japonesa que se chama “Kintsugi” que resume o pensamento que governou o projeto apresentado, derivando o título da dissertação, a metamorfose do património industrial como gerador de oportunidades.

A proposta de reconversão da moagem Mariano, num primeiro momento, surgiu como uma inquietação de quem encara diariamente a megaestrutura, que ao longo do tempo de pesquisa se tornou familiar e melancólica. Tomada a consciência da complexidade da ação a que nos propúnhamos, desenvolvemos uma ação que nos permitiu aprofundar o tema da indústria na escala da cidade.

O trabalho passou por um processo laboratorial, e ensaio e maturação, de um pensamento consciente na contemporânea revitalização de edifícios industriais, a fim de assegurar memórias e criar novos usos. Reconhecida a condição expectante do lugar de intervenção, como um edifício votado ao abandono, erguendo como uma barreira urbana na cidade, processualmente fizemos um “zoom out” e identificamos uma promissora potencialidade de regeneração urbana.

A contextualização do lugar, a exploração da evolução, tanto no domínio físico com social, aliado às dinâmicas atuais da cidade com o programa Polis, obtivesse um olhar assertivo sobre a escolha do programa destinado à proposta de intervenção.

Pesquisou-se sobre a cultura, um elemento vital no florescimento e coesão da sociedade, e constatou-se a ausência da sétima arte na capital do distrito, que sendo uns dos problemas superados.

Acima de tudo procurou-se refletir sobre a ideia de regeneração de uma cidade através da singularidade de uma peça de arquitetura, em união com a tradição, atrair e afirmar Bragança numa dimensão que o programa Polis não conseguiu.

Verificou-se crucial entrar na atmosfera cinematográfica, e perceber qual a relação que esta tem com a arquitetura. Sendo que compartilham uma conexão profunda e intrínseca, ultrapassando a mera representação visual, um reflexo da experiência humana, apropriam-se do espaço e do tempo. O cinema influencia os estilos arquitetónicos, e a arquitetura torna-se protagonista no cinema, cada detalhe arquitetónico constrói um contexto, dá significado a trama, silenciosamente num roteiro visual.

É interessante como a percepção sobre a narrativa altera, através da arquitetura. No fundo, a criação de espaços arquitetónicos tem a intenção de provocar sensações, um edifício é um conjunto de cenários moldáveis, e nós, seres humanos, somos atores da vida real.

Ao reabilitar um edifício é fundamental conhecê-lo ao detalhe, e esse foi um dos desafios no edifício proposto, uma vez que se envidaram esforços, contudo, ficou-se por ver e vivenciar o seu interior. Ao qual tentou-se colmatar por via de levantamentos fotográficos, visita e permanência no local, percebendo as relações que teve com o entorno ao longo do tempo.

Numa dessas visitas surgiu a ideia de projetar algo que rasgasse, com a imposição ao qual foi submetido, fazer com que a sua presença volte a ser notada, o corpo estranho que cai sobre o terreno coopera com o preexistente, não luta contra ele, Aikido.

Em concreto procurou-se invocar a história, a cultura e a memória do lugar.



Figura 175 Desenho abstrato da ideia (autora)

“A grande arte não é decorativa”
Graça Morais

Bibliografia

- Afonso, A. M. (2002). *A construção de uma Identidade*. Arquivo Distrital de Bragança : Trás-os-Montes e Alto Douro, Bragança .
- Afonso, A. M. (2019). *Bragança. Das Origens à Revolução Liberal de 1820*. Bragança: Município de Bragança.
- al., A. M. (2019). *Bragança. Das Origens á Revolução Liberal de 1820*. Bragança: Município de Bragança.
- Alves, F. M. (1938). Memórias Arqueológico-Históricas. Em F. M. Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas* (p. 872 p.). Bragança: Porto,.
- André, P. (2017). Linha do Tua e Variante de Bragança. *Train Spotter*, 40.
- André, P. (Edição n.º 54 | Fevereiro de 201). Linha do Tua e Variante de Bragança. *Train Spotter*, 40.
- Anfonso, A. M. (2019). Bragança. Das Origens. Em A. M. Armando, *Bragança. Das Origens* (pp. 1-50). Edifício CEPES: OOF Design.
- Bachelard, G. (2008). *A Poética do Espaço*. França: Martins Fontes.
- Balakian, A. (1987). *Surrealism Road To The Absolute*. Inglaterra: THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS.
- Botelho, J. (1999). *Cinema e Arquitectura*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa Museu do Cinema.
- Caldeira, Á. (05 de Março de 2016). Cinema Torralta. Uma sala mítica que ardeu. (A. d. Sousa, Entrevistador)
- Câmara Municipal de Bragança. (2004). *Bragança- Um Olhar Sobre a Cidade*. Bragança.
- Casa-Nova, M. J. (2011). Bragança, Cidade-fortaleza setuada no extremo de portugal e castella. *Monomentos 32 Cidades Património Reabilitação*, 198.
- Cepeda, F. J. (2021). *Bragança no Século XX - Através da Imprensa Regional*. Bragança: Município de Brança.
- Costa, A. A. (2013). Lugares Praticados versus lugares de Memória N.º 1. *Património Urbano e Reabilitação*, 91.
- Deleuze, G. (1986). *O Pensamento do Cinema*. França : Les Éditions de Minuit.
- Domingues, Á. (2006). *Cidade e Democracia*. Argumentum.
- Fernandes, A. (2004). *Contrastes e Transformações na Cidade de Bragança 1974*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança.

- Fernandes, J. M. (2011). Bragança, a cidade dos meados do século XX, Planos, edificações, ideias modernizantes . *monumentos* 32, 200.
- Fernandes, J. M. (2012). Bragança, a cidade dos meados do século XX Planos edificações , ideias modernizantes. Em *Monumentos* 32 (p. 200). Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- Howard, E. S.-1. (1850-1928). *Garden Cities of To-Morrow Being the Second Edition of "To-Morrow: a Peaceful Path to Real Reform"*. Public domain in the USA.: Forgotten Books, 1960.
- Jacob, J. (1997). *CIDADES E VILAS DE PORTUGAL Nº 22 Bragança*. Lisboa: Editorial Presença.
- Jaque, A. G. (18 de Janeiro de 2024). *Centro de Criação Matadero, Madrid*. Obtido de Arquitetura Viva: Centro de Criação Matadero, Madrid
- Jemene, R. d. (20 de 01 de 2017). MATADOURO – MATADERO CAMADAS DE TEMPOS VISÍVEIS. CAMPINAS, São Paulo, Brasil .
- Lee Unkrich, A. M. (Realizador). (2017). *Coco: A Vida é uma Festa* [Filme].
- Lopo, A. P. (1984). *Bragança e Benquerença*. Bragança: INCM.
- Machado, C. (2011). Alfredo Viana de Lima em Bragança. *Monumentos* 32, 200.
- Machado, C. (2011). Alfredo Viana de Lima em Bragança. *Monumentos* 32, 200.
- Miranda, J. F. (Novembro de 2015). ARQUITETURA, PATRIMÓNIO E AUTENTICIDADE. *Doutoramento em Arquitetura*, p. 255.
- Moeda, D.-G. d.-C. (nov 2013). Revista Património Nº 1. *Revista Património*, 10.
- Moore, R. (2000). *Building Tate Modern: Herzog & De Meuron transforming Giles Gilbert Scott*. Londres: Galeria Tate.
- Nuno Portas, Á. D. (2003). *Políticas Urbanas. Tendências estratégias e oportunidades*., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, M. H., Ferreira, M. d., & Serra, J. B. (1982). *O LIBERALISMO NA PENÍNSULA IBÉRICA na Primeira Metade do Século XIX*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- Pinto, D., Sanches, M., & Nunes, S. (2007). As gentes e os ecossistemas, do Neolítico à Idade do Ferro. *SANCHES, MJ, NUNES, SA e PINTO, DP (2007), Trás-os-Montes (Norte de Portugal)– As gentes e os ecossistemas, do Neolítico à Idade do Ferro.*, p. 18.
- Pinto, T. A. (2017). Viana de Lima: O Ante-Plano de Urbanização de Évora, Portugal.
- Pires, C. V. (1984). Os Judeus no Distrito de Bragança. *Brigantia Revista De Cultura*, 309-523.
- Rebelo, D. D. (Outubro de 2008). BRAGANÇA. Coimbra, Coimbra, Portugal .
- Rebelo, D. d. (Outubro de 2008). Transformações Urbanas de uma Cidade. Coimbra, Coimbra, Portugal .

- Rodrigues, A. (1999). *Cinema e Arquitectura*. Lisboa: CINEMATECA PORTUGUESA MUSEU DO CINEMA.
- Rodrigues, L. A. (1995). *Bragança no século XVIII*. Bragança.
- Rossi, A. (2001). *A Arquitectura da Cidade*. Portugal : Edições Cosmos.
- Sales, F. (1950). *GODINHO, Januário- Plano de Urbanização da Cidade de Bragança* . Porto: s.n.,.
- Santiago, M. (2006). *EL MATADERO MUNICIPAL DE MADRID: LA RECUPERACION DE LA MEMORIA*. Madri: AITO.MADRI.
- Silva, V. C. (N.º 16 - Outubro/Novembro/Dezembro 2002 de 2002). Os caminhos-de-ferro como património cultural. *Pedra & Cal*, 52.
- Sousa, F. (2013). *Bragança na Época Cotemporânea (1820-2012)*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança .
- Sousa, F. d. (julho, 2013). *Bragança na Época Contemporânea*. Bragança: Camara Municipal de Brabança .
- Walter, B. (2013). *El Surrealismo*. CASIMIRO LIBROS.

Web sites

- Altamirano, R. (11 de Julho de 2014). *Archdaily*. Obtido de Cinema e Arquitetura: "A Origem": <https://www.archdaily.com.br/br/623842/cinema-e-arquitetura-a-origem>
- B, J. (6 de Maio de 2014). *hubpages*. Obtido de Bizantino vs Romano Hagia Sophia vs. Panteão: <https://discover.hubpages.com/education/Byzantine-vs-Roman-Hagia-Sophia-vs-Pantheon>
- Churtichaga, J. d., & Quadra-Salcedo, C. d. (11 de Janeiro de 2013). *Cinemateca Matadero / Churtichaga+Quadra-Salcedo Arquitectos*. Obtido de ArchDaily: <https://www.archdaily.com.br/br/01-91026/cinemateca-matadero-slash-churtichaga-plus-quadra-salcedo-arquitectos>
- Frearson, A. (28 de Maio de 2012). *Cineteca Matadero de Churtichaga + Quadra-Salcedo*. Obtido de DEZEEN: <https://www.dezeen.com/2012/05/28/cineteca-matadero-by-churtichagaquadra-salcedo/>
- G1. (26 de 01 de 2014). *Igreja no México resiste há 70 anos semienterrada por lava de vulcão*. Obtido de Turismo e Viagem: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/01/igreja-no-mexico-resiste-ha-70-anos-semienterrada-por-lava-de-vulcao.html>

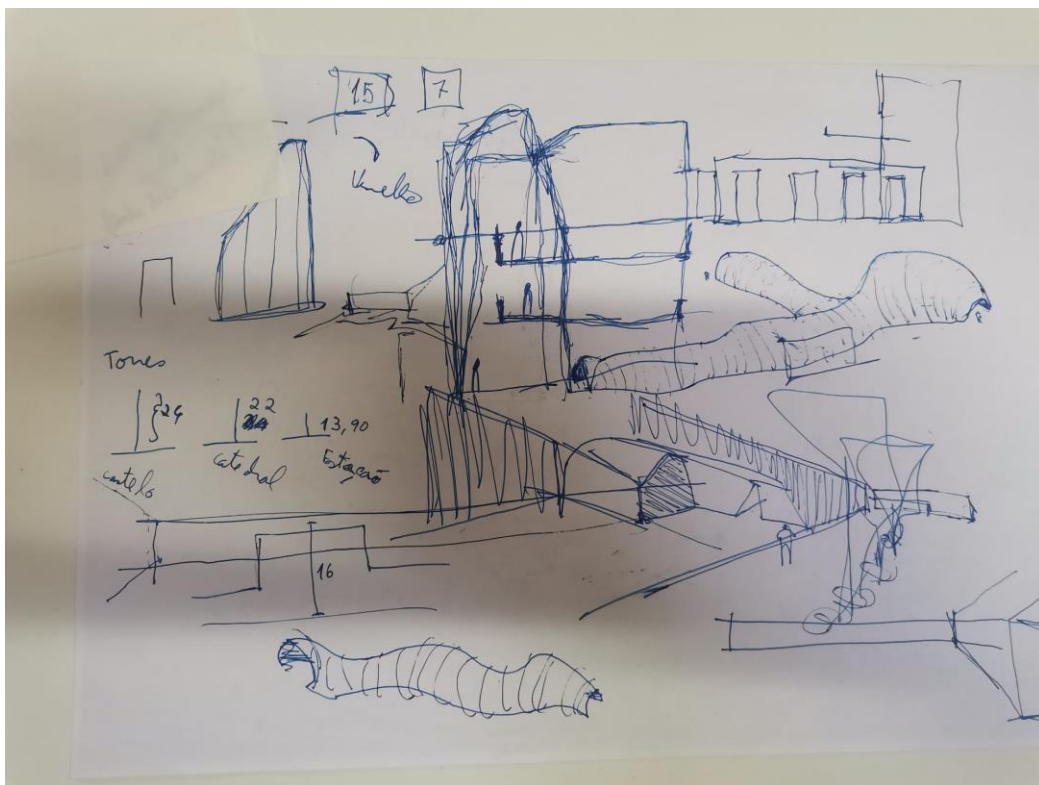
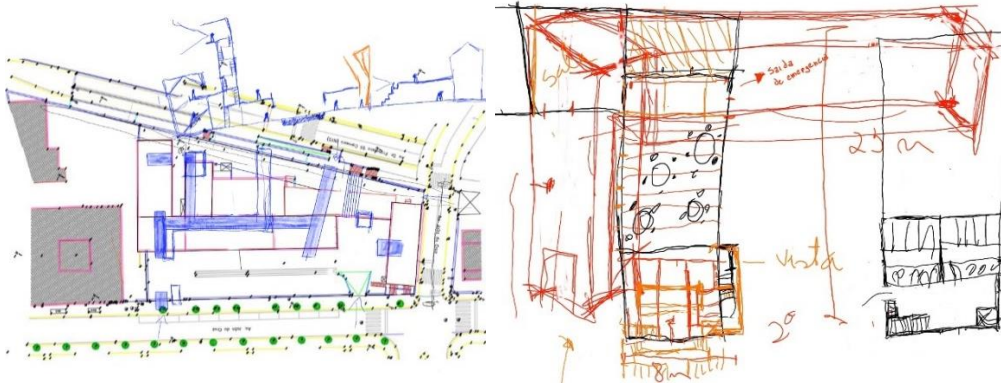
- Joson, J. (2022 de Março de 21). *Archdaily*. Obtido de "Switch House" de Herzog & de Meuron, pelas lentes de Bahaa Ghossainy: https://www.archdaily.com.br/br/977745/switch-house-de-herzog-and-de-meuron-pelas-lentes-de-bahaa-ghossainy?ad_campaign=normal-tag
- Just, P. M. (Realizador). (2021). *Coco: la historia de México a través de su arquitectura* [Filme].
- Majborodin. (s.d.). *Freepik*. Obtido de <https://br.freepik.com/autor/majborodin>
- MATADERO MADRID CENTRO DE CREACIÓN CONTEMPORÁNEA*. (s.d.). Obtido de Matadero Madrid: <https://www.mataderomadrid.org/que-es>
- UNESCO. (s.d.). *UNESCO Convenção do Património Mundial*. Obtido de Cidade pré-hispânica de Teotihuacan: <https://whc.unesco.org/en/list/414/>
- Nordeste, J. (18 de 12 de 2007). *Jornal Nordeste* . Obtido de NO TEMPO DAS MOAGENS: <https://www.jornalnordeste.com/noticia/no-tempo-das-moagens>
- Nunes, J. (13 de 06 de 2021). *Diário de Trás-os-Montes*. Obtido de Bragança no Século XX, através da imprensa regional IV: <https://www.diariodetrasosmontes.com/cronica/braganca-no-seculo-xx-atraves-da-imprensa-regional-iv>
- UNESCO. (2016). *UNESCO Convenção do Património Mundial*. Obtido de Cidade pré-hispânica de Teotihuacan: <https://whc.unesco.org/en/list/414/>

Dissertações

- Rebelo, D. D. (Outubro de 2008). BRAGANÇA. Coimbra, Coimbra, Portugal .
- Nascimento, E. J. (2008). O papel das políticas de requalificação urbana e ambiental: o caso do programa Polis em Bragança, Chaves e Viana do Castelo.
- Pradillo, I. C. (2017-2018). SEIS ARQUITECTURAS PARA RECUPERAR UN EDIFICIO OLVIDADO. EL TATE MODERN DE LONDES. Valencia : Universidad Politécnica de Valencia. Obtido de <https://riunet.upv.es>
- Pinto, T. A. (2017). Viana de Lima: O Ante-Plano de Urbanização de. Évora, Portugal.

Apêndices

Peças desenhadas, desenvolvimento da ideia, atmosferas e ambientes, outras maquetes.



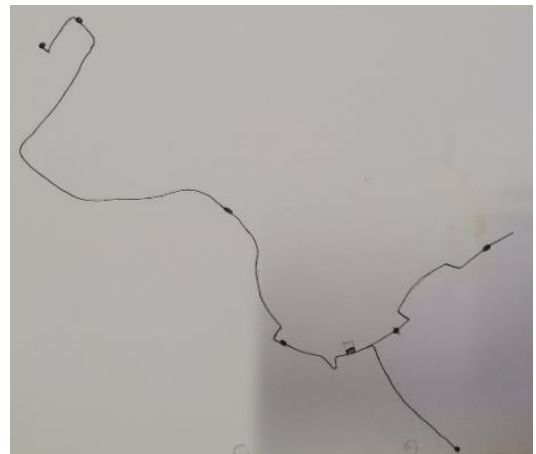
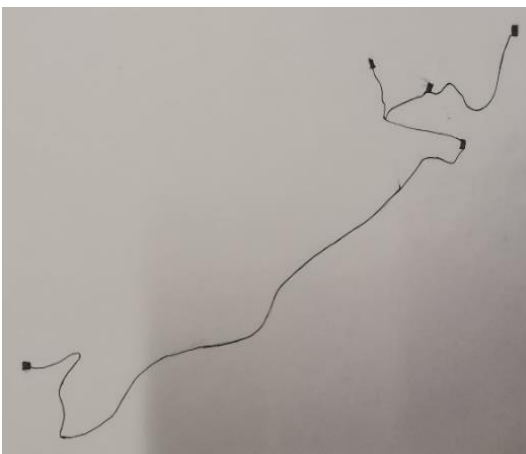
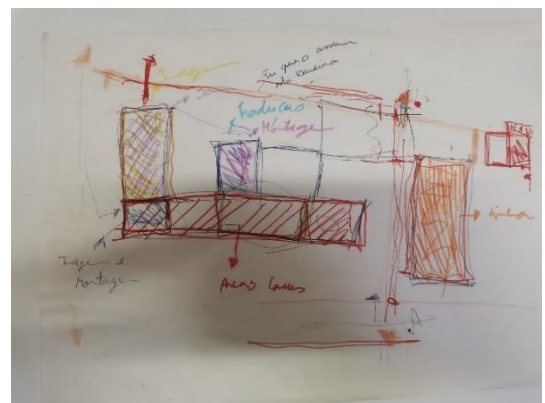
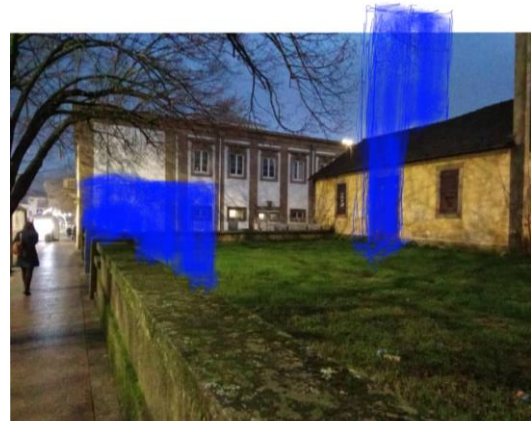




Figura 176 – Maquete Bloco da recepção, junto a Avenida João da Cruz

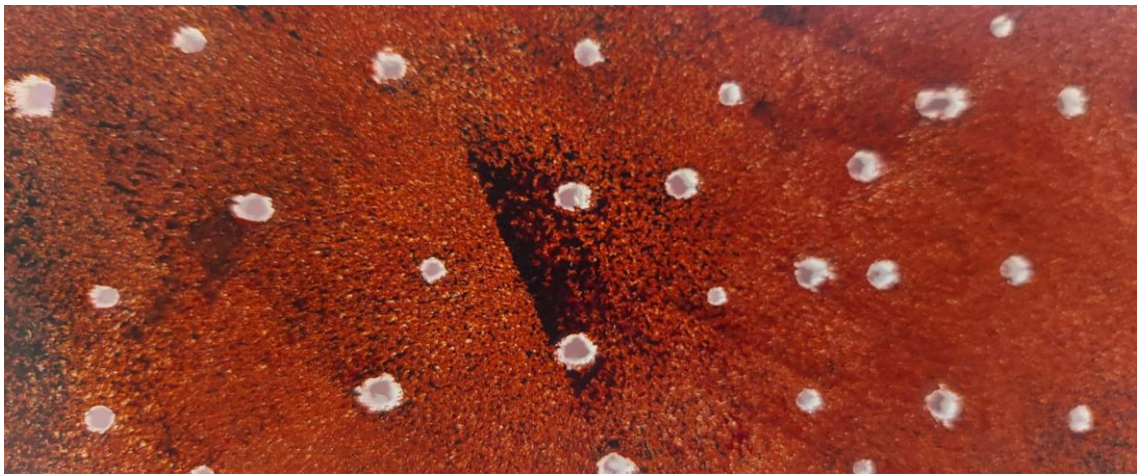
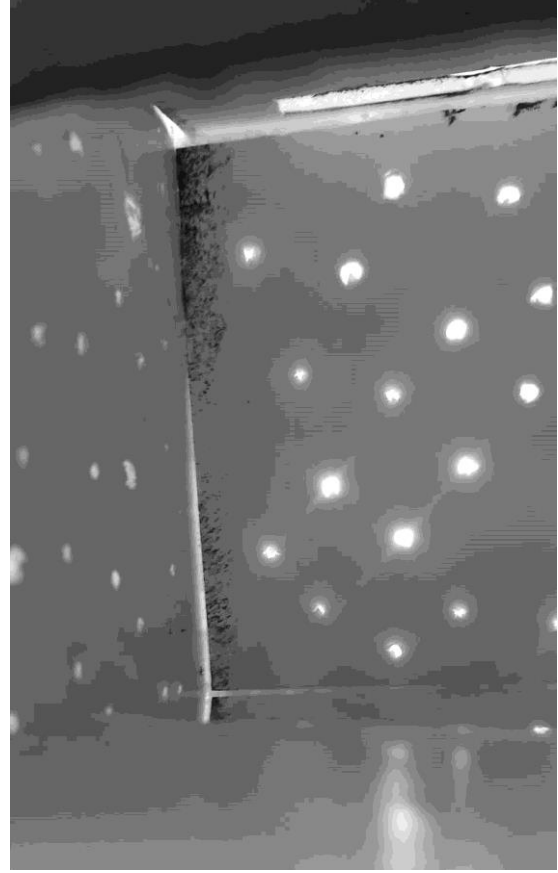


Figura 177 - Perfurações de Luz

Desenhos técnicos (Proposta)